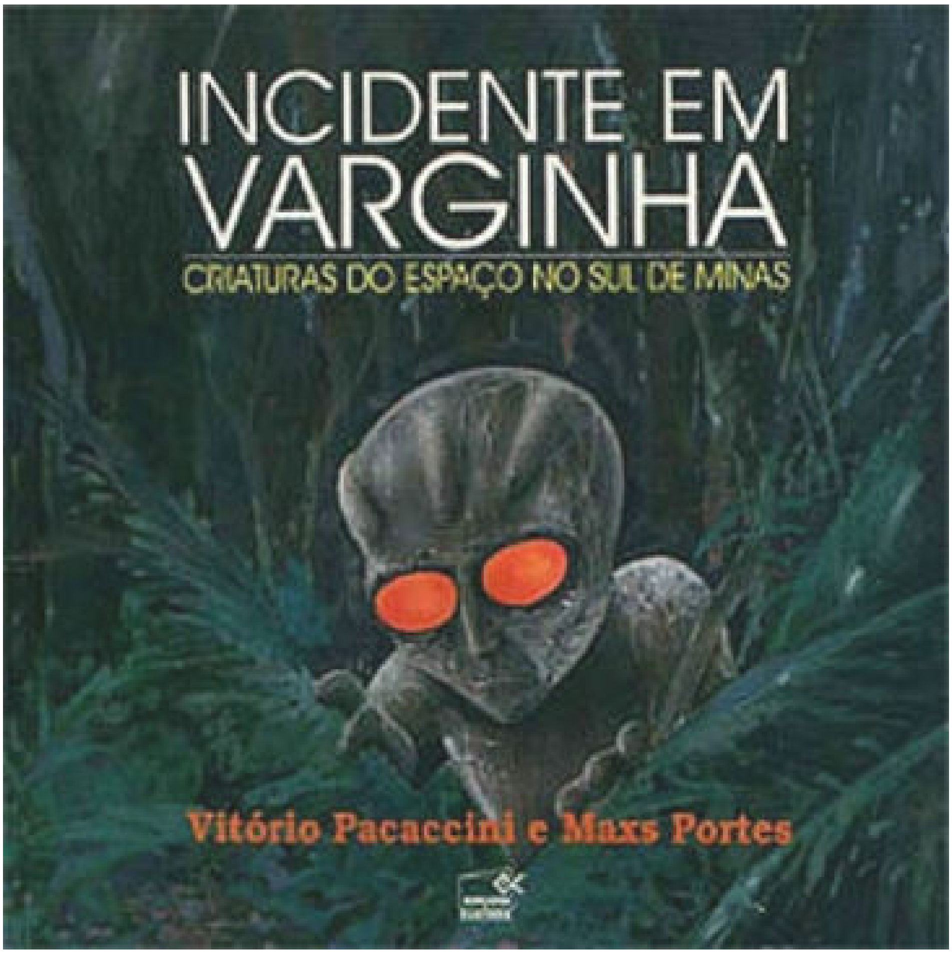

INCIDENTE EM
VARGINHA
CRIATURAS DO ESPAÇO NO SUL DE MINAS
Vitório Pacaccini e Maxs Portes

Incidente em Varginha
Criaturas do Espaço no Sul de Minas.

Vitório Pacaccini

Porque sempre houve por parte da população de um modo geral um pré-julgamento sobre pessoas que relatam fatos incomuns, considerando-as fantasiosas, místicas, fanáticas, desequilibradas mentalmente ou necessitadas de aparecer nos meios de comunicação? A verdade torna-se obscura sob os aplausos da ridicularização, do abjeto, do riso e da pilhéria. Assim, a maioria das pessoas se aquieta em silêncio abissal por receio e medo de expor a público suas, às vezes, difíceis e medonhas experiências de haver vivenciado algo estranho diante do inexplicado ou fora do padrão comum da mediocridade mundial.

Ao propormos escrever este livro sobre o incidente em Varginha que traz à baila mais uma vez o tema Objetos Voadores Não Identificados, seus tripulantes e todo o mistério nela inclusos, o fizemos com a preocupação de apenas relatar uma ocorrência real e verdadeira, em que pese ao temor das Forças Armadas de todo e qualquer país ao quererem se apropriar deste assunto, crendo que tais fenômenos ocorrem em virtude das armas mortíferas dos próprios seres humanos, seus inimigos, na beligerância do confronto armado, como se qualquer militar também não fosse humano.

Da mesma forma, procuramos excluir quaisquer princípios religiosos, se eles têm moldado padrões que em nada explicitam o poder do Supremo Criador de todas as coisas, uma vez que somente aos terráqueos coube a tarefa de criar normas doutrinárias e padrões éticos de acordo com os interesses e desejos dos fundadores de religiões.

Quisemos, como única preocupação, escrever sobre o óbvio, ou seja, sobre o que a humanidade vem testemunhando desde tempos remotos, que é a inserção dos extraterrestres no nosso planeta Terra, ponto minúsculo na imensidão das galáxias, vindo de onde vierem e sendo eles quem forem.

A Ufologia estudo dos OVNIS (Objetos Voadores não Identificados) ou UFOS (do inglês Unidentified Fying Objects) ou, se preferirem, OANIS (Objetos Aéreos não Identificados), a nosso ver está vivenciando, neste final do século XX, o seu maior momento de grandeza. Daí a acirrada controvérsia entre os cépticos e os que crêem. Mas a questão crucial não nos é apresentada como um simples acreditar ou não. A nós nos parece muito mais acertada a compreensão, ou seja, independente do crer ou não crer, e antes, portanto, da aceitação cega e absoluta sobre a evidência do fato que originou a inquietação, deixar prevalecer à procura do compreender (diante das perguntas, e sem que pesem as emoções), se determinado fato teve ou não a possibilidade de sua existência.

Não pretendemos expor aqui nenhum método de pesquisa ufológica, nem influenciar pessoas, nem mesmo provar que determinados planetas existentes no infinito de Deus são habitados por esta ou aquela raça. Não ousaríamos a tanto nem temos capacidade para isso. Nossa intenção única e tão somente é trazer à tona, sem subterfúgios e retóricas, um testemunho fiel de que alguma coisa diferente do que podemos julgar como *"normal"*

aconteceu em janeiro deste ano de 1996 na cidade de Varginha, localizada na região Sul do Estado de Minas Gerais, a 300 quilômetros da capital, Belo Horizonte. Culturalmente heterogênea, abriga inúmeras grandes empresas e indústrias. Com mais de 100 mil habitantes, há alguns anos ostenta o título de "porto seco" do café, cuja cotação mundial ali passou a ser feita.

Varginha está localizada na região das cidades de São Tomé das Letras, Três Corações, Pouso Alegre, São Gonçalo do Sapucaí, Campanha, Três Pontas, São Bento do Abade, Córrego do Ouro, Passa Quatro, Andrelândia e Alfenas, onde é comum a casuística de grande atividade de OVNIS, cujas aparições públicas são avistadas por milhares de civis e militares, deixando entusiasmados os ufólogos brasileiros e estrangeiros.

Mas, muitos daqueles que se dizem ufólogos, sem jamais se terem dado ao trabalho de desenvolver pesquisas de campo, seguindo trilhas, atalhos e caminhos difíceis à cata de testemunhas, arvoraram-se no mais depressa que puderam para se rotular donos da verdade sobre e das criaturas de Varginha.

Já se editaram livro e jornal. Palestras foram feitas em auditórios a preços extorsivos para uma platéia interessada no assunto, mas sem onde e como procurarem os Grupos Ufológicos fechados em seus casulos. Infelizmente, escutaram alongadas leréias explicativas sobre os "ETS de Varginha serem intraterrenos". Que a "tipologia dos ETS de Varginha" é igual a criaturas existentes aqui, ali, acolá...

A isto preferimos nos abster de comentar os *"vendedores ambulantes"* na procura de incautos, mas entusiastas do tema Ufologia, se a nós não pertence *criatura* nenhuma, nem nunca nos pertencerá.

Escrevemos este livro contando apenas o que se pôde amealhar em termos de pesquisas junto a testemunhas civis e militares, ao deixarmos nossos afazeres profissionais para nos ater sobre um incidente ocorrido. E nada mais.

O nosso trabalho também tem o propósito de agradecer aos que tiveram conosco a paciência de nos receber em seus domicílios, seus escritórios e nos terem aguardado quando de encontros furtivos para nos darem seus testemunhos amparados na confiança e no respeito em nós depositado.

E se mais escritos houver em relação ás criaturas do espaço em Varginha o que certamente deverá ocorrer serão, ou um prolongamento do que até aqui fizemos (e isto deverá ser recebido de bom grado e aplausos), ou meras conjecturas de ensimesmados senhores em seus devaneios claustrais que embarcaram em canoa furada, ansiosos por navegar nas ondas de seus próprios e minúsculos oceanos de palavras, apensos ás ondas dos seus naufrágios ou, se preferirem uma outra imagem que lhes assentem melhor na postura... a de não possuírem asas para um vôo maior senão o de cuidarem, depois, dos destroços de suas perdidas ilusões ao almejarem se projetar à sombra do que é de todos e Universal, ou seja, a procura da bastante compreensão sobre os Objetos Voadores não Identificados e seus tripulantes.

O nosso relato se prende ao primeiro semestre deste ano e pelo fato de quatro pessoas, as meninas, Kátia Andrade Xavier (22 anos), as irmãs Liliane Fátima da Silva (16 anos), Valquíria Aparecida da Silva (14 anos) e dona Terezinha Clepf (67 anos) terem avistado uma criatura diferente dos padrões que entendemos como "ser humano" sendo diferente de qualquer outro animal conhecido.

Poderiam elas próprias, a bem da tranqüilidade pessoal, ter assumido um silêncio de comum acordo e não divulgar coisa alguma. Enfrentaram a zombaria da opinião pública, as críticas de cépticos, as ironias dos religiosos, as ofensas de pessoas inescrupulosas, além de mexericos e gracejos de todas as formas e fundo, a ponto de quaisquer outras pessoas serem demovidas de tais testemunhos e fazerem a retratação com efusivas desculpas pelo engano. No entanto assumiram, com retidão e honradez, o que avistaram independentemente do julgo de uma plebe ávida por execração e em regozijo pelo jocoso.

Portanto à Kátia, Liliane, Valquíria e dona Terezinha Clepf, dedicamos este livro.

Vitório Pacaccini

Belo Horizonte, agosto/outubro de 1996.

Capítulo 1

É ridículo e de uma pretensão desmedida, fazer do homem o centro do mundo, considerando-o como um ser único e supremo quando o Universo comporta 100. 000 milhões de milhares de estrelas.

Prof Harlow Shapley

Meu interesse pela Ufologia vem do tempo de criança, em Três Corações, influenciado por meus pais, Eduardo Tavares e Rosa Pacaccini os primeiros adeptos da Ufologia que conheci, pois antes mesmo do meu nascimento, quando ainda namorados, o que lhes dava maior prazer era assistirem ao seriado de *Flash Gordon* que, saindo das páginas dos gibis de 1934 criação do desenhista Alex Raymond inaugurava, em 1936, a ficção científica nas telas do cinema, com Larry Buster Crabbe (o nadador) tornando-se herói espacial na luta contra o pérfido ditador Ming em meio às estranhas paisagens do planeta Mongo, e Jean Rogers (como a personagem Dale Arden).

Lembro-me de que na vasta biblioteca de nossa casa havia um livro de capa azul intitulado *Discos Voadores,* de Desmond Leslie e George Adamski, investigadores da década de 50, e que trouxeram à baila o assunto de modo o mais especificado possível para a época. Conhecido mundialmente, esse livro mostrava um disco voador na capa e, nas páginas de dentro, algumas fotografias de objetos voadores não identificados. Ele chamava a minha atenção de menino, e sua leitura era muito confusa para mim, mas, por outro lado, dava-me um enorme e sempre renovado prazer em folheá-lo repetidas vezes.

Do nosso aparelho de televisão Colorado RQ, em preto e branco, com antena externa e todos os fantasmas possíveis e inimagináveis, além de um som pleno de chiados e ruído, o que havia de melhor para nós eram as noites festivas quando passavam os seriados *O Túnel do Tempo, Viagem ao Fundo do Mar, Jornada nas Estrelas, Perdidos no Espaço* e *Os Invasores,* além de qualquer outro filme de ficção científica. Após assistir a eles em quase estado de êxtase, mesmo naquela pobreza de som e imagem, ficávamos em costumeiros comentários futuristas, sem ao menos perceber a proximidade do próprio futuro acontecendo em nossas vidas através do avanço científico e tecnológico, a culminar com o que nos parecia impossível: se do raio de luz emitido pela arma de *Flash Gordon* surgisse o raio laser de agora; da parafernália de luzes piscando no comando das mais diversas naves alienígenas figurativas do cinema, ao computador de hoje. E contar das figuras irreais de seres com estranhas vestimentas, a um projeto Apolo, não foi surpreendente?

Não seria, pois, muito estranho perceber que, se houve tamanho avanço da inteligência humana em tão pouco espaço de tempo, também em proporções relativas pudesse haver em outra dimensão no tempo-espaço de mundos paralelos ou intergaláticos tal similitude, respeitada os conceitos da evolução de uma raça?

Imaginarmos um estranho **objeto voador** vindo do espaço a uma incrível velocidade e dele desprender-se outro menor, com quatro pés sustentando um corpo de formas imprecisas; e ao pousar em chão firme dele saírem dois seres assemelhados a humanos, com cabeças de um único olho igual ao de um inseto e a refletir um ponto azul que ficara distante no escuro espaço; quem diria real a imagem destes dois seres, aos pulos de euforia e chamados Neil Armstrong e Edwin Aldrin, comemorando em 20 de junho de 1969 o primeiro pouso do homem na Lua? Também não seria ficção?

Ou ficções foram os inúmeros relatos bíblicos, sendo o de melhores minúcias o de Ezequiel, 1 4: E V4; *e eis que vinha da banda do aquilão um torvelinho de vento, e uma grande nuvem, e um globo de fogo, e ao redor dela um esplendor, e no meio dele, isto é, no meio do fogo, via-se uma espécie de metal brilhante...* E por vários versículos?

Ficção de um cinema inexistente? Literatura de ficção cientifica em tábuas de ceras e pergaminhos, ou simplesmente lendas tribais passadas de pai para filho num tempo em que a escrita era privilégio de uma casta de nobres? E, assim mesmo, como descrever sobre uma tecnologia avançada para os padrões culturais de um povo convencido de ser a Terra o centro do Universo?

Hoje acredito que, de todos os membros da minha família, fui eu quem prosseguiu com maior interesse por fenômenos espaciais, acreditando cegamente na existência de um só princípio criador, tanto em relação a nós, terráqueos, quanto aos de outras partes do Universo.

Afinal, se sabemos da existência de bilhões de estrelas somente na nossa galáxia e de outras tantas ao redor da nossa, astrônomos famosos como Carl Seagan e muitos outros já demonstraram, por várias pesquisas, da possibilidade de outros planetas, mesmo dentro da nossa galáxia poderem sustentar vida conforme nós a concebemos.

Imaginar, no entanto, que o homem está sozinho no Universo e que somente ele é um espécime vivente mais avançado somente por estabelecer linguagem, comunicação verbal e desenvolver tecnologia inclusive a espacial com destino a outros planetas não é inteligentemente aceitável a concepção de que somos a semelhança de Deus. E nem este é o caminho mais acertado para melhor entendimento do Cosmo. Por que a insistência de muitos em querer estender uma discussão que não levará a lugar nenhum, apenas em se tratando de argumentos que a raça humana é superior à raça animal, por sermos mais desenvolvidos em relação a eles? Ora, é provado nos dias de hoje através do Projeto Genoma, que está mapeando o DNA humano e de outras espécies, que as cadeias de genes compondo o nosso DNA também se encontram nos de plantas e de peixes ou seja, praticamente em todos os seres vivos, incluindo os microscópicos como bactérias e protozoários.

Isso nos leva a crer, portanto, do quanto a nossa raça apenas evoluiu na Terra mais que as outras. Porém, há pouco sabemos do meteorito de Marte, o Allan Hills 84001, contendo glóbulos minerais de carbono, que seriam resultados de microorganismos, onde pesquisadores e cientistas afirmam ter encontrado evidências de vida; além da coincidência de agora haver a notícia por parte da NASA, que fotos foram tiradas pela nave Galileo, revelando novas evidências da possibilidade de vida extraterrestre e que, pela desconfiança dos cientistas, de haver um oceano debaixo da calota de gelo que cobre quase toda uma das quatro maiores luas de Júpiter (planeta 1,4 mil vezes maior que a Terra), dentre as mais de dezesseis já descobertas, e de nome Europa! Se os cientistas crêem que as fotos enviadas são capas de gelo quebradiças próximas a igualar se ás da calota polar ártica da Terra, então são necessárias três coisas básicas para que a vida possa existir: água líquida, calor (que Europa pode ter, havendo gelo derretido) e química orgânica normalmente transportada por meteoritos que atingem os planetas como ocorreu na Terra!

A incrível e recente descoberta do Físico russo Eugene Podkletnov, Professor da Universidade Finlandesa de Tampere, trabalhando em suas pesquisas com materiais supercondutores que têm a menor resistência à passagem de energia elétrica foi por haver recebido em seu laboratório a visita de um dos seus colegas, também cientista, que lá chegou fumando. A fumaça do cigarro, ao passar sobre o seu experimento, começou a subir, como se aspirada rumo ao teto. Ao procurar explicação para o acontecido, Podkletnov colocou uma bola de golfe acima do experimento, pendurada em uma balança sensível. O que jamais ousaria pensar é que estava ocorrendo ali, naquele momento, a mais fascinante descoberta para resultados práticos num futuro muito próximo: a bola de golfe perdera 2% de seu peso. Duplicando a experimentação, obteve 4%, tendo o mesmo resultado ocorrido com outros objetos de materiais diferentes. Podkletnov percebeu que o seu experimento estava criando um escudo antigravitacional resultado da força de vários anéis supercondutores funcionando de uma maneira semelhante ao que acontece no ímã cujo campo gravitacional resulta em milhões de partículas magnetizadas, orientadas na mesma direção. Ora, sendo assim, nos supercondutores a rotação, numa determinada velocidade, faz com que as partículas do material criem um minúsculo campo gravitacional magnético. Mas o Físico teórico do Instituto Max Planck o mais respeitado centro de pesquisas da Alemanha, Giovane Mondanese, acredita que o fenômeno, agora descoberto, seja o resultado do que Albert Einstein imaginou em 1915 (!), ao conceber a Teoria da Relatividade: se a força da gravidade e a velocidade de rotação de uma massa forem

suficientemente grandes, será possível moldar e distorcer as dimensões de espaço e tempo, até invertê-las. Assim, então, o homem poderá deslocar-se através das horas e dos dias como se fossem metros e quilômetros.

Portanto, tal descoberta de Podkletnov, acontecida neste ano de 1996, com detalhes do experimento saindo nas edições do mês de outubro do *Jounal of Physics & Applied Physics,* do Instituto Britânico de Física, agitam os meios científicos além dos alemães, dos laboratórios da Itália, do Canadá e da Índia tentando reproduzir o experimento, cujos resultados demonstram por demais animadores. Dessa forma, inusitada (e qual descoberta não foi assim?), Podkletnov, criando uma máquina capaz de desafiar a gravidade, está acordando o imaginário da ficção científica, não somente dos amados por meus pais, porém um mais recente filme: *Blade Runner,* com cenas inesquecíveis de carros e motos flutuando entre prédios.

E Ronald Koczor, atual Engenheiro Chefe da Nasa afirmou que *"se o efeito antigravitacional é real, queremos ser os primeiros a dominá-lo".* Sendo assim, muito brevemente poderemos fazer o mesmo que as *criativas* do espaço já sabem fazer há milênios. Mas estaremos copiando-as nos seus inventos, ou não seria mais uma parte da nossa *memória coletiva* despertando para o possível?

Desta forma, no avanço natural como a Ciência caminha ainda que aos tropeços das descobertas, certamente também haverá o dia das viagens espaciais com humanos a bordo e cobrindo anos luz de distância da *nossa* Terra, abrindo uma janela para outras dimensões, cuja realidade, como a conhecemos hoje (e impensada ontem), nunca mais será a mesma.

Creio oportuna a citação de um texto do ufólogo fluminense, Marco Antônio Petit, a nos avisar de termos em mente que o nosso Universo, com bilhões de galáxias, pode não ser mais que uma única célula em uma estrutura ainda maior Por mais que busquemos mensurar os limites do eterno, tal tarefa estará sempre por ser realizada. Não temos a capacidade de compreender o Todo, mas certamente a partir de nossas tentativas, que o Eterno, Deus, o próprio Universo, conhece e conhecerá a si mesmo. Somos seu único e invariável caminho. Portanto, não temos o direito de nos autodestruirmos, pois se fizermos isto estaremos limitando as próprias percepções da “Divindade Maior”.

Ao sair de Três Corações, fui para Stillwater, no Estado de Minnesota, no Norte dos Estados Unidos. De lá, mudei-me para Burlington, no Estado de Vermont fronteira com a província de Quebec, no Canadá. E, tempo depois, vivi na parte francesa do Canadá, Montreal, província de Quebec, em convívio com a família Rippon, cujo chefe eu carinhosamente chamava de pa4 um engenheiro que fazia parte da equipe Barrel Team trabalhando em uma divisão da General Eletric, onde desenvolviam várias tecnologias de ponta. Na época estava sendo preparado o avião caça F 16 com a metralhadora de seis canos rotativos Vulcan, que dispara 100 tiros por segundo.

Maior interesse houve da minha parte em conhecer um pouco mais da capacidade humana em criar alicerces para o amanhã, sendo meu pai uma pessoa com estreita relação de convívio com outros cientistas, inclusive membros da Nasa, que estiveram envolvidos em programas espaciais desenvolvendo satélites. Com alguns deles tive a oportunidade de

conversar e ouvir histórias sobre o desenvolvimento espacial, se havia até quem estivera com Von Braun, o alemão que desenvolveu a bomba V2 para Hitler e que, ao término da Segunda Guerra Mundial fora para os Estados Unidos, sendo mais tarde o principal responsável pelo projeto Apolo.

Tal convivência com estes homens foi um valioso estímulo para aguçar minha curiosidade e meus conhecimentos sobre ciência e tecnologia.

De retorno ao Brasil, e cursando, em 1980, a Pontifícia Universidade Católica, onde me formei em Administração de Empresas e Ciências Contábeis, com pós-graduação em Comércio Exterior, fui aluno do professor Húlvio Brant Aleixo, emérito professor de Psicologia Aplicada à Administração. Sempre um mestre atencioso, dele são agradáveis as minhas lembranças em sala de aula. Um dia, ao sabê-lo ufólogo, contei-lhe de meu interesse e fiz menção do livro de Desmond Leslie e George Adamski.

Pouco tempo depois me convidou a conhecer o acervo ufológico do grupo CICOANI que fica guardado em sua residência. Fiquei impressionado com a seriedade do trabalho do grupo. Não imaginava o quanto a pesquisa ufológica fosse tão rica, com dois arquivos em 15 metros quadrados de área de estudos, 2.550 eslaides, 70 mil recortes de jornais e revistas, 400 fitas com entrevistas e mais de 150 livros sobre Ufologia editados em diversos países, além das fichas catalogadas de relatórios feitos quando no retorno das mais de 3000 expedições de campo para pesquisas onde houvera avistamentos de fenômenos aéreos não identificados.

Da nossa convivência e conversas nos intervalos das aulas, a cada dia crescia o meu entusiasmo de aprendizado. Num parêntesis, e por justiça a ele, menciono um fato desagradável e de terrível ofensa a sua pessoa, quando certas gentalhas na Universidade movidas por interesses subordinados à mesquinharia de suas mentes, armaram verdadeira armadilha contra o mestre, alegando a negligência de seu programa de ensino em favor dos pregoes sobre pesquisas ufológicas em sala de aula. Bandalheira das grossas de quem aspirava ascender a lugares melhores na própria Universidade, porque meu mestre jamais se dera ao capricho de mencionar ao menos mencionar suas pesquisas extracurriculares. Ao contrário, éramos nós seus alunos que pedíamos que nos contasse de seu trabalho e nos revelasse fatos, o mínimo que fosse. Mas a grandeza do mestre superava seus íntimos desejos de se estender horas a fio sobre um assunto de sua predileção. Enquanto professor de Psicologia Aplicada à Administração, o foi em todos os horários na sala de aula. Ainda assim, afastaram-no, com uma acusação sem suporte legal nem argumento favorável. Atitude que denota, na pobreza de espírito, o saciar da fome dos invejosos.

Com ele comecei a dar os meus primeiros passos na pesquisa ufológica, sendo apresentado ao Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados CICOANI, primeira associação do gênero criada na América Latina, fundada em 1954, nove anos após a Segunda Guerra Mundial. Portanto, um grupo antigo, fazendo pesquisas muito antes da aviação ter quebrado a barreira do som; da existência do primeiro satélite artificial russo, o Sputinik; do raio laser e do hoje tão popular computador pessoal, sugerido na década de 40 apenas como um produto de ficção científica.

Iniciei a minha participação nas reuniões do grupo em 1980 e tornei-me membro efetivo, conhecendo os mais extraordinários casos que o grupo havia pesquisado antes da minha chegada. Acompanhando as expedições tanto de noite quanto de dia, adentrando-me em lugares de difícil acesso, viajando por estradas de terra, embrenhando-me por matas cerradas, escalando montanhas, atravessando rios arriscando a vida a fazer vigília ou à cata de testemunhas que diziam ter avistado algum fenômeno aéreo não identificado.

Com o professor Húlvio sendo ele um psicólogo extremamente habilidoso, comecei a aprender técnicas de entrevistas ou em como conduzir testemunhas para as revelações das ocorrências, extraindo delas apenas a verdade e eliminando qualquer outra inserção do que fosse místico, religiosidade, folclore ou mentira pura e simples. Do próprio professor Húlvio, temos o melhor resumo deste trabalho. *"Abordar observadores de Objetos Aéreos não Identificados, OANI, coletar os dados de suas experiências, interpretá-las em busca de uma objetividade são tarefas que requerem aplicação de técnicas psicológicas, as quais, por sua vez, implicam o uso de técnicas estatísticas, principalmente as de amostragem e correlação. Sendo o problema OAIVI de amplitude planetária, seus dados poderão ser significativos na medida em que, originários de diferentes áreas geográficas e culturais, revelarem uma inter-relação consistente".*

CAPÍTULO 2

O homem deve seguramente acreditar que o incompreensível se tornará compreensível, ou então ele deixará de procurar.

W. Goethe

Na manhã de domingo, dia 11 de fevereiro de 1996, ao buscar com o jornaleiro meus jornais e revistas, deparei a notícia, no *Estado de Minas,* sobre três meninas que avistaram uma estranha *criatura* acreditada como um extraterrestre. Além da fotografia delas, havia a do ufólogo e advogado Ubirajara Franco Rodrigues, daquela cidade, confirmando a veracidade dos fatos.

À noite, em meu apartamento, assisti ao programa *Fantástico,* da *Rede Globo de Televisão,* abordando o mesmo assunto, porém não muito elucidativo, apenas colhendo depoimentos de Kátia de Andrade Xavier, 22; e as irmãs Liliane Fátima da Silva, 16; e Valquíria da Silva, 14, no local onde avistaram a *criatura.* Mais o depoimento do Ubirajara, noticiando que havia boatos sobre a possibilidade do envolvimento do Corpo de Bombeiros e do Exército de Três Corações, conhecido como Escola de Sargentos das Armas.

E logo a ESA com um contingente de mais de três mil homens considerada excelente escola do Brasil, sendo este um dos poucos países no mundo a treinar sargentos. Em outros países geralmente o sargento é promovido apenas por ser cabo e ter prestado mais um período de serviço. Na década de 50, o governo brasileiro criou-a, por entender que o sargento é o elo de ligação entre a tropa e o comando; justo porque a teoria fora provada na prática, pelo desempenho dos nossos pracinhas na Segunda Guerra Mundial.

À simples menção desta Escola, a mim me parecia que o caso de Varginha tomava corpo extraordinário em relação a outros tantos pesquisados na Ufologia brasileira.

Resolvi que deveria convocar os membros do *CICOANI* para uma reunião em meu apartamento, marcada para o dia 13, terça-feira, justamente para definirmos se também iríamos ou não investigar aquele acontecimento. E, em havendo acordo coletivo, determinarmos qual seria o nosso roteiro de trabalho. Além do que, cada a proximidade do Carnaval, estava mesmo pretendendo passar uns dias com os meus familiares em Três Corações, cidade a 25 quilômetros de Varginha, no Sul de Minas.

Na tarde de terça-feira, ainda em Belo Horizonte, e sem deixar transparecer meu interesse ansioso, comecei a telefonar para os amigos em Três Corações e os de cidades limítrofes, solicitando um levantamento sigiloso sobre até onde poderíamos constatar a veracidade do acontecido, principalmente porque a ESA tinha sido citada nas reportagens e cuja entidade, desde o meu tempo de menino, sempre fora de meu conhecimento em seu interior, se ali concluí um curso de equitação e eventualmente a Escola ficava aberta nos dias festivos como do Soldado, da Pátria ou em algumas comemorações especificas, para a visitação dos grupos escolares. Muitos dos meus amigos passaram por ela cumprindo apenas o período de alistamento e, outros, preferindo seguir a carreira militar.

Na reunião, ás 19h00, com a presença do professor Húlvio, do Manoel Simões Neves membro do grupo há 23 anos, fotógrafo profissional e responsável pelas fotografias e slaides do CICOANI e sempre presente nas expedições de campo e de dona Miraci Santana Guy, outro membro antigo com quase 30 anos de trabalhos prestados ao grupo e residente em Nova Lima, cidade periférica de Belo Horizonte.

Sendo eu um dos mais novos dos membros do grupo e tendo por diversas vezes assumido o trabalho de campo justamente por minha condição física e faixa etária, além da disponibilidade de tempo por ser solteiro e ser do Sul de Minas, achei que deveria me voluntariar, reportando-me ao grupo quando necessário.

Na manhã da quarta-feira viajei, antecedendo o sábado de carnaval, porque as estradas estariam ainda vazias. E como o mês de fevereiro está na época de muita chuva no Sul de Minas sendo a Rodovia Fernão Dias muito perigosa em virtude de sua péssima conservação, pior estaria com o maior volume de tráfego de veículos no feriado.

Quarta-feira, dia 14 de fevereiro, já em Três Corações, fiz o meu primeiro contato telefônico com o Ubirajara, sem deixar de mencionar o CICOANI e o professor Húlvio. Muito cordial e receptivo ao telefone, cumprimentei-o pelo trabalho de pesquisa em que estava empenhado, colocando-me ao inteiro dispor para ajudá-lo no que fosse necessário. Por causa da nossa proximidade, achando-se Três Corações, em média, a vinte minutos de carro de Varginha, marcamos um encontro para a sexta-feira, dia 16 de fevereiro, quando eu iria até ele.

Ainda na mesma tarde recebi um telefonema do "Sérgio", um amigo, avisando-me ser possível apresentar a mim um militar que estivera diretamente envolvido na captura do estranho ser. Teríamos, no entanto, de nos encontrar tarde da noite, e em uma estrada

secundária, justamente para que a testemunha não fosse avistada por qualquer outra pessoa alheia aos nossos interesses. E gravei o seu depoimento.

Na manhã do dia 20 de Janeiro, aproximadamente às 8h30, um telefonema anônimo avisou a 134 Companhia do Corpo de Bombeiros que um animal estranho estava no bairro Jardim Andere. Não tardou que chegasse uma viatura com quatro membros do Corpo de Bombeiros comandados na ocasião pelo major Maciel.

Traziam os equipamentos necessários para aquela finalidade: redes, luvas, cordas e outros para o caso de ser necessário usá-los. Percorreram o local e, na Rua Suécia, defronte ao número 3, há um barranco e, logo abaixo, passa a linha férrea. Depois desta começa uma pequena mata fazendo divisa com o bairro Santana. Alguns adultos e crianças que estiveram observando a *criatura* tendo algumas delas jogado pedras, fazendo com que ela descesse o barranco e entrasse na mata continuaram a acompanhar a movimentação dos bombeiros.

Aproximadamente às 10h30, eles a encontraram. Tinha os olhos grandes, vermelhos, iguais aos de sapo. Mas os olhos não ficam para dentro, tais quais os da gente. São para fora, sem pupila nem cílios, nem pálpebras. A boca é só um pequeno rasgo e dois furos no lugar do nariz. Também não tinha orelhas. Só três caroços saindo dos lados e do centro da cabeça. Era uma *criatura* estranha, com os pés grandes e desproporcionais ao corpo, que também não tinha roupa e, nem assim, deu para saber seu sexo. Tinha era uma *barriguinha saliente.* E essa *barriguinha saliente* foi motivo de mais boataria na cidade sobre o *ET grávido.* Sem fazer resistência alguma, estava aparentemente abobada (apenas emitindo um zunido de abelha). Deixou-se capturar por uma rede, sendo carregada para a viatura do Corpo de Bombeiros. Porém, um pouco mais para trás havia estacionado um caminhão do Exército, sob a vigilância de dois sargentos e um oficial podendo ser um tenente ou de patente superior, e que ajudaram os bombeiros a colocá-la viva ainda envolta na rede dentro de um caixote de madeira, sendo coberto por uma lona do próprio caminhão que, incontinente, partiu dali com destino a ESA, enquanto a viatura do Corpo de Bombeiros retornava ao quartel.

Finalmente, fui a Varginha conhecer o Ubirajara, cujo encontro estava marcado para as 14h00. Era Sexta-feira, dia 16 de fevereiro, um dia antes do sábado de carnaval. Antes, telefonei ao professor Húlvio, avisando-o do contato que eu havia mantido com a testemunha militar. Muito impressionado com o meu relato, achou de extrema importância esta aquisição, informando-me que o doutor Eros Jardim, vice-presidente do CICOANI, pessoa muito nobre, encontrava-se em São Lourenço, acompanhado de sua esposa, dona Amazilis, passando os dias momescos na famosa estância hidromineral distante hora e quinze de carro da cidade de Três Corações. E que, inclusive, o próprio professor Húlvio já se havia comunicado com ele sobre a minha estada no Sul de Minas.

Ainda na sexta-feira, pela manhã, o doutor Eros telefonou-me. Ao ficar ciente do meu encontro com o Ubirajara, mostrou-se interessado em ir junto comigo a Varginha, também desejoso de ouvir os relatos do Ubirajara.

Combinamos um horário e o doutor Eros saiu de São Lourenço para nos encontramos em Três Corações. Ele, sua esposa e eu seguimos viagem para Varginha, onde foi fácil localizar a residência de Ubirajara: uma casa branca, de esquina. Fomos atendidos por seu filho Rodolfo, de doze anos jovem simpático e agradável, extremamente dinâmico. Ao me identificar perante o Ubirajara e apresentar-lhe o doutor Eros e esposa, que também não o conheciam, ele nos encaminhou para a sala de estar, quando após alguns instantes de conversas amenas, pedi-lhe que nos dissesse dos fatos até então sabidos por ele. Isto, porque estávamos precisando de melhor nos situar sobre as ocorrências.

Até então Ubirajara não sabia da gravação do militar. Mas, por não conhecê-lo e não saber com que tipo de pessoa estava lidando, até aquele instante não havia decidido se mostraria tal depoimento, convicto de conduzir sozinho as minhas investigações paralelas e a meu modo. Estava indeciso. Felizmente, ao perceber sua seriedade, além da postura ética e digna de um ufólogo, mudei o meu modo de pensar. Disseram-me ser a dúvida a melhor companheira antes da certeza. E foi ótimo saber erradas as minhas preocupações. Ubirajara mostrou ao longo de toda a nossa conversa ser uma pessoa dedicada há vinte anos em seu trabalho de campo e portadora de conhecimentos corretos sobre a pesquisa ufológica com bases científicas.

Foi quando nos narrou o que até então sabíamos pelos jornais e televisão. No domingo, dia 21 de janeiro, ouvira os primeiros boatos sobre umas meninas que avistaram uma estranha criatura, um dia antes, sábado, dia 20, no bairro Jardim Andere. Estivera viajando a São Tomé das Letras onde desenvolvia uma nova pesquisa, e tem publicado um pequeno trabalho sobre tais fatos, além de um vídeo por ele mesmo editado embora de forma doméstica , mas muito bem feito.

É interessante observar que o Ubirajara também reside no bairro Jardim Andere. E se estabelecermos como medida imaginária um ponto em linha reta entre a casa dele até o local onde as meninas viram a estranha criatura dar-se-ão, se bem medidos, uns quinhentos metros, não mais.

Em meio à boataria do disse-me-disse, das suposições das mais diversas entre pessoas do bairro e alongando-se para toda a cidade, foi somente na segunda-feira, dia 22, que procurou saber quais eram as meninas e onde moravam. Por mera coincidência descobriu morarem próximos. Foi até a casa das irmãs Liliane e Valquíria, ambas residindo no bairro Santana, também chamando a Kátia.

No primeiro encontro, narraram a ele o episódio com extrema emoção, pranteando em alguns momentos se persistia nelas o temor ainda visivelmente estampado nos olhares. Escutou toda a história e pediu que elas o levassem ao local para fazerem uma recapitulação; mostrando, inclusive, de onde exatamente estavam vindo, e o que de fato avistaram.

Novamente repetiu-se o pânico instalado nos olhares delas. Veio o choro nervoso a ponto de não conseguirem o controle necessário para nada mais temerem. E no instante em que foram solicitadas para se aproximarem do muro onde a criatura estava agachada, maior se

fez o desconforto, pois havia restado nelas um fator psicológico extremamente notório e evidente.

Naquele sábado, Kátia estava fazendo uma faxina em uma casa do bairro Jardim Andere. Como o trabalho era muito por ser grande a casa, Liliane e Valquíria, estando disponíveis, foram chamadas por Kátia para ajudá-la. Terminado o trabalho e regressando a pé, por preferência, uma vez que o bairro Santana, onde moram, é vizinho do bairro Jardim Andere separados por uma grande área arborizada e com uma rua própria, asfaltada, além de cortar caminho, evitando seguir o curso natural das ruas por onde dariam muitas voltas, adentraram-se naqueles terrenos baldios.

Exatamente onde é o bairro Jardim Andere, próximo a três quarteirões antes do seu término, há um declive acentuado, indo até a grande área arborizada e com algumas casas em construção. Andando juntas, elas se defrontaram com uma criatura agachada, próxima a um muro erguido com tijolos pré-fabricados de cimento, onde é uma oficina mecânica.

Daí o susto. Primeiro, o de Liliane quem a avistou, se estava um pouco adiantada das outras duas, naquele instante paradas para ajeitarem melhor a sacola de plástico que Valquíria transportava. Com o grito de Liliane pondo-se a correr, as duas também viram o que não era um bicho e não tinha a menor aparência com qualquer animal que se pudesse nomeá-lo. Também não era um ser humano... Pois a pele era marrom escura, viscosa, como se untada com óleo por toda a superfície do corpo, com três protuberâncias frontais na caixa craniana, grandes olhos vermelhos sem pupilas e saindo para fora do rosto. Boca e nariz pequenos. Pernas e braços finos. Veias salientes e grossas saindo do pescoço e indo até por cima do ombro. Os pés grandes, desproporcionais ao resto do corpo.

Mesmo com o grito de Liliane, a criatura continuou agachada e com as mãos entre as pernas. Apenas virando o rosto para ela e sem se mexer, foi o suficiente para o pânico se estabelecer. Embora elas tivessem tido apenas a visão por um instante, bateram em retirada e, mesmo na correria, olhavam a criatura agachada do mesmo jeito.

Era uma tarde quente, ensolarada, e não havia ninguém mais visível pela redondeza. Na correria foram avistar pessoas somente quando haviam passado pela rua asfaltada dentro da mata e no bairro onde residem.

Chegaram a casa de Liliane e Valquíria. Encontraram Luisa Helena da Silva, mãe destas, que percebeu o quanto estavam as três amedrontadas, em choro convulso, pernas e mãos trêmulas e gaguejando ao relatarem o fato de terem visto *"o demônio"*. Isto, porque era a única referência a que poderiam associar aquela *coisa.*

Católicas praticantes, Luísa acreditava nas filhas, crendo estranhas as revelações, além do estado aflitivamente nervoso com que se apresentavam; e decidida a por fim a tanta agitação daquelas três, saiu de casa intuída de conseguir uma carona de carro para abreviar a distância que teria de caminhar. E a obteve, por sorte, com uma vizinha passando por ali naquele momento. Explicou a ela a situação, e instante depois estava no local. Mas nada de diferente avistou. A criatura não estava por ali. Ainda assim, encontrou duas pegadas de pés enormes, bem diferentes dos pés comuns, que ela mesma não soube precisar sobre o que ou

quem poderia ter feito aquilo. E sentiu um cheiro muito forte, parecendo como se de amoníaco, pairando no local onde estivera a criatura. Mas Luísa não conseguiu, em casa, encontrar nos produtos químicos de material de limpeza: detergentes, água sanitária, produtos afins, qualquer coisa capaz de reproduzir o mesmo cheiro.

Diante das revelações e dos fatores emocionais que mãe e filhas demonstravam naquela confissão, Ubirajara ficou impressionado com o que ouviu, passando a dar veracidade àqueles fatos.

Estávamos ouvindo o seu relato sem que, até aquele instante, houvesse surgido a oportunidade para eu mencionar o depoimento militar em meu poder. Contou-nos de uma tempestade torrencial com chuva de granizo do tamanho de bolas de pingue-pongue arrasando casas, derrubando muros, telhados, inundando ruas e, com tal violência, que há muito não se via acontecer na cidade.

Tantos informes confusos, em curto espaço de tempo, fizeram com que fosse a 134 Companhia do Corpo de Bombeiros, ansioso por informações concisas. O comandante, capitão Pedro Alvarenga, negou que a corporação tivesse atendido a qualquer chamado naquele bairro, frisando que nenhuma viatura fora deslocada para aquele ponto da cidade. Mostrou a ele um boletim de ocorrências, alegando ater-se somente sobre atendimentos em outros pontos onde ocorreram estragos causados pela chuva de granizo no sábado, por volta das 17h30, após o avistamento da criatura pelas meninas.

No entanto, pela postura do capitão e pela negativa da informação solicitada, Ubirajara não se deu por convencido, preferindo inquirir o tenente-coronel Maurício Antônio dos Santos, comandante da Polícia Militar de Varginha, que também tudo negou, a ponto de afirmar nada saber e nada ter a acrescentar sobre o extraterrestre...

Interessante notar que antes era o demônio; mais tarde, o *bicho* e, de repente, o extraterrestre E como havia mais boatos noticiando que a criatura fora capturada e levada por soldados do Corpo de Bombeiros para um hospital, procurou o senhor Adilson Usier, administrador do Hospital Regional de Varginha.

“Aqui no Regional, com toda certeza e estou convicto, não internou ninguém com características acima do ser humano".

Foi procurar informar-se em outro hospital, o Humanitas, também encontrando negativas de todos os gêneros. Ninguém falava, não sabia, nem tinha permissão para dizer coisa alguma.

Percebendo inúteis as fontes oficiais, achou por bem acionar alguns conhecidos para ajudá-lo nas indagações a terceiros. E tomou conhecimento, por parte de um amigo seu, que este era parente de uma pessoa trabalhando no Hospital Regional. Conseguiu contatar-se com ela, tendo a mesma relatado que naquele dia um grande número de pessoas estranhas ao hospital haviam sido vistas por lã. E mencionou o fato de um determinado setor do hospital ter sido interditado às pressas com alegações por parte da diretoria do início de reformas naquelas dependências... Evidentemente inventadas como desculpa, após reuniões a portas

fechadas, onde o diretor intimou os profissionais da área médica, proibindo-os de mencionar o que ali se passava, pois tal assunto sendo este altamente confidencial não poderia, sob qualquer pretexto, ser divulgado, em hipótese alguma.

E, da mesma pessoa soube de uma outra também profissional, haver confirmado a movimentação estranha no hospital, do setor interditado, da proibição de ninguém divulgar o que estava acontecendo, e a presença, sim, de uma *criatura* em observação... Mais: que esta mesma profissional, ao mostrar-se interessada em ver a *criatura,* foi aconselhada por uma colega (ou nova testemunha) que não o fizesse, porque iria ficar *muito impressionada.*

Assim, em razão de tantas informações truncadas e de situações que não possuíam nenhuma analogia uma com a outra, Ubirajara achou que realmente algo de muito estranho estava acontecendo. E resolveu, após as negativas oficiais, levar o assunto ao conhecimento da imprensa. Ao mesmo tempo contatou-se com a professora Irene Granchi, a nossa primeira dama da Ufologia brasileira. Ela, residente no Rio de Janeiro, telefonou para Luiz Petry, um dos editores do programa *Fantástico,* da Rede Globo de Televisão, colocando-o a par dos acontecimentos. Foi quando o Petry telefonou para o Ubirajara e imediatamente viajou para Varginha, na intenção de preparar o primeiro programa televisivo. Ao mesmo tempo, Ubirajara manteve contatos com o repórter Evaldo Reis, da Sucursal Sul do jornal *Estado de Minas,* que publicou uma grande reportagem a respeito.
E foram exatamente essas as matérias que vi em Belo Horizonte.

Retornando à nossa presença na sala de visitas da casa de Ubirajara, tendo a meu lado o doutor Eros e sua esposa, e ouvindo o que ele nos contava, foi quando comecei a perceber a coerência cronológica dos fatos, onde Ubirajara se mostrava numa posição correta para prosseguir na investigação. E, a partir daquele instante, não tive mais dúvidas quanto a também ajudá-lo em meio à seriedade com que estava nos relatando as evidências de um assunto muito mais profundo do que toda a sua pesquisa até aquele ponto. Entendi que não poderia deixar de dar a minha parcela de colaboração, ajudá-lo no que dependesse de mim e também acentuar meu trabalho de pesquisador da melhor forma que eu pudesse fazer.

Mesmo ainda impressionado com os relatos, doutor Eros alegou necessidade de regressar com a esposa, porque não queria viajar à noite. Preferi ficar aquele dia em Varginha e dei a ele explicações de como faria para sair de lá, qual era a estrada para chegar ao trevo de Três Corações, e como seguir para Cambuquira, depois Lambari, até o seu destino final, São Lourenço.
E, com a ausência do doutor Eros, Ubirajara me perguntou:

E aí, o que você está sabendo?

Iniciava minha fala quando entrou na sala a Angélica, morena de beleza ímpar, esposa de Ubirajara, acompanhada da filha, Sthefani (oito anos), eleita por mim como a mais graciosa bochecha de Minas! Após os cumprimentos e uma conversa formal, acentuando-se leves comentários sobre o acontecimento da cidade, afastaram-se da sala, deixando-nos a sós. Foi quando, finalmente, tive a oportunidade de retirar da minha pasta o gravador e pedir que ele prestasse atenção no que ia escutar. Deixei rodar a fita que eu gravara na noite anterior. Ouvindo o depoimento do primeiro militar, senti Ubirajara ficar inquieto. Acendia um

cigarro atrás de outro, extremamente eufórico. Terminada a audição e após seu sorriso de surpresa, confessou emocionado:

Pacaccini! Você trouxe um novo alento às minhas investigações! Agora a coisa é séria!

De verdade, havia ficado, pois eu percebera, após o seu relato de hora e meia ou mais, que até aquele instante ele tinha nas mãos além do depoimento das meninas e uma série de informações truncadas, as peças soltas de um quebra-cabeça. Pelo menos ali, e daquela vez, havia um dado concreto, e irrefutável! Era, portanto, a hora de começarmos a estabelecer um mínimo de ordem nos fatos que se sucediam. Repassamos os dados possuídos e, exatamente naquele momento, começamos a entender a situação. Se no dia 20 de janeiro, por volta das 10h30, o Corpo de Bombeiros havia capturado uma criatura na grande área arborizada separando o bairro Jardim Andere do bairro Santana, e entregue para o Exército que, incontinente, a retirou de Varginha levando-a para Três Corações; era muito pouco provável e até ridículo que o mesmo Exército tivesse retornado com esta criatura às 15h30 para deixá-la agachada junto ao muro de cimento naquele terreno baldio e a três quarteirões acima de onde fora encontrada somente porque as meninas ao passarem por ali iriam vê-la!

É evidente que isso não fazia o menor sentido. A partir daí começamos a entender melhor o acontecido, porque a prova número um estava contida no depoimento gravado. E, a segunda, indiscutível, estava com as meninas. Expondo isso ao Ubirajara, constatei dele também desconfiado, mas inseguro. Havia o faro ufológico, mas não o suficiente, em conseqüência da série de informações desconexas. E mesmo havendo prova inconteste, tanto na fita como no relato das meninas, os horários em que a boataria se espalhara entravam em contradição, porque os que avistaram o incidente da captura, os caminhões do Exército, a entrada com ela no hospital, era um (acontecido na parte da manhã). E o horário em que Kátia, Liliane e Valquíria viram-na na tarde de sábado, dia 20, era outro. Simplesmente não conferindo os horários, só poderiam ser duas... as criaturas!

Numa euforia indescritível e agradecido por eu estar com ele na difícil e árdua tarefa de pesquisa, levou-me ao anexo contraído em sua casa, um auditório com quadro magnético, equipamentos de som, uma sala, uma pequena e funcional cozinha e instalação sanitária. Na sala é onde está o acervo de seus trabalhos: recortes e documentos arquivados em pastas, além dos equipamentos de vídeo, computador e aparelhagens de som para edição de fitas, além de uma pequena mesa de mixagem, e de efeitos, filmadora e máquina fotográfica.

Este é meu canto! Disse, feliz, ao me apresentar o seu lugar predileto da casa, onde a maior parte do seu tempo é passada ali em leituras e na catalogação dos artigos de revistas, jornais e correspondências sobre OVNIS. Mesmo sem conhecer a mim e minha pessoa, pois não me havia apresentado socialmente embora possuíssemos idêntica preocupação de ufólogos, confessou do quanto gostaria de ter mais contato comigo, além daquele dia, pois eu entregara a ele uma informação extremamente valiosa, que se tratava da fita gravada, e isso denotava uma confiança partilhada, o que não é muito comum neste campo de pesquisadores.

E você, vai estar em Três Corações durante os dias de carnaval?

Vou, sim afirmei, ao aguardo de surgirem novidades por parte dos meus informantes.

Faço questão de levá-lo ainda hoje. E posso buscá-lo de volta, amanhã?

Claro! Assim, podemos juntar todos os resultados de nossas pesquisas e recapitular muitos pontos ainda obscuros sobre a criatura e a boataria que rola pela cidade.

Senti despontar nele e em Angélica, a companheira admirável, que chegara à nossa presença naquele instante, que estávamos a estabelecer uma parceria a render frutos com os nossos trabalhos até então paralelos.

Capítulo 3

Se se soubesse estudar cientificamente
os testemunhos, a Justiça seria uma ciência.

Aimé Michael

No dia seguinte, sábado, 17, conforme o combinado, retornei à casa do meu novo parceiro após o almoço, lá ficando por toda a tarde, até o anoitecer. Recapitulamos o que havíamos conseguido até então. Informou a outros ufólogos mais próximos, anunciando a eles esse encontro comigo, dando-lhes informes sobre minha pessoa e sempre em tom muito elogioso o que me enalteceu sobremaneira.

Contou-me de seu amigo, o engenheiro Claudeir Covo, que eu conhecia por nome, sem jamais ter travado contato pessoal com ele, mas sabendo-o como a maior expressão da Ufologia brasileira, anunciando o que acontecia em Varginha. Também para a professora Irene Granchi, residente no Rio de Janeiro, citando meu nome a esta pesquisadora, que também não conhecia pessoalmente, embora estivera em Varginha antes da minha presença no Sul de Minas. E que, de seu regresso ao Rio, telefonava dia sim, dia não, no intuito de acompanhar as nossas investigações.

Em meio a tudo isto, o Ubirajara segurava as últimas informações obtidas, mesmo comentando com outros ufólogos que ligavam para lá, mas preferindo dar um tempo maior no objetivo de retardar para a imprensa o depoimento do militar.

Foi quando Luiz Petry, editor do Fantástico, da *Rede Globo de Televisão,* foi novamente avisado, pois, tendo feito um primeiro programa em Varginha, havia solicitado ao Ubirajara que o avisasse tão logo surgisse qualquer novidade no caso.

E com o depoimento do militar em nosso poder, foi gerado um segundo programa, levado ao ar no domingo, dia 25 de fevereiro.

É importante mencionar aqui, num parágrafo, toda a nossa cautela, porque as pessoas, naqueles dias, tendiam a crer que tudo fosse apenas brincadeira de moleques quanto à criatura. Como estávamos na época próxima ao carnaval, havia chacotas, ironias e rumores

de um boneco pintado e deixado no canto do muro, preso por cordas de nylon e acionadas para assustar quem passasse por ali... Ou, sobre alguém fantasiado, na intenção de fazer graça, pregar susto! Assim, o noticiário levado ao ar com as novas informações obviamente resguardadas as fontes, mostraria a todos a seriedade dessa descoberta.

Ubirajara telefonou para o Petry, contando as novidades e mencionando-lhe minha pessoa. Imediatamente nos informou que poderia deslocar uma equipe de reportagem para Varginha, após o carnaval.

Como a vida tem suas surpresas1 Tinha ido a Três Corações com a intenção de estar uns dias com a minha mãe e afastar-me um pouco da agitação de Belo Horizonte e também, de levantar algumas informações sobre o **Caso Varginha** percebi, no entanto, que após o carnaval não poderia sair mais do Sul de Minas. Primeiro, porque Ubirajara e eu decidimos que nenhuma notícia sobre os fatos de Varginha seria fornecida de modo unilateral, pois estávamos trabalhando em conjunto. Segundo, a ida novamente da equipe de reportagens da *Rede Globo,* chegando para a gravação do segundo programa onde apareço no cenário da investigação. Terceiro, porque decidimos que tudo a ser dito teria que necessariamente passar por um crivo de acordo mútuo após análises do que poderia ou não ser divulgado. E este acordo de cavalheiros se estabeleceu daquele momento até os dias de hoje.

E sabendo que a equipe da televisão viria, passei a ir a Varginha praticamente todos os dias. Alertei os meus informantes daquela região onde eu estaria, se em Três Corações, ou na casa do meu parceiro.

Nesta oportunidade, nos ligou do Rio de Janeiro o Marco Antônio Petit, outro grande ufólogo brasileiro de enormes e valiosos serviços prestados à Ufologia, além de alguns curiosos do Sul de Minas. O Ubirajara fazia as apresentações dos que eu não conhecia, como ocorreu com o repórter Evaldo Reis, da sucursal jornal *Estado de Minas* que passou a ter um contato maior comigo no vaivém das pesquisas de campo.

No domingo de carnaval, dia18, procurei um casal, meus conhecidos. O marido é militar da ESA. Avisei ao Ubirajara que iria entrar em contato direto com outros militares, pois se nós já possuíamos uma confirmação de que o Corpo de Bombeiros esteve envolvido, seria importante saber sobre a criatura levada pelo caminhão do Exército para a ESA, somente por intermédio de alguém de lá.

E. num dos telefonemas, consegui contatar-me com eles, marcando um encontro em casa de minha mãe, para o dia seguinte, Segunda-feira, 19.

Confirmei com Ubirajara.

Aproximadamente às 21 horas, o casal chegou. Ainda não havia comentado com eles o meu propósito. Tudo se restringia a um encontro social. Conversas amenas entre um e outro drinque. Até quase meia noite ainda não havia entrado no assunto. Fazendo preâmbulos, preparando-os como é meu costume há muitos anos se é comum a testemunha esvanecer-se, dependendo da forma como é abordada. Considerando que estava defronte a um militar de dentro dos portões da ESA, mais cautela tive ao empreender conversas sobre inúmeros

assuntos, inclusive mostrando a ele a minha arma de defesa pessoal calibre 9mm curto, popularmente conhecida como calibre 380, meu registro e porte de arma, comentando, ainda, meu curso feito em Belo Horizonte, na Escola Majaluwa, com o professor Marinho, um dos maiores especialistas em treinamento de defesa com arma de fogo no Brasil, quando me graduei no curso por ele ministrado. Disse, também, da minha filiação ao Clube Mineiro de Tiro Prático, o qual freqüento pelas manhãs em todos os finais de semana. Mencionei, ainda, meu contato com a própria Federação Mineira de Tiro Prático. Foi nesta escola que aprendi muito sobre defesa, circunstâncias de perigo, postura psicológica diante do elemento surpresa e tantas outras técnicas de defesa extremamente apuradas. Isso foi muito importante na minha vida, porque me fez uma pessoa mais tranqüila do que normalmente sou.

Continuando a apresentação da minha pistola semi-automática, totalmente custumizada, que é uma expressão usada no meio dos adeptos do tiro prático: custumizada é uma arma, digamos, envenenada, preparada. A minha, por exemplo, tem todos os requintes: compensador de gases, gatilho leve, as travas amaciadas, o cão aumentado, o cabo feito de pau-brasil conseguido em Belém, quando a coloquei na mão de um armeiro e ele fez tudo sob medida. Com encarte para os dedos e acabamento desde as travas, o cão, o gatilho, ao pino ejetor do carregador, tudo banhado a ouro. Uma peça linda, além de ser uma arma extremamente eficiente, quando da necessidade de se estabelecer uma ação de defesa.

Neste momento comecei a perceber que o nosso assunto se voltava para armamentos. Contemplava, admirado, com a pistola semi-automática. Repetimos a cerveja e mais um canapé, quando, convidei para deixarmos a sala de visitas e irmos para a de televisão. Neste momento, a minha mãe havia se recolhido ao quarto e, no novo ambiente, mostrei-lhes um vídeo de ufologia muito interessante, produzido na Alemanha, narrado em inglês e com legenda em português, onde várias naves foram filmadas em situações diversas de aparições. Ficou muito impressionado, a ponto de confessar seu gosto pelo assunto. Era o de que eu precisava.

Sabe por que estou mostrando esta fita a vocês? Porque, além de empresário em Belo Horizonte, sou um pesquisador de Ufologia.

Ele olhou para a esposa e sorriram.

Então, você é um pesquisador!? Disse, surpreso.

Sou. Há dezoito anos! E contei a eles a minha vivência no CICOANI, as viagens de pesquisas, meus trabalhos de campo, e o quanto estava diretamente ligado às investigações do caso de Varginha.

De Varginha? Admirou-se. Está investigando o ET de Varginha, também?

De corpo e alma afirmei. Travei contato com o Ubirajara, que começou as pesquisas. Mas conseguimos até agora informações extremamente preciosas. Além do mais, por saber que tudo isso é muito sério, estou me dispondo a levar adiante a investigação... precisando de sua ajuda, é claro!

A esposa mostrou-se receosa, manifestando preocupação pelo fato de o marido ser militar da ESA. Tranqüilizei-a, dizendo que a pesquisa ufológica se vale de suas testemunhas, sabendo da gravidade que é expor a público o depoimento de qualquer pessoa. Falei-lhes sobre a pesquisa, feita com muito critério para preservar em qualquer momento e época a integridade das testemunhas, tanto civis como militares. Aludi as razões por que muitas pessoas ainda que no anonimato preferem se isentar nessas horas, receosas por caírem no ridículo público. No caso de um militar, por exemplo, invoquei a prisão na caserna, a moral rebaixada, a corte marcial e a perda do emprego!

Pedi que ele gravasse um depoimento sem se identificar, porque eu não conseguiria memorizar tudo o que ele dissesse. E tal depoimento ficaria absolutamente restrito ao campo da pesquisa. Caso, no entanto, houvesse a necessidade de mostrar a fita para outra pessoa, ele permaneceria anônimo, sobre qualquer argumento ou pretexto de identificação.

E algo muito interessante ocorreu naquele momento. Na hora em que coloquei a fita no gravador, ele apenas pediu-me que em hora alguma e por qualquer motivo fosse identificado.

A esposa, ainda preocupada:

Olha, que isso pode prejudicar a gente! Disse ao marido.

Pode ficar tranqüila retruquei.

Mesmo assim, apegou-se à bíblia encontrada na estante. E, enquanto eu conversava com seu marido não olhei mais para o rosto dela, percebendo-a agitada ao passar as páginas, temerosa de possíveis represálias e conseqüências advindas do ato de o marido dar testemunho ao proibido.

Deixei-o narrar o que bem quisesse.

Tudo começou com a maior boataria dentro da ESA disse. Após o primeiro programa do *Fantástico,* em que apareceram imagens da ESA, nada foi comentado oficialmente entre os militares, restando em cada um enorme interrogação, pois era a primeira vez presenciado por ele nos seus vários anos como militar, que havendo citação sobre o Exército pela imprensa falada, escrita ou televisionada, não ocorria uma informação direta aos subordinados por parte dos seus superiores em comando. Se, num exemplo, a rádio local informa sobre treinamentos do Exército no Pico do Gavião próximo a São Tomé das Letras, onde é comum a presença dele, ou qualquer jornal interiorano publicar uma nota, por menor que seja, dentro da ESA nada passará despercebido.

Quando ele viu a reportagem, comentou com a esposa a confusão prestes a acontecer no meio militar, estando, de fato, o Exército envolvido. Na manhã seguinte saiu de casa no horário habitual, indo para a ESA No local onde os militares fazem as suas refeições, que em seu jargão é *rancho,* ao ir tomar café, estava na expectativa de encontrar algum comunicado ou aviso fazendo alusão à reportagem. Encontrou vários militares comentando

o assunto da *criatura* de Varginha, e o fato de a ESA ter errado por barrar a equipe de reportagem da *Rede Globo* ali se encontrando para colher algumas informações. Não os deixou entrar na Escola um quartel enorme, apenas alegando a ausência do oficial de relações públicas e do general, não podendo atendê-los. Foi um erro, inqualificável, pois, se o comando tivesse melhor tirocínio na ocasião, teria recebido o Luiz Petry com a equipe. Na intenção de esconder fatos, o que deveria ser feito é levá-los para uma sala, oferecer-lhes café, apresentar-lhes o oficial de relações públicas, engendrando assuntos variados. Ficaria bem aproveitar para mencionar um *"nós não sabemos de coisa alguma porque estávamos em treinamento de tropa no quartel e nenhuma viatura afastou-se daqui"*. Qualquer desculpa nesse gênero e os repórteres sairiam satisfeitos. Ao contrário, impediram de modo rude o Luiz Petry na portaria, com argumentos de não haver ninguém para falar. Ora, num contingente militar com mais de três mil homens, seria impossível que não existisse uma pessoa sequer que pudesse atendê-los! Ridículo!

Ele, como outros de seus companheiros, ficou esperando a hora em que seriam chamados para serem notificados oficialmente por algum superior ou pelo próprio general ou coronel, sobre a atuação que a Escola teve na mídia. Mas, naquele dia, ninguém tocou no assunto.

Então, revelou-me que a ESA tem um Informativo do Exército INFORMEX, que é uma espécie de rádio-telex diretamente ligado com um comando do Exército em Brasília. Todas as vezes que algum quartel de alguma unidade militar é citada na imprensa, geralmente chega o informativo com instruções sobre o que será dito para a tropa em função do que fora anunciado sobre determinada unidade militar, amparada a uma instrução superior. Mas nenhum INFORMEX foi transmitido tanto para as tropas, quanto para o corpo de funcionários. E, quando isso ocorre, o alto comando daquela unidade o faz, porque o Exército é uma entidade de prestígio extremamente ligada a comunidade, não podendo ser citada a bel-prazer de qualquer jornalista.

Era de estranhar e muito tal silêncio, principalmente porque se tratava da notícia sobre a captura de uma criatura. Como não haver informação, se a Escola estava diretamente envolvida e aparecendo na televisão pelo Brasil todo? O próprio pessoal da ESA começou a desconfiar, claro. Alguma coisa de errado pairava no ar, pois não era possível um acontecimento desse e nenhum oficial noticiar coisa alguma. Nenhuma orientação houve nem menção na Ordem do Dia, nem nos dias subseqüentes. Simplesmente não tocaram no assunto. Era a primeira vez na vida deste militar e na de muitos outros conhecidos dele, dentro da ESA, que a ocorrência de um fato de repercussão mundial fizesse com que o Exército não emitisse nenhum comunicado esclarecedor.

Outra revelação importante foi a existência de uma unidade do Serviço Secreto do Exército dentro das instalações da ESA, os chamados S2. Funcionando em uma sala sempre fechada, a que pouquíssimos têm acesso, porque estão diretamente comandados por Brasília. Quando alguém deseja falar algo com quem se encontra dentro, tem que tocar uma campainha. Chega uma pessoa à porta, fecha-a do lado de fora, e pergunta o que deseja. Desta forma ninguém tem acesso ao interior da sala. O pessoal do Serviço Secreto é livre do uso da farda. Alguns, inclusive, usam barba, cabelos compridos. Tipos comuns para se infiltrarem no meio da comunidade. Têm, inclusive, viaturas de uso civil.

Outro dado posto pelo militar nos dá conta de que os S2 fazem um rodízio periódico de tal forma, que é difícil até mesmo para quem está servindo na ESA saber seus nomes, ou quem é ou não do Serviço Secreto. Há quem desconfie, e só.
No dia seguinte, quando liguei para o Ubirajara, anunciei:

Missão cumprida! Pode me aguardar que estou levando novidades.

Ao mostrar a fita do outro militar (na Terça-feira de carnaval, dia 20), o Luiz Petry ainda não havia chegado.

Minha Nossa Senhora! Exclamou Ubirajara, percebendo que eu estava mesmo envolvido na pesquisa e dividindo com ele todas as minhas descobertas que, sem dúvida alguma, começavam a esboçar uma atividade bem sucedida no Sul de Minas. Mais haveria. No entanto seria uma questão de tempo para que novas informações viessem até minhas mãos, embora as já possuídas nos dessem um norte certo rumo à verdade. E, compartilhando com o Ubirajara esse ritmo intenso de atividades em que estávamos, ainda assim decidimos guardar esse material e ver depois, de comum acordo, o que seria possível passar para o Luiz Petry.

As atividades continuaram**.** Veio a Quarta-feira de Cinzas, dia 2 1, e grande era a nossa expectativa da chegada da *Rede Globo* marcada para o dia seguinte, Quinta-feira, dia 22. Na casa de Ubirajara o telefone não parava de tocar. Não havia acontecido o segundo programa televisivo e os ufólogos ou curiosos continuavam ligando. Também foi quando começaram a surgir alguns relatos de OVNIS sobrevoando as cidades ao redor de Varginha, num raio de 150 quilômetros: Boa Esperança, Andrelândia, Alfenas, Fama, Três Corações, Cambuquira, Campanha, São Gonçalo do Sapucaí, Monsenhor Paulo, etc. Ao todo, apuramos mais de doze cidades. Pessoas nos davam informações sérias, outras brincavam de terem visto uma coisa estranha há um mês, há quarenta dias, na semana passada... Ah, aqueles telefonemas!

Após atender a uma das chamadas, Angélica, sempre agradável, brincou que iria começar a cobrar pelo serviço de secretária, pois não havia mais sossego dentro de casa... E o Ubirajara continuava me apresentando às pessoas, suas conhecidas, que telefonavam sempre falando de as pesquisas terem mais um impulso por causa da minha presença.

Mas, entre aqueles tantos telefonemas recebidos, alguém lembrou ter uma pessoa visto uma criatura em uma fazenda próxima a cidade de Alfenas, distante 80 quilômetros de Varginha. Anotamos o endereço e as informações de como chegaríamos lá.

Capítulo 4

A necessidade da certeza é uma necessidade natural do homem, mas é, ao mesmo tempo, um vício intelectual.

Sir Bertrand Russel

Quinta-feira, dia 22 de fevereiro, velo com ela a viatura da *Rede Globo,* do Rio de Janeiro. Estavam o Luiz Petry, o Quito (operador de câmera, e que documentou o videoclipe *They Don't Really Care About Us,* gravado por Michael Jackson no morro Dona Marta), um auxiliar de câmera e o motorista.

Pessoalmente não os conhecia. Ubirajara sim, pois estivera com eles no primeiro programa do *Fantástico. A* um canto relembrei ao Ubirajara o meu receio sobre o sigilo absoluto em relação às pessoas que me deram seus depoimentos, confiando na minha discrição. E ele foi ficando tenso, porque percebia a minha intenção de nada mostrar ao Petry. Preocupado, porque é uma pessoa muito honrada, sabia que, se eu dissesse não, seria não. Era parte do nosso acordo de parceria estabelecida no critério de respeito mútuo. *A* negativa de um seria a do outro. Havia apenas um dado a ser considerado: ele continuaria falando o que julgasse oportuno ainda a respeito do primeiro encontro deles e até onde eu não havia entrado na pesquisa. No entanto, procuraríamos informar ao Petry o que fosse possível, mantendo as nossas fontes completamente fora de seu alcance.

Fizemos uma reunião e contamos as novidades, quando ele nos pediu para ouvir as fitas dos dois militares. Relutei, numa explanação do perigo se a imprensa viesse a noticiar como furo de reportagem tudo o que fora gravado. As testemunhas poderiam ser identificadas, recaindo enorme responsabilidade sobre mim. Eu não estava disposto a correr tanto risco. Petry aproveitou a oportunidade para relatar um pouco sobre a sua ética jornalística. Após, nos despedirmos nesse primeiro encontro, ele e a equipe foram para o hotel. À noite jantaríamos com eles, traçando as normas do que seria gravado no dia seguinte.

Como ficamos os dois em casa, tivemos uma conversa longa.

Isso é muito sério. E grave! Do primeiro Fantástico, em que tudo fora ao ar ainda cheio de reticências porque não havia nenhum depoimento de militares ao de agora, com novas revelações, o passo que estamos dando no sentido de melhor esclarecer o caso pode por em perigo as nossas testemunhas.

Está com medo?

De certa forma, sim.

Também estou, mas não há como deixar de dar a notícia. Você, em algum momento, encontrou uma razão para não confiar em Petry?

Nele, não. Mas você sabe o que é uma empresa jornalística. Há funcionários para vários setores. Quando uma pessoa é destacada para fazer uma reportagem, por exemplo, ela nunca vai sozinha. Sai a campo e retorna com uma série de dados confidenciais ou não. Faz a triagem dos fatos...

E dai?

Daí, sinceramente, não tenho razão para desconfiar do Petry, pois a mim me pareceu ser realmente um profissional ético. Mas ele, por melhor que seja, é apenas um funcionário. E

se alguém lá de dentro, vier a fazer mau uso do que passarmos para ele? O próprio Petry também não iria ter controle. Se algum superior seu resolver transferi-lo para um outro programa da *Globo,* ou mesmo que venha a perder o seu contrato de trabalho e for para outra empresa, o que seria feito das sobras, do que não pôde ser divulgado naquela oportunidade? Em que novas mãos ficariam todo o documental? Os nossos depoentes é que levariam a pior. E o Petry não é o dono da *Rede Globo.*

Ubirajara concordou com o exposto. E começamos a pensar sobre o que poderia ser divulgado nas transcrições das fitas sem que fossem identificadas as testemunhas, e o que não poderia ser divulgado sob qualquer pretexto. Além disso, fizemos o roteiro prévio das cenas e entrevistas que deveriam ser filmadas. Aquela noite foi longa, preocupante. Para mim, dormir não foi um verbo fácil de pronunciar madrugada adentro em Três Corações.

Na sexta-feira, dia 23, pela manhã, começaram as tomadas de cenas. Dos depoimentos, deixamos Petry ouvir as gravações, entendendo serem muito importantes na história da Ufologia brasileira e. em sendo parte da história, não nos cabia o privilégio de somente a nós nos pertencer. No entanto requeria cuidados especiais na sua revelação. E o Petry foi extremamente correto, ouvindo as gravações completamente surpreso, mas concordando que muitos dos trechos revelaria quem era a parte informante, se divulgado na íntegra. Decidiu-se, então, usar trechos de pequenas falas, algumas operadas por voz eletronicamente distorcidas.

E viajamos para Alfenas à procura do Antônio Cândido de Morais (Toninho), que avistara uma *criatura* numa fazenda. Fizemos algumas tomadas que foram, inclusive, aproveitadas no programa levado ao ar no domingo, dia 25, porque * Petry desejava adiantar seu trabalho de filmagens. Chegamos à casa do Toninho * não o localizamos, porque estava trabalhando como jardineiro na Associação Atlética Banco do Brasil AABB de Alfenas, distante oito quilômetros da área urbana, às margens de pequena estrada de terra.

Colhidos os depoimentos de algumas pessoas, houve certa polêmica na ocasião, porque uma delas, dizendo conhecer o Toninho um senhor que aparece no segundo *Fantástico,* e pretendendo mostrar-se íntimo, se prendeu em informes tolos sobre ele. Um pormenor irrelevante ao mencionar ser "um rapaz muito bom, conheço ele há muitos anos. É um rapaz que não bebe, não fuma. É, por bem dizer, um rapaz perfeito". Acontece que o Toninho, ao dar a entrevista para nós, estava fumando. Ficou, desta forma, essa contradição que apareceu no *Fantástico.* Irrelevante, mas, assim mesmo, seria de bom grado explicarmos. No entanto, o que desejávamos mesmo era o depoimento dessa testemunha afirmando o que vira: uma coisa simplesmente incrível “. E nos contou que, de manhã cedo, montou na bicicleta e foi para a AABB pela estrada de terra com pastos nas laterais das cercas, eucaliptos, árvores e gados. Ainda na metade do percurso encontrou-se com uma estranhíssima *criatura* Parou de pedalar, freou e passou a contemplar o que pensava ser um macaco; depois um tamanduá. E, pela descrição pormenorizada percebemos que se tratava de outra criatura inclusive já catalogada na tipologia de seres extraterrestres no Brasil.

Tal criatura já foi vista tanto no Brasil como na Europa. Conta o Toninho ser ela do tamanho de um homem de estatura mediana, além do corpo todo de pêlo escuro. Avistou-a a vinte e cinco metros de distância. Estava próxima de um vale de eucaliptos, ao seu lado

direito na direção que a para a AABB. Do lado esquerdo havia uma cerca delimitando um pasto e que, na noite anterior do avistamento, houvera um estouro da boiada, a ponto de o gado arrebentar alguns mourões da cerca, espalhando-se em correria desenfreada.

Embora eu tenha certa noção sobre fazenda e procedimentos do gado de corte, ou mesmo se não o tivesse, não deixa de ser por demais estranho faze-lo sair da costumeira ruminança à confusa galopada num sem rumo a ponto, inclusive, de arrebentar cercas de arame farpado. Houve, portanto, uma razão ou algo aterrorizante para os animais assim se portarem. O capataz desta fazenda (aquele que não sabia de o Toninho ser fumante), nos levou para ver a cerca ao lado de uma estrada de terra, onde o gado normalmente, com sua mansidão, está habituado a passagens de carros, transeuntes a pé ou de bicicletas. Ou seja, aquele gado está acostumado com a presença do homem em sua rotina de pastagem. Nem mesmo os cachorros dali seriam capazes de afugentá-los, pois sabem dos animais serem grandes para eles. Mas quando o Toninho se referiu à criatura, o local onde ele a vira fora exatamente na frente do pasto, só que do lado direito. E "aquela coisa" ficara a uns vinte e cinco metros de distância, próximo dos eucaliptos, olhando fixamente para ele, parado na estrada junto à bicicleta. A cabeça enorme, num formato oval, com dois olhos grandes, arregalados.

Fiquei de cabelo arrepiado, tal o susto que eu levei! Disse para o Fantástico. E completou a entrevista falando de ter montado na bicicleta e saído a pedalar, olhando ainda para trás e avistando a criatura de olhar fixo nele, mas caminhando em direção à mata de eucaliptos.

Pensei na curiosidade de estarmos diante de depoimento o sobre uma criatura mui to conhecida pelos ufólogos brasileiros e, não, aquela de que estávamos à cata, que era a de Varginha. O Luiz Petry, muito prudente, achou por bem não soltar essa informação, se o programa estava direcionado para o caso da *criatura* de Varginha. Se fosse mencionada esta outra, iria confundir as pessoas ou pouquíssimas conseguiriam assimilar as diferenças quando, para a maioria, estaria parecendo mais uma ficção científica.

Retornamos a Varginha na hora do almoço e fomos procurar o pedreiro Henrique José de Souza que, na manhã do dia 20 de janeiro, lajeando uma casa em construção, viu juntamente com seus companheiros de obra a viatura do Corpo de Bombeiros no local da primeira captura, mais alguns curiosos se agrupando na rua.

O que você viu? Perguntei.

O Corpo de Bombeiros, que parou na rua e foi até onde tinha gente apontando o barranco por onde desceu uma coisa diferente.

Eles viram pegar essa coisa?

Eles viram.

Fiquei sabendo depois que, por duas vezes, o Henrique foi intimado pela polícia a guardar silêncio.

Durante o almoço repassamos o planejamento.

Tínhamos recebido uma informação, por intermédio de um amigo de um fazendeiro de Varginha, conhecido de Ubirajara, que um capataz dele havia visto uma nave. Achamos por bem ir colher as informações. A fazenda fica localizada no caminho entre Varginha e Três Corações, na mesma estrada que eu percorria todos os dias, ida e volta e aproximadamente a dez quilômetros saindo de Varginha.

Nosso contatado era o senhor Eurico de Freitas e sua esposa Oralina Augusta. E o que nos contou foi de suma importância no *Incidente em Varginha.*Tão importante que entrou nas gravações do *Fantástico,* embora em cenas curtas, diálogos rápidos e nada muito conclusivo, porque em televisão um minuto que seja vale ouro. Mas, para nós, de valor inestimável.

Ali, retornei várias vezes não só para apresentar outros ufólogos a eles, como para levar outros profissionais de jornais, revistas, além de canais de televisão, inclusive os pesquisadores estrangeiros que começavam a dar um sentido internacional ao episódio de Varginha.

Eurico nos contou que, na madrugada do dia 20 de janeiro, ou seja, na noite de Sexta-feira para Sábado à 1h14 (e aqui é bom abrirmos um parêntesis para recordar que naquele mesmo 20 de janeiro o Corpo de Bombeiros já havia capturado uma criatura às 10h30 e que as meninas avistaram a outra, no mesmo dia 20 de janeiro, às 15h30!), acordou num susto devido a um grande alvoroço e olhou no rádio-relógio digital sobre o criado-mudo ao lado da cabeceira da cama. Era o gado, num galope desordenado em meio a mugidos e barulhos. E comentou com Oralina, acordando de sobressalto:

Tem gente roubando o gado. Vou lá ver!

Como a casa onde moram fica defronte desse pasto que se alonga até acima do morro, por onde passa a estrada principal Varginha Três Corações deixou o quarto indo até à sala. Abriu a janela para ver o acontecimento.

Tinha um submarino voando em cima do pasto, Pacaccini! Disse olhando em meus olhos.

Submarino? Confessei incredulidade.

É, sim. Um submarino mais ou menos do tamanho de um microônibus, e de pontas arredondadas, tendo na parte de cima um caroço.

Uma cúpula?

É. Mas não deu pra eu ver bem o cocuruto dele.

Oralina, ao perceber que o marido estava debruçado na janela da sala, também foi ver. E confirmou comigo:

Era um charuto voando em cima do pasto!

Provavelmente não identificou o cocuruto, a cúpula, a parte convexa em cima do aparelho.

O submarino voava a mais ou menos uns quatro metros do pasto, e numa lentidão de fazer gosto. Parecia até quase parado. Não fazia barulho e não tinha luz brilhando em lugar nenhum. Ia somente soltando fumaça nele todo. E foi indo, foi indo. Levou tempo até sumir lá em cima, por detrás do morro.

E quanto tempo durou este avistamento de vocês?

De meia hora pra mais. Ficamos de olhar grudado nele porque a gente nunca tinha visto uma coisa assim, das mais esquisitas.

E vocês, acreditam em disco voador?

Já ouvimos falar, mas a gente não crê nessas coisas, não.

Impressionado com o que avistava quis sair de casa, ir para fora, a ver mais de perto. Oralina não deixou, por medo. Ficaram apenas observando. Avistaram o objeto e os contornos porque a noite estava clara.

Era de cor cinza confirmou Oralina. E na rabeira tinha a fumaça, com uma coisa se mexendo igual fosse um pano esfarrapado assim, soltando pelinho e balançando no vento tentava explicar à sua maneira.

Entendemos ter sido alguma peça ou elemento da nave com aquela função ou, do contrário, sofrendo avaria. Inclusive, Eurico nos citou outro exemplo:

Sabe, quando você pega um pedaço de pau e põe fogo nele e sai correndo pra ver as faisquinhas voando? Era isso, mas o fogo não era de cor. E tinha fumaça nele!
E depois?

Depois ele sumiu por detrás daquele morro e apontou-o. Somente no claro do dia é que Oralina e eu fomos juntar o gado, não dando falta de nenhum deles.

Ubirajara, Luiz Petry e eu ficamos boquiabertos porque essa nave, muito próxima do chão, avistada por mais de trinta minutos e numa enorme lentidão, era acontecimento raríssimo de se ver. O assunto entrou no programa.

Considerando o Sul de Minas uma região muito fria, é comum a neblina. Se a nave soltava fumaça, também poderia estar se camuflando em nuvens de vapor. Das duas possibilidades, uma: ou ela gerava a própria fumaça no sentido de despistamento, ou estava com defeito. Não emitindo ruído, não expelindo cheiro, não possuindo luzes acesas e voando muito baixo sobre o pasto, talvez fosse um objeto apropriado para esse tipo de missão, fazendo um levantamento do solo ou de locais para desovar algum tipo de criatura ou mesmo para executar qualquer tarefa específica. E no meio rural, a possibilidade de alguém avistá-la seria muito remota, com uma camuflagem perfeita nas madrugadas embrumadas.

A outra possibilidade também não podíamos descartar: a de que a nave estivesse com defeito. Quem sabe se, voando na lentidão como fora avistada, procurasse um local para o pouso, certos os seus tripulantes de que o aparelho não flutuaria por muito tempo? E a fumaça, não seria parte do defeito?

O que parecia ser um submarino, não poderia ser alguma parte danificada do objeto, desprendendo-se de um todo que não fora visto?

Não saberíamos dizer o certo, mas estava fácil refletir sobre o óbvio.

No entanto, essa segunda possibilidade, até aquele momento não a considerávamos relevante. Dai, não darmos caso a princípio. Nosso raciocínio pendia mais para a primeira hipótese: a de a nave estar fazendo coletas de espécimes vegetais, animais, minerais, enfim, algum elemento do solo. Talvez até insetos, minhocas ou coisa que o valha. As possibilidades eram amplas. Ou, ainda, a das criaturas (a capturada pelos bombeiros e a que fora avistada pelas meninas) fossem ali deixadas com o propósito de desenvolverem algum tipo de missão que não deu certo, e que elas possam ter sido infectadas por alguma bactéria ou protozoário ou mesmo algum tipo de vírus da nossa atmosfera, não existente de onde vieram e, por causa disso, terem adoecido porque em momento algum, tanto a criatura capturada como a que estivera em posição agachada e testemunhada pelas meninas, mostraram qualquer reação de defesa ou agressão.

Estávamos com a primeira hipótese, mas era necessário nos orientar no sentido de melhor trabalharmos na condução do que investigávamos. E, a princípio, nada fazia o menor sentido para nós. Por que seres de outros planetas viriam aqui para se deixarem capturar tão facilmente?

Apesar dessa indagação, estávamos plenamente conscientes de que a nossa lógica poderia não se aplicar ao fenômeno.

Mas, se traçarmos num mapa uma linha reta a partir do ponto da fazenda onde moram Eurico e Oralina, veremos que numa distância de dois a dois e meio quilômetros esta mesma linha vai encontrar-se com uma floresta e, mais a uns dois quilômetros à frente, a mata que separa o bairro Jardim Andere do Bairro Santana.

Uma outra interrogação que vinha sempre à minha mente, a ponto de ser questionada com o meu parceiro nos dias que antecederam o segundo Fantástico, foi sobre a possibilidade para mim óbvia de alguém, em algum momento, e em algum lugar, haver filmado ou fotografado pelo menos uma das criaturas. Nada e coisa alguma me demoviam desta hipótese. Afinal, aos cuidados dos militares, tendo tido o envolvimento do Corpo de Bombeiros, da PM, do Exército, com entrada e saída por dois hospitais e, lã dentro, contando com a ajuda de médicos e enfermeiros, será que ninguém, mas ninguém mesmo, não se lembrou, em momento algum, de fotografar ou filmar? Nenhum S2 da ESA, por exemplo? Será?

Constantemente a pensar sobre isso, ocorreu-me a idéia da necessidade de obter informação correta, a despeito dos boatos.

Meu raciocínio se prendia à possibilidade de na ESA haver algum departamento ou setor que cuidasse desse particular. Devia haver sim, tal departamento ou setor, onde alguns militares estariam encarregados de cuidar de um laboratório responsável por fotos e vídeos registrando treinamentos de tropas no Pico do Gavião para estudos posteriores, em futuras instruções; filmar equipamentos bélicos, desfiles, solenidades, etc.

E porque esse meu raciocínio estava a inquietar-me, restava a mim procurar saber, me informar sobre quem ou quais pessoas estariam encarregadas deste mister dentro da ESA.

Questionei cansativamente este assunto com o Ubirajara, deixando-o a par de meu interesse em recorrer a um dos meus informantes para me ajudarem nesta procura, presumindo que os dois militares já depoentes de nada sabiam sobre vídeos e fotografias, pois certamente teriam revelado.

Na mesma sexta-feira, dia 23, quando retornávamos de Alfenas, após nosso encontro com o Antônio Cândido de Morais - “Toninho”, jardineiro da AABB, e com o casal Eurico e Oralina, já próximos de Varginha disse ao Ubirajara e ao Petry da minha necessidade de ir a Três Corações. Em Varginha eles ficariam traçando o roteiro das filmagens a serem feitas no dia seguinte, sábado, com a nossa participação: Ubirajara e eu.

Anoitecia quando, em casa de minha mãe e após ter dado alguns telefonemas, recebi um chamado de "Bruno", meu amigo, anunciando ter descoberto uma pessoa conhecida de uma outra que possuía tráfego autorizado dentro do setor de áudio e vídeo na ESA. Suspirei fundo, acometido de grande euforia e, ao mesmo tempo, inquietante preocupação em meu íntimo porque a "pessoa conhecida” mencionada por meu amigo não era minha “conhecida”.

Pode me apresentar a ela? Perguntei.

Sem problema. E recomendou: Você tem de se mostrar interessado em querer fazer uma filmagem qualquer, porque foi isso o que eu disse a ele. Nem que seja para uma festa em comemoração ao aniversário de alguém ou coisa assim.

Concordei.

Aguarde em casa que eu vou tentar falar com o meu amigo ainda agora. Talvez ele mesmo ligue para vocês combinarem um encontro.

Agradeci num entusiasmo indescritível. Restava aguardar. Assim, cada minuto passou a ser tempo demais no relógio da sala, tornando-se uma insuportável espera longa, aflitiva, angustiosa. Procurei inventar o que fazer, mas estava impossível concentrar-me em qualquer outra atividade senão a de quietar-me no sofá da sala imaginando vôos longos no meu pensamento em risco de nuvem pelo azul do céu entardecendo no quadro da janela.

Contatei o parceiro, passando-lhe a novidade. Que ambos, ele e Petry ficassem em alerta, porque a qualquer momento, conforme fosse o meu encontro com o militar, e se tudo corresse de maneira favorável ao nosso intento, ligaria a qualquer hora para que ambos pudessem ouvir mais um depoimento de nova testemunha.

Não tardou e quem me ligava era a terceira pessoa, amiga do meu amigo. Apresentou-se oferecendo a ir comigo ao encontro de um amigo dele, militar, que além de fazer costumeiros trabalhos de filmagens para a ESA, também se prestava a filmar festas de casamentos e aniversários.

Marcamos para as 20h o nosso encontro. Nós nos apresentamos e partimos à procura do militar em sua residência. Não o encontrando, preferimos aguardar um pouco ali por perto. Demos umas voltas de carro e paramos num bar próximo a residência dele. Às 2 1 h voltamos à sua casa e o encontramos. Apresentei-me e expus-lhe minha intenção de gravar um vídeo de aniversário. Muito solícito, convidou-nos a entrar. Na sala a nossa conversa se restringiu a tempo e preços de filmagens. Súbito, ergueu-se a nos convidar para irmos até um quarto onde estavam algumas fitas de vídeos, álbuns de fotografias, a filmadora e uma aparelhagem de mixagem um tanto rudimentar, mas satisfatória. Ao nos mostrar um pouco do seu trabalho percebi nele um certo orgulho pelo que possuía. Perguntei-lhe se desejava tomar uma cerveja, pois havia deixado algumas latas geladas no carro e temia que elas se esquentassem. Concordou e fui até o carro buscá-las.

Passou um vídeo de formatura de militares dentro da ESA e outros, de passeios pela cidade e campo. Ao olhar o relógio eram quase 23h. Ansioso por abordar o assunto que me levara a procurá-lo, inquietava-me a idéia de, no domingo próximo, o programa Fantástico ir ao ar com a minha imagem e, certamente prevendo que ambos iriam verme com absoluta surpresa, mais que nunca precisava confessar a minha razão de estar ali. Mas, até aquele instante não encontrava meios de entrar no assunto diretamente. Ao findar a passagem de um vídeo com imagens comuns da cidade de Três Corações, comentei com displicência;

Pois é, gravar um vídeo é muito bom. Pena é de ninguém ter estado com uma filmadora na mão quando apareceu a tal criatura em Varginha, heim? Assim já teriam acabado com toda essa polêmica.

Concordaram comigo, comentando entre eles a veracidade ou não da criatura.

Se fosse verdade, você que cuida dos vídeos na ESA teria tomado conhecimento. E como não o chamaram é porque não houve nada para ser filmado disse ao militar na tentativa de que ele nos dissesse o que sabia.

A verdade não é bem assim comentou, terminando de beber a cerveja. Se realmente aconteceu de ter tido algum ET por lã, não ia ser eu a filmar, porque ninguém ia ficar sabendo de nada.

Não? Interroguei.

De jeito nenhum. Ficaria nas mãos do serviço secreto e de altas patentes. Eles é que iriam filmar e fotografar tudo com os equipamentos de uso deles. Não iriam chamar um setor comum igual ao nosso, porque o quartel inteiro ficaria sabendo. Mas sabe o que eu acho disso tudo?

Não, não sei.

Esse negócio é uma grande boataria. Invenção de algum doído.

Aproveitei a deixa e, alegando o avançado das horas, além do término das cervejas, sugeri um encontro num outro dia. Despedimo-nos e conduzi quem estava em minha companhia até onde nos encontramos.

Ao ficar sozinho no carro, de retorno à casa de minha mãe, imaginei a surpresa que teriam eles dois quando me vissem domingo, no *Fantástico.* Mas foi muito pouco o imaginado. Soube, tempos depois que, naquele domingo, o militar apareceu bêbado, após a exibição do *Fantástico,* na casa do conhecido de meu amigo xingando com todos os possíveis e inimagináveis palavrões o ufólogo... que fora à casa dele.

Antes de guardar o carro ainda fiquei parado um pouco defronte à garagem. Conclui ser necessário procurar o primeiro militar já entrevistado por mim. Julguei encontrá-lo em casa àquela hora, mesmo sendo noite de Sexta-feira e fosse ele solteiro. Como reside afastado de onde eu estava, ainda assim resolvi arriscar.

A casa estava toda no escuro. Bati na porta algumas vezes chamando por ele. Quase a desistir, percebi a janela se abrindo e era ele um tanto desconfiado e sem acender luz alguma. Sorriu ao perceber que era eu.

Vim avisá-lo de que a gravação que fizemos com você, vou usá-la no *Fantástico!*

O quê? Assustou-se.

Calma. Calma! Tranqüilizei-o. Vou usar somente alguns pequenos trechos e assim mesmo alterando a sua voz. Ninguém saberá que é você.

Nossa Senhora, que susto, homem! Confessou aliviado.

Mas agora preciso de sua ajuda novamente.

O que é?

Dei a minha palavra de não revelar quem é você e vou cumprir sempre. Acontece que tenho um parceiro de total confiança e estamos trabalhando juntos nas investigações. É advogado em Varginha. Junto com ele está o editor do *Fantástico*, também da nossa inteira confiança. Agora, o que desejo de você é apresentá-lo a eles dois.

No sigilo?

Prometo. Acontece que você, estando com nós três, será mais fácil para todos retirarmos da fita somente o permitido por você ou, se a gente não conseguir, você gravará novamente e a seu modo, entende?

Por um tempo não respondeu. Ficou a contemplar a luz do poste do outro lado da rua. Quando voltou a olhar-me, disse:

Pode falar com eles que eu concordo.

Mas tem de ser agora.

Agora?

De que outra forma? Por favor! Amanhã a turma da televisão volta pro Rio.

Olha, confiei em você e até agora não tenho razão para não confiar. Se está dizendo que são pessoas de sua confiança, concordo. E onde vai ser o encontro?

Pedi que trocasse de roupa e entrasse no carro. Fomos para outro local e liguei para a casa do Ubirajara. Quem atendeu foi a sempre paciente Angélica, na costumeira delicadeza ao telefone, informando o restaurante onde Ubirajara e Petry estavam jantando. Que eu ligasse para o celular dele.

Ao atender disse-lhe que *a onça ia beber água* jargão dos ufólogos informando que alguém iria fazer alguma importante revelação. Combinamos de encontrar nos em meia hora num determinado lugar em Três Corações, inteiramente reservado para que ambos ficassem defronte da testemunha militar.

Chegaram em vinte minutos e dela ouviram exatamente o mesmo que haviam escutado naqueles 42 minutos de fita gravada por mim. Tão impressionados ficavam a cada resposta quanto mais resolviam inquirir o militar. Na clareza das minúcias com que ele se dispunha a estender ao máximo na intenção de dirimir quaisquer dúvidas, mais nos encantava. E durante quase duas horas puderam concluir o quanto era sério e grave o ocorrido em Varginha naquele dia 20 de janeiro, principalmente porque ali estava a confissão de quem havia tomado conhecimento do envolvimento direto na captura, às 1 0h30, da primeira *criatura* até então envolta numa rede... de grandes mistérios desde sua prisão e destino.

Capítulo 5

Foi procurando provas que encontrei dificuldades.

Diderot

Com a segunda reportagem do Fantástico a situação parecia mais clara para todos, embora os céticos não só os de Varginha como os de muitos outros lugares ainda levassem o assunto na galhofa, ironizando "por que em Varginha?"

Entendemos que poderia ser em qualquer lugar, porque em qualquer lugar na face da terra ocorrem avistamentos, abduções, relatos estranhos narrados por pessoas idôneas. Na Serra do Cipó, em Minas Gerais, em ambas as margens do Rio das Velhas, ao longo de décadas, o CICOANI tem investigado lá, todos os meses, fenômenos impressionantes. E se fizeram presentes episódios de ordem ufológica praticamente todos os dias. Na década de 70, semanalmente acontecia algo novo, inexplicado. Cidades mineiras como Lagoa Santa, Jaboticatubas, Jequitibá, Baldim, Vila Amanda, Funílândia e muitas outras têm em seus moradores inúmeras testemunhas que também se perguntam: *"Por que aqui?"*

Podemos citar a reportagem do *Fantástico,* domingo, 8 de setembro de 1996, que aborda de maneira contundente a pesquisa elaborada pelos ufólogos de Sumaré, São Paulo, os irmãos Mondini (que estiveram no Sul de Minas quando das reuniões com os demais ufólogos em apoio ao *Incidente em Varginha),* sobre o fato de uma nave em Piracicaba, interior de São Paulo , de formato discóide, extremamente iluminada, que chegou a pousar queimando parte da vegetação do solo, e de onde saíram três *criaturas* de baixa estatura, olhos grandes, orelhas também grandes e pontudas, trajando uniforme específico. Será que a população de Piracicaba não se perguntou: "*Por que aqui?"*

Ora, Varginha não foi escolhida por ser uma cidade especial. Nem por motivo específico algum. Apenas é uma cidade pertencente a um Estado que, por sua vez, faz parte de um País que é contexto de um mundo, o nosso, azul visto pela primeira vez por Yuri Gagarin, astronauta (27 anos), no foguete Vostok, por uma hora e meia no espaço, em 12 de abril de 1961. Um ponto sem nome para quem vem de fora, de algum lugar onde não sabemos qual seja, nem supomos por maior a nossa capacidade de imaginação.

Para nós, vivendo dentro da Ufologia há muitos anos, tudo se basta numa investigação inconclusiva. Vamos até próximos a uma verdade com atenção, métodos de interpretação, curiosidade e vontade de nos sabermos parte de um todo universal. Apenas isto. Se as *criaturas* foram capturadas, ficamos sabendo porque estávamos apenas tentando levantar a possibilidade de como e o que aconteceu. E o que nos passa à realidade é a possibilidade de algo ter dado errado com *os de fora. Pois* foram estas as nossas vertentes naqueles momentos. Mais: porque tudo sugeria através dos testemunhos das meninas anunciando que a *criatura* parecia estar passando mal, parecendo haver lutado ou se esforçado muito, pois estava com um aspecto "doentio".

Com todas essas evidências, mais agora, acentuamos a crença de que *alguma coisa saiu errado* na missão desses seres do espaço; e que realmente, na nossa atmosfera, algo veio prejudicá-las para de repente se verem numa situação desfavorável, e não podendo ser resgatadas antes de suas capturas. Vamos, no entanto, tocar neste assunto um pouco adiante.

Colhemos as imagens e sons de tudo o que até aqui foi relatado. Mas faltava para a *Rede Globo* a imagem da pessoa de Ubirajara e a minha feitas dentro do estúdio dele, com um depoimento nosso, para que o Luiz Petry pudesse retornar ao Rio de Janeiro, levando consigo a seara das nossas pesquisas e tendo a sua frente mais de sete horas de viagem de carro para refletir, preparar e editar o segundo programa que, indo ao ar no domingo, dia

25 de fevereiro, literalmente repercutiu como uma bomba Brasil afora, a ponto de nenhum de nós imaginar que, se antes o programa tinha 36 pontos de IBOPE, passou para 42 naquela noite.

E, na explicação feita pelo Luiz Petry, um ponto de IBOPE representa 800 mil pessoas1 Assim, considerando que 36 pontos equivalem a 28.800.000 de pessoas conectadas na tela da *Rede Globo,* e, computando mais seis pontos arrebatados com o programa do *Caso Varginha,* somam-se 2.400.000, perfazendo um total de 32.000.000 milhões de pessoas, ou mais. É como se toda a população de vários países pequenos agrupados estivessem assistindo em cadeia nacional

E o telefone, este não parava mais de tocar. Eram rádios, jornais, entrevistas ao vivo e pelo telefone mesmo. Um caos1

Espectadores na poltrona - assisti ao programa junto com o Ubirajara, em Varginha. Da tensão em que nos encontrávamos passamos ao júbilo. Luiz Petry conquistou-nos a todos por ter tido um grande comportamento profissional, estando na nossa mais irrestrita confiança. Diria mesmo que ficamos devendo muito a ele, porque teve a coragem necessária para abordar um assunto que tem sido quase sempre conduzido pela imprensa de um modo geral , de maneira das mais imprecisas e inadequadas, contendo inserções de invencionices, credos do sobrenatural, esoterismos, mentiras, exageros, místicas, folclores... o que, com o trabalho dele, nada disso ocorreu, reportando-se aos fatos e atendo-se à honestidade das testemunhas, e ao esforço do nosso trabalho em busca do mais sério documental na história da Ufologia brasileira e... porque não dizer, mundial!?

Após a apresentação do Fantástico e nos dias seguintes, houve um alvoroço geral, não somente em Varginha, mas também em diversas cidades do Sul de Minas. Tivemos a oportunidade de constatar um imenso número de avistamentos que já estavam ocorrendo dias anteriores ao aparecimento das criaturas. Talvez porque as pessoas não tinham a quem contar sem que fossem ridicularizadas e, ao depararem o noticiário e compreenderem a seriedade com que é levado o trabalho dos ufólogos, começou a surgir uma enorme quantidade de depoimentos a nos deixar Ubirajara e eu perplexos devido à tamanha solicitação de nós dois. Eram pessoas de diversos níveis sociais encorajadas a nos chamar.

Saíamos do nosso *quartel general,* que passou a ser o escritório do Ubirajara, a cada hora, às vezes seguindo rumos até diferentes para atender a chamados. Havia momentos, no entanto, em que Ubirajara, sendo um advogado na área trabalhista, muito conceituado na cidade, não podia sobremaneira deixar de também atender seus clientes em audiências na Justiça do Trabalho, como a estudar processos ou fazer petições. Assim, tive de assumir sozinho o controle das entrevistas e pesquisas, preparando relatórios, mapas com os roteiros de visitação às pessoas que nos ligavam, e estabelecer contatos com os ufólogos de toda parte sempre nos ligando para pedir informações. Muitíssimo importante foi o apoio que deram a mim as secretárias Celmeiri Bonifácio e Geani Ferreira, ambas competentes funcionárias do escritório de advocacia, sempre voluntariosas a nos ajudar, tanto que é meu dever deixar aqui registrada a minha gratidão a elas.

Nas costumeiras viagens a várias cidades, vilas e lugarejos, num raio de 150 quilômetros ao redor de Varginha, com a gentil Angélica passando recados ou informações pelo celular, gostávamos de relembrar músicas que marearam nossa época de adolescentes sendo ele dez anos mais velho do que eu.

Discorríamos sobre os bailes nos clubes sociais, as orquestras como Cassino de Sevila, Waldir Calmon e outros, além dos inúmeros discos de conjuntos famosos tocando nas casas de amigos quando em festinhas nas tardes domingueiras. Bee Gees, Elton John, Rod Stewart, Eletric Light Orchestra, a banda Backman Turner Overdrive (e mais para a década de 80 o Grupo Toto) e uma série de outros entre baladas, blues, rock. E muitos desses discos eram conseguidos em Belo Horizonte através de amigos que os remetiam até pelos correios dada a dificuldade de chegarem às cidades interioranas, as novidades e os lançamentos.

Mais que vaidade para muitos, era um tempo também de aprender música para tocar algum instrumento. Ninguém da minha turma, que eu saiba, tornou-se um virtuose. No entanto copiava-se um ritmo no violão inspirado pela bossa nova. Alguns acompanhamentos na guitarra tirados de certos conjuntos ou bandas. Alguns estudavam acordeom pelo método de Mário Mascarenhas. Das moças, havia quem arriscasse tocar piano. E tendo tido um contato com vários instrumentos, a eles me apeguei e mesmo hoje gosto de tocar apenas pelo prazer sempre renovado que a música proporciona-me no enlevo da emoção.

Cantarolando algumas canções, comentando sobre as orquestras, dos movimentos da Bossa Nova e Jovem Guarda, ríamos dos nossos acanhamentos e das grandes conquistas, não passando de olhares furtivos e uma ou outra dança, se os 'mais velhos que nós, de rostos espinhentos, tinham maiores privilégios e melhores conversas triviais. Foram ótimos estes poucos momentos em que podíamos nos arrefecer da jornada estressada do vai-e-vem à procura de testemunhas, casos, informações. E sobre os sucessos das décadas de 60 e 70 (agora relançados dada à pobreza musical dos dias de hoje), ficávamos a desafiar um ao outro na lembrança dessa ou daquela música para cantarmos, ainda que desafinados, enquanto olhávamos a estrada serpeando à nossa frente.

Não havia mais, em Varginha, quem não soubesse do ocorrido. O comentário tornou-se assunto do dia. De tudo sabíamos um pouco. Sinal dos tempos, *Fim do mundo,* diziam os crédulos. Invencionices fantasia alardeavam alguns. *Falta do que fazer, brincadeira de mau gosto,* outros sorriam, com ironias e gracejos. Mas também havia aqueles seriamente interessados em pelo menos compreender o que estava de fato ocorrendo.

E a tudo dávamos atenção ainda que nos sobrecarregasse um cansaço brutal nas idas e vindas, a ponto de num só dia irmos a quatro cidades: Monsenhor Paulo, São Gonçalo do Sapucaí, Campanha e Três Pontas próximas umas das outras é verdade, mas ao encontro das multas pessoas nos chamando para contar fatos, relatar histórias e até quem apenas queria nos inquirir sobre o acontecimento, para fazer inclusive preleções religiosas ou místicas! Outras, avistando o planeta Vênus, muito visível naquela época, acreditando ser um objeto voador que permanecia no mesmo lugar. A isto, devido ao fato de não estarem acostumadas a olhar para o céu e notar certas ocorrências naturais no espaço, concluindo à maneira delas que a passagem de nuvens na frente de Vênus ou de alguma estrela mais

iluminada, criava a sensação de que o objeto "apagava-se" "acendia". Assim, num percentual de 99% do que foi visto não correspondia à expectativa de ser um OVNI. Porém, não quer dizer que não tenha acontecido. Pelo contrário.

Nos dias 13 e 16 de fevereiro foram muito acentuados os avistamentos. Tendo a oportunidade rara de tomar tantos depoimentos e colher relatos, ainda assim solicitávamos a todos que também recorressem à rádio e às repetidoras do SBT e da Globo locais, pois tínhamos os canais abertos e nós mesmos conduziríamos as testemunhas mesmo que não desejassem ser identificadas publicamente. Esta preocupação nossa em sugerir o anonimato se deve à dificuldade inerente às testemunhas estarem sempre com medo de caírem no ridículo perante a população. Percebíamos como sempre entendemos esse temor quase uníssono das pessoas tanto civis quanto militares, com elevado grau de instrução ou mesmo nenhum. Mas houve, sim, e muitos, os relatos que nos conduziram à certeza de pessoas que avistaram OVNIs. Podemos citar um vendedor de carros tanto ele quanto a esposa que ficaram extremamente apavorados ao avistarem um objeto voador aproximadamente a cem metros de altura sobre a casa deles e que não quiseram prestar melhores esclarecimentos num depoimento a público, com medo das represálias dos ETs em suas vidas. Dizia ele:

Eu tô com muito medo! Eu tô com muito medo!

Ao viajarmos para Campanha, o senhor Norberto de Souza nos contou que, de madrugada, avistou uma nave pairada sobre sua casa, a tempo de chamar a esposa, a sogra, depois os familiares para avistarem-na a cerca de duzentos metros de altura, aproximadamente.

Outra informação prestada foi a de duas senhoras, Solange de Faria Junho (corretora de seguros) e Sandra Aparecida Ribeiro (vendedora), viajando pela rodovia Fernão Dias, de São Paulo para São Gonçalo do Sapucaí, cidade esta distante uma hora de Varginha, foram seguidas por um objeto luminoso durante quarenta minutos na estrada, a ponto de causar nelas terrível pressentimento de que seriam abalroadas, pois o obj5to voava de um a outro lado do carro e sobre ele, numa aproximação quase rente. As vezes tomava distância, retornando a comportar-se do mesmo modo. Ao chegarem a São Gonçalo do Sapucaí, exaustas pela ansiedade e pânico, e havendo o objeto desaparecido num átimo de tempo, algumas horas depois puderam avistá-lo novamente pairando sobre a casa delas; dando-lhes a oportunidade de chamar toda a família para o quintal a testemunharem, além de ouvirem um som igual ao de um chicote girando no ar e o piscar de luzes vindo do objeto e que, numa fração de segundo, desapareceu por dentro da escuridão.

Em Alfenas estivemos com o senhor José Batista, que faz manutenção em máquinas de lavar. Contou-nos que viajava durante o dia para atender um cliente em Fama, distrito de Alfenas. Retornando à noite, avistou um objeto de luz roxa tendendo a violeta, que se colocou ao lado direito do carro em movimento. Naquele instante aproveitou para chamar a esposa, Helena, pelo rádio-receptor avisando seu regresso e falar sobre o que presenciava. Mas ocorreu uma estática enorme deixando somente um ruído até emudecer por completo. Neste momento percebeu o motor rateando e sentiu os cabelos dos braços e da cabeça se arrepiando, além da sensação de todo o corpo inchar, e as pontas dos dedos ficarem fluorescentes por instantes, até retornarem ao normal, quando o objeto afastou-se dele e desapareceu pela margem da estrada.

Também investigamos o caso ocorrido em Monsenhor Paulo, distante 16 quilômetros de Varginha, aonde se vai por uma estrada de terra e o prefeito Walter Xavier da Silva (Valtinho) tem uma pequena, mas muito bonita fazenda afastada a somente 6 quilômetros do centro. Lã chegando, numa noite do mês de março, e antes de colocar o carro no galpão que serve de garagem defronte à sede, ele avistou uma luz amarelo-ouro sobre uma colina, a 400 metros de distância, não estando presa a nenhum poste devido à altura em que se encontrava. Brincou com a esposa a observar aquele ponto luminoso ser aquilo um avião. “Mas avião parado?", ela respondeu. Como repercutia a notícia das criaturas de Varginha, ainda comentou num sorriso que era o E71 A esposa riu. Querendo chamar o capataz para também participar daquele avistamento, resolveu dar uma ré, posicionando-se de forma que a luz amarelo-ouro passou a ficar à sua frente. Novamente brincou com a esposa: Se aquela luz é do disco voador do ET, então vale um contato com ele!" e acionou o pisca-alerta do carro e, em seguida, o comando luz-alta, luz-baixa nos faróis. A luz amarelo-ouro também piscou. Resolveu fazer de novo por duas vezes e duas foram as piscadas da luz que iniciou um vôo de aproximação por sobre a colina, indo em direção a eles. Num susto, Valtinho acelerou o carro entrando para a garagem, embora sua esposa quisesse observar. Caminhando apressados para entrarem em casa, confirmaram a presença do estranho objeto pairando sobre os eucaliptos a setenta metros de onde estavam.

A nós eles disseram da aparência de um ônibus, porém com as beiras arredondadas e que as luzes amarelas estavam muito nítidas. Nenhum ruído, a não ser quando decidiu partir emitindo um som igual ao arranhar na caixa de câmbio quando se vai passar a marcha no carro. E, ganhando altura, desapareceu em alta velocidade.

Ao nos contar este fato, mostravam-se assustados em cada parte da narrativa. Aproveitamos para confirmar as distâncias dos locais mencionados e filmarmos, além de fotografarmos mais estas testemunhas.

Estarrecedor foi chegar ao nosso conhecimento a notícia de que, no dia 5 de março, ou seja, 16 dias após a captura de uma *criatura* pelo Corpo de Bombeiros, e o avistamento de outra *criatura* por parte das meninas, um militar entrou em contato telefônico com o editor do SBT local, anunciando estar de posse de seis fotografias e um filme gravado sobre a *criatura.*
Anunciava-se disposto a *"vender" o* material por R$ 30 mil. O repórter solicitou um prazo de três horas, tempo suficiente para aguardar a autorização de um dos diretores da empresa.

Passadas as três horas, o militar voltou a ligar e negociou um preço bem menor: R$ 10 mil pela entrega do material. Marcaram o encontro para a noite daquele mesmo dia, numa praça afastada do centro da cidade.

Com 20 anos aproximados, o militar chegou muito nervoso ao encontro, dizendo-se parente de quem fizera o primeiro contato com o repórter, e justificando serem ambos alunos da ESA, onde tiveram a oportunidade de filmar e fotografar a **criatura.** Mas, naquele momento, ao se encontrar com o repórter sem a companhia do parente, o fazia para contar que a mãe do outro, sabendo de que havia um plano de venda do material para a TV, estava

nervosa demais e com medo, não só da repercussão; porém, muito mais pelo que adviria daquela atitude, já que o marido dela também era militar.

Descreveu ao repórter como fora feita a tomada das filmagens e das fotos, contando jamais ter visto nada igual. Tanto era a impressão causada ao avistar aquela criatura que não conseguia dormir havia três noites. Disse da pele oleosa, das grandes veias, dos olhos arregalados, duas narinas sem o nariz e, uma boca muito fina. A criatura encontrava-se dentro de um ambiente fechado e amarrada no que parecia ser uma mesa, mas não sabia ao certo por que estava coberta com um pano.

À medida que o jovem militar contava, tentando controlar o nervosismo, o repórter que até então duvidara do que se comentava em Varginha, tamanhos os boatos havidos em disparates (e por ele mesmo não ter tido o tino de jornalista nem de repórter para ao menos refletir que os ditos populares sempre existiram porque nascem de uma verdade-verdadeira... e onde há fumaça é porque há fogo... e onde há boatos é porque existe uma verdade escondida em algum lugar...), começou a crer que algo realmente muito sério acontecera. E somente começou a acreditar porque, mesmo prometendo sigilo absoluto dos nomes dos dois militares quando houvesse a entrega das fotos e do filme... no seu íntimo ainda julgava não passar tudo aquilo de conversa fiada por parte de um jovem... apenas querendo extorquir alguém.

No horário combinado para o novo encontro o militar não compareceu ao local. Somente à noite ligou para a televisão marcando um outro ponto na manhã seguinte, e que fosse ao meio-dia. Estava mais agitado que antes. Tinha a aparência nervosa, olhava para os lados a todo instante, deixando transparecer um medo de estar sendo seguido estampado nos olhos. Disse que na noite daquele primeiro encontro, soldados da ESA estiveram na casa do parente, forçando-o a entregar o material. Em seguida levaram-no detido para a Escola. Tudo isso, entenda-se, porque o pai do parente era também militar e havia informado a ESA.

Até aqui a história foi contada à maneira que soubemos pelo próprio jornalista. No entanto nos deixa uma oportunidade para opinar sobre a existência ou não de fita e filmes da *criatura.* Sabendo que o Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar, os médicos, os enfermeiros, os soldados da ESA, os S2, e outros que estiveram diretamente lidando com a *criatura,* será que ninguém teria feito sequer um registro? Nenhuma foto? Nenhum filme?

No nosso entender é óbvio que a oportunidade não passou despercebida no meio de tantas pessoas. Fotografada ou filmada certo é que, mais dia menos dia, conseguiremos ver e mostrar ao mundo o filme ou as fotos, ou os dois ao mesmo tempo. Estivemos próximos mas, por inexperiência de um repórter que independentemente de saber lidar ou não com o assunto de que trata a Ufologia, tendo dois encontros com o jovem militar, demonstrou a todos nós não ter tido a mínima intuição para, num momento como este, e, na possibilidade única de negociação para colocar as mãos num documento de repercussão mundial ... ; deixou-se ficar em si mesmo como marionete da dúvida, no *"mal me quer, bem-me-quer",* a despetalar sua própria mediocridade no ainda titubear do *"é verdade... não é verdade..."* enquanto o militar sumia!

Capítulo 6

O inconsciente pode reservar as mensagens essenciais para os ouvidos que se sabem pôr à escuta.

Jung

Entrávamos no mês de abril, quando decidimos marcar uma primeira reunião com os ufólogos que nos ligavam periodicamente e a quaisquer outros se estivessem interessados.

Aconteceu num final de semana, quando se deslocaram para Varginha, Claudeir Covo, Edison Boaventura Júnior, Jamil Vila Nova, a Norma, grupo CISVE, presidido pela professora Irene Granchi, Marco Antônio Rodrigues da Silva, os irmãos Mondini Oswaldo e Eduardo, ou seja, os grandes expoentes da Ufologia brasileira, faltando, por motivos particulares, Marco Antônio Petit de Castro e A. J. Gevaerd editor da revista UFO. De outras regiões como o Norte e o Sul, grandes nomes da Ufologia brasileira não vieram somente por questão de distância e tempo.

Nesta reunião esboçamos a eles o que de concreto tínhamos em nosso poder e o que estávamos sabendo. Apresentamos a Kátia, a Valquíria e a Liliane, a quem puderam entrevistar, acompanhando-as também ao local do avistamento da *criatura* com elas repetindo os mesmos dizeres mencionados em inúmeras entre vistas para jornais, revistas e canais de televisão. Em momento algum detectaram nelas sinal de hesitação. Percebiam que nada lhes era contraditório. Também tivemos a oportunidade de recapitular o nosso contato com a primeira testemunha militar e o histórico de como a consegui.

Novamente tive dúvidas se deveria ou não mostrar a fita para que todos ouvissem o depoimento do militar. Às vezes, de modo até não intencional, um pesquisador pode comentar um fato com a esposa e sugerir segredo. Não um segredo abissal. Um segredo de evitar comentários. Mas ela conta para a irmã, na intimidade familiar, e também pede segredo. Assim, o *segredo* vai caminhando inocentemente de boca em boca até abrir-se num canal de identificação da testemunha.

De novo estava defronte da mesma dúvida ocorrida quando da necessidade de mostrá-la ao Luíz Petry. Deveria abrir nova e igual discussão com o Ubirajara? Uma fita de 42 minutos altamente reveladora sobre quem era o depoente, além da outra fita onde um segundo militar contava sobre o Serviço Secreto da ESA, deviam ser expostas? Conclui que não.

E se quisessem cópias da fita? Perguntei ao Ubirajara. A sua divulgação seria um sucesso, mas eu estaria desacreditado perante as pessoas que confiaram a mim os seus depoimentos, assim como eu próprio estaria responsabilizando-me pelo que viesse a acontecer física e moralmente a eles.

Ubirajara ponderou comigo relevando a presença de todos muito dignos. Naquele momento, pelo fato de não conhecer nenhuma daquelas pessoas até então, e por melhor que estivessem referendadas, mineiramente optei por resguardar as minhas testemunhas no devido sigilo.

Concluímos, no entanto, que apenas a um deles poderíamos mostrar as fitas com os depoimentos dos dois militares. Ainda assim, com reservas. Confiamos ao Claudeir Covo a oportunidade de ouvir, considerando seus 35 anos de casos investigados, e do crédito de milhares de horas em vigília ufológica em diversos pontos do território nacional e pelo fato de que o Ubirajara já o conhecia há mais de 15 anos.

Concordei, pois afinal ninguém é proprietário de fenômenos aéreos não Identificados, de discos voadores, de extraterrestres. A não ser as Forças Armadas... que ironicamente esboçam através do poderio bélico a petulância de se acharem proprietárias do mundo da força... e donas, exclusivas, de extraterrestres!

Claudeir ficou deveras impressionado após tomar conhecimento dos fatos e dos depoimentos. Fizera-o a um canto do escritório, a portas fechadas, inteirando-se dos depoentes e que, como nós, também se comprometeu em manter estas fontes sob honrado segredo.

Enquanto eu o observava, de atenção aguçada ao que ouvia, de repente me veio à lembrança uma antiga leitura histórica sobre José Bonifácio de Andrada e Silva ao avisar a Dom Pedro II de que, se ele não colocasse a coroa na cabeça, certamente outra pessoa o falia.

A princípio não estava compreendendo o porquê daquela lembrança, nem o que ela sugeria assim, de tão reticente. E foi justamente isso que passou a incomodar-me durante várias horas, até que, num repente, compreendi a simplicidade do meu medo inconsciente:

A cada instante estávamos passando para os repórteres, ufólogos e até mesmo curiosos, informações corretas e sempre novas, resultantes do nosso trabalho de campo, as quais iam se somando às entrevistas, aos depoimentos, às fotografias, às fitas gravadas e filmadas, tornando-se num dos mais sérios dossiês existentes sobre captura de extraterrestres no mundo.

Conseguíamos inverter a compreensão deste acontecimento perante a população anteriormente céptica e que a tudo ironizava, mostrando a todos, através do nosso trabalho e pela inserção de dados sempre atualizados, a seriedade da investigação de que estávamos imbuídos, além da exposição de motivos lógicos referendados à opinião pública sobre algo de muito sério acontecido em Varginha.

Com este acontecimento que nos levou à realidade indiscutível sobre as criaturas em Varginha, percebi que não havíamos feito sequer uma cronologia de toda a ocorrência até aquele momento. Necessária, inclusive ainda que à guisa de memorização, para que em momento algum não houvesse incoerências no andamento das investigações. Expus ao meu parceiro, e iniciei as providências necessárias.

Preocupava-me, assim, do nosso trabalho ao ser disseminado, sofrer todo tipo de deturpações não houvesse um critério de triagens absolutamente honesto para somente informar à imprensa toda e qualquer notícia, desde que esta fosse passível de comprovação.

Caso contrário, um acontecimento de tal ordem, estando em meio a boatos e ao bel-prazer de cada repórter, dos místicos, dos pretensiosos ou escrevedores de fins-de-semana, pois certamente estes é que irão selecionar o lixo cultural em recortes de jornais, incluindo croniquetas, notas de rodapé, e poemas (!), numa salada de arrepiante sabor comercial... simplesmente aproveitando a onda do "ET de Varginha"...

Ainda na parte da tarde, consegui apresentar o doutor "João Pedro" à maioria dos ufólogos, cientista da Unicamp que eu havia conseguido contatar, e fora a Varginha somente para este encontro. Em palestra por ele proferida no auditório, solicitei à platéia que seu nome não fosse ventilado fora daquele recinto.

Discursou sobre o Projeto Genoma o mapeamento do DNA humano discorrendo, também, sobre o DNA mitocondrial. Solicitado por mim, falou sobre a evolução da raça humana desde as suas remotas origens, explicando cientificamente que a espécie Homo Sapiens está bem confirmada dentro deste quadro evolutivo. Sendo assim, no meio científico não se vislumbra a interferência genética de seres extraterrenos na evolução da espécie humana.

Lamentou não terem sido colhidas amostras no local onde a criatura foi vista pelas meninas, nem da vegetação, nem do solo, nem mesmo do próprio ar se o cheiro era muito forte segundo a dona Luísa que lá estivera instantes depois. Finda a sua palestra e após ter sido muito cumprimentado, fui com ele e coletamos mesmo alguns meses depois amostras de solo e vegetação, na garantia que ele nos dera da possibilidade de haver vestígios microscópicos no local.

De retorno à Unicamp tentou encaminhar as amostras para análise, não obtendo êxito porque todos os reagentes químicos e maquinaria importados por altos custos, necessários às análises, estavam requisitados por uma equipe formada com cientistas de várias áreas trabalhando em sigilo que somente mais tarde viria ao nosso conhecimento. Mais: pelo fato de que suas requisições, chegando ao conhecimento da direção da Unicamp, automaticamente seriam embargadas se saberiam eles a finalidade e o porquê daquela solicitação.

Não fosse a seriedade devo repetir com que fazíamos a triagem dos relatos em torno dos acontecimentos (afastando o irreal, o fantasioso, até a mentira por vezes); todas as informações que passávamos para serem veiculadas nos jornais, rádios e televisão eram pautadas dentro do absoluto discernimento sobre o que era fato verdadeiro e o que possuía aparência de verdade. Assim, o nosso trabalho de anos em pesquisa ufológica resultava em credibilidade a cada dia maior e suficiente para que outros pesquisadores soubessem do nosso envolvimento, acreditassem em nós e nos procurassem, intencionados em prosseguir conosco nas pesquisas. Fosse o contrário, certamente Ubirajara e eu estaríamos ridicularizados em risadagens vexatórias, taxados de irresponsáveis sobre assunto tão sério.

Fazíamos o melhor que sabíamos, conscientes de estarmos no rumo certo da verdade. No entanto tivemos a oportunidade de perceber, em vários momentos, o quanto o individualismo dos ufólogos prejudica o próprio trabalho de pesquisa. Compreendemos, também, como a vida de cada Grupo é solitária, protegida em redomas, amealhando somente para si o que fora diamante colhido na bateia das pesquisas, assim como se

tivessem vindo das águas de um rio somente deles, e de uma fonte única a jorrar do espaço sideral todos os fenômenos à acolhida de alguns poucos privilegiados.

Delicado é este assunto, mas deve ser mencionado apenas como um lembrete nosso sobre o que podemos chamar de tola ciumeira esse individualismo tão comum e por demais persistente entre os ufólogos. Como crianças incompreendidas e por se julgarem donos de determinadas hortas para os seus trabalhos de pesquisas de campo, eles sabem muito bem como embirrar ante ao acolhimento de anotações ou de materiais feitos por outrem, se não puderem cada um, individualmente guardá-los como se fossem somente suas prendas aquelas preciosidades. Outros, mais radicais, preferem arquivar tesouros particulares no intuito de, ao obstacular, apenas por satisfazer-se em estar afastando as pesquisas paralelas de outros grupos, de outros ufólogos, de todos os que estando na mesma área de trabalho procuram apenas uma resposta em meio aos milhares de pedaços às tantas e inquietantes perguntas sobre a vida lã fora.

Concluímos, pois, em nossa reunião, sobre a urgente necessidade de todos os ufólogos brasileiros unirem seus trabalhos, trocarem informações, somarem conhecimentos. Enfim, estarmos próximos da grande verdade, qual seja, a de que, se não estarmos sozinhos no universo... que pelo menos não fiquemos sós aqui na Terra.

Ainda em abril, logo após o encontro com os ufólogos, conversei com a americana Cynthia Newby Luce, mestre em Antropologia e Psicologia pela Universidade da Pensilvânia e residente no Brasil há 20 anos. Grande amiga em prazerosas correspondências e telefonemas.

Do jornalista e escritor americano Bob Pratt, formado em Washington, co-autor do livro *Night Siege* (Cerco Noturno), juntamente com o professor J. Allen Hynek, cientista e maior ufólogo americano falecido na década de 70, fundador do Centro J. Allen Hynek Para Estudos de Ufos, em Chicago, Illinois, também tive notícias.

Ufólogos reconhecidos mundialmente e profundos conhecedores da Ufologia brasileira, por coincidência ambos queriam saber sobre os acontecimentos de Varginha. Amigos meus de longa dada, desde quando fomos juntos à Serra do Cipó, em expedição do CICOANI e que, naquela ocasião, Cynthia representava a instituição americana Mutual Ufo Network *(MUFON),* que é uma rede mundial de troca de informações ufológicas.

Ainda que residente no Brasil há tantos anos, Cynthia não possui o completo domínio do nosso idioma, e Bob Pratt, muito menos, sempre residente nos Estados Unidos. Assim, contei-lhes por telefone e em inglês, idioma com o qual tenho estreito contato todo o ocorrido em Varginha, mencionando os depoimentos dos que viram a criatura sendo capturada; os do avistamento de outra criatura ocorrido com as meninas Valquíria, Kátia e Liliane; a presença dos militares na cidade, enfim, consegui fazer de modo claro o mais completo resumo até aquele momento.

No dia seguinte, Bob telefonou-me, informando sua vinda ao Brasil. Alegrei-me por tê-lo em minha consideração pela invejável cultura ufológica. E combinei com a Cynthia que o esperasse no Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio de Janeiro. Achei ótimo e os fiz

ciente de que seguissem para Três Corações, onde os receberia em casa de minha mãe. Imediatamente liguei para o Ubirajara, avisando-o sobre a chegada dos dois ufólogos americanos. A Cynthia, ele a conhecia pessoalmente. Faltava conhecer o Bob.

Finalmente, o casal em Varginha! Junto com eles, também a imprensa, o rádio, a televisão. Acompanhei-os no vaivém dos lugares das ocorrências, nas apresentações a Kátia, Valquíria, Liliane e a mãe Luísa. Nas entrevistas, de um modo geral, fiquei como intérprete. No meu intimo estava contente com o resultado advindo da honestidade do nosso trabalho, quando traduzi para eles, inclusive, os depoimentos dos militares.

No momento em que estávamos no carro, o celular tocou. Era Angélica, eficiente como sempre, a nos informar sobre quatro estranhíssimos senhores, muito bem vestidos, mas à maneira dos agentes do FBI na década de 50, saindo de um carro importado e batendo à porta de casa.

Fomos averiguar e tratava-se do físico Aldo Novak, paulista, 33 anos, e mais três companheiros, membros do Clube de Ficção e Divulgação Científica Frota Estelar Brasileira, com sede em São Paulo, onde milhares de associados (os *Trekkers fás* do seriado *StarTrek* (Jornada Nas Estrelas) usam uniformes da USS ENTERPRISE *"audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve"*... e, ainda, vice-presidente do Clube Arquivo X Brasil (clube advindo da coqueluche brasileira dos *fás* que assistem ao seriado americano Arquivo X, apresentado pela Rede Record e no canal pago Fox, semanalmente contando histórias sobre aparições de OVNIs, alienígenas e, óbvio, sobre governo e militares tramando suspenses por esconderem informações... (no seriado, ao casal do FBI, Fox Mulder / David Duchovny e Dana Scully / Gillian Anderson) mas, na vida real, o mesmo ocorrendo com qualquer cidadão do mundo!

E pelo mesmo processo de visitações e entrevistas, Aldo e companheiros quiseram ouvir as fitas com os depoimentos. Preferi que não. Julgamos mais acertado alongarmos as explicações, de tal forma que fosse possível o maior e mais completo entendimento das circunstâncias.

No entanto, embora tenham demonstrado estarem satisfeitos após ouvirem a nossa explanação apenas não sendo possível a eles a audição das fitas, na oportunidade Novak e seus companheiros declararam apoiar e reconhecer o valor dos nossos trabalhos, oferecendo-nos a oportunidade de nos reportar aos membros do Clube, quando de um primeiro evento em São Paulo.

Satisfeitos pelo passeio e por desfilarem garbosos e faceiros com as roupas de agentes da ficção científica americana, retornaram à capital paulista, embarcados numa importada nave terrestre, de quatro rodas,... para que o próprio Novak declarasse à revista Istoé (1401 7/8/96) que "os *militares estão escondendo algo por 1á. Pode não ser um ET, mas há algo estranho";* deixando com isso transparecer que, apesar dos pesares, e ainda assim não estar convencido de ser ou não autêntico segundo o próprio texto da revista o caso de Varginha, considerado hoje o mais importante da Ufologia brasileira.

Para nós, ufólogos, tal declaração não nos importa, desde que todo o acontecido continue como um bom pretexto para que o Novak possa permanecer na pele do orelhudo Spock... logicamente!

Após os pareceres altamente favoráveis na avaliação sobre o correto comportamento psicológico de Kátia, Valquíria e Liliane defronte das câmaras, microfones e repórteres ávidos por notícias, haviam passado cinco dias que desfrutávamos da companhia de Cynthia e de Bob.

Não havia mais dúvida pairando no ar sobre a veracidade dos fatos. A população, de um modo geral, e toda a imprensa entendiam que realmente estava acontecendo algo muito sério no Sul de Minas, e que o caso *Varginha* não estava tendo nenhum tratamento diferenciado por parte dos militares. Pelo contrário, toda aquela movimentação sub-reptícia no dia 20 de janeiro, fazia parte de todo um contexto mundial de acobertamentos por parte dos militares o que não é nenhuma exclusividade no Brasil.

Até aquele momento já havia abordado outros militares, que acrescentaram muitas e valiosas informações, não só pertinentes ao desempenho do Corpo de Bombeiros, quanto à Polícia Militar e também ao Exército. Independentemente dos meus contatos, algumas vezes tentava eu mesmo. Unhamos várias pistas e informações. Sabíamos da existência de todo um processo de acobertamento, não somente pelo fato da participação direta dos militares negando seus envolvimentos; também pelo enorme risco a que estava sujeito o militar se fosse identificado publicamente.

Assim, agíamos com o máximo cuidado na procura de algum outro militar que se prontificasse a nos ajudar. Como o Ubirajara é muito conceituado em Varginha por ser uma pessoa merecedora de grande estima, corríamos perigo, se alguém ao menos percebesse que estávamos à procura de depoentes militares, quando saiamos a andar de carro pela cidade com roteiro ignorado até mesmo dos que ficavam na retaguarda, no escritório. Tentávamos o melhor despistamento possível, fosse o que estivéssemos fazendo havia sempre alguém da imprensa a nos rodear.

Quando Cynthia e Bob manifestaram o desejo de estarem em Belo Horizonte para tomarem conhecimento das últimas descobertas do CICOANI, tendo eu de ir também, por razões particulares, e a olhar meu apartamento fechado, com taxas de condomínio, conta de luz e telefone, Cynthia e Bob vieram comigo.

Desejosos, ainda, de estarem em contato com o professor Húlvio, pedi ao mestre para que, na medida do possível, organizasse a mostragem dos novos e inúmeros casos ufológicos, na intenção de que o casal se inteirasse dos trabalhos do *CICOANI,* pois havia dois anos que eles tinham estado conosco pela última vez, pois o fizeram a primeira em 1992, quando, inclusive, era eu que fazia as traduções e agilizava as conversas e, a segunda, da mesma forma em 1994.

No entanto, como já estava há mais de dois meses fora de Belo Horizonte, sentindo os poucos membros do *CICOANI* afastados do que se passava no Sul de Minas, se nenhum deles e em momento algum houvesse demonstrado Interesse em colaborar, de alguma

forma, com as minhas pesquisas e, menos ainda, de se deslocarem até Varginha. Mais: percebia, com clareza, o desagrado deles porque eu estava divulgando as informações de minhas pesquisas nos jornais e televisão e não ao grupo, pois este, acostumou-se equivocadamente a ter o professor Húlvio como o seu porta voz. Assim, comecei a compreender a distância que havia entre eles e mim. Se antes, alheios aos acontecimentos, isso vinha causando em mim certa estranheza, também depois a mim não causava surpresa compreender desde algum tempo que o *CICOANI* muito atuante e organizado no início de sua fundação está resolvido a quietar-se sobre os resultados de longas e exaustivas pesquisas realizadas e delas ninguém mais tomando conhecimento, porque se tornava patrimônio de poucos ainda pertencentes ao CICOANI, jamais havendo uma consistente divulgação em jornal, revista ou livro. E quando algumas vezes ocorria eram somente notas esparsas tratando à superfície algum acontecimento de ocasião.

Infelizmente, a meu ver, o professor Húlvio embora sempre admirado por mim, não somente em sua grandeza humana, mas como uma pessoa expoente, probo, carismática durante esses quarenta e dois anos não se muniu das devidas ferramentas técnico/ administrativas para o efetivo gerenciamento do CICOANI, se assim o pretendeu durante todo esse tempo. Caso contrário, dele teria feito um grupo agregado, ativo e coeso, em constante trabalho de divulgação através de exposições periódicas da enorme quantidade de material amealhado nesse quase meio século de vida do CICOANI e existente em arquivo: fotos, filmes, reportagens, eslaides, jornais, revistas e livros, além de palestras aos ufólogos e cursos práticos aos iniciantes, ministrados pelos membros do CICOANI, dando oportunidade a eles de se expressarem também, incorporando às palestras uma idéia de equipe e, não deixando transparecer que o grupo necessariamente órbita em torno de uma só pessoa.

Assim como tomei conhecimento do grupo através de um convite pessoal do mestre, nos idos de 1980, penso nos inúmeros interessados que permaneceram sem referências do CICOANI durante todos esses anos apenas por falta de informação.

É lamentável, hoje, perceber que o CICOANI não seja mais um centro de investigação. Tornou-se apenas um grupo civil com alguns poucos remanescentes e em dispersão. Quando uns e outros às vezes se encontram em caráter de reunião de trabalho, mais se torna o evento uma simples contemplação do tudo guardado na residência do professor e que, ficando por lá, com certeza se reverterá num patrimônio particular da família quando do passamento do mestre.

É uma pena, porque o acervo pertence a todos do grupo e aos tantos de fora também, considerando que a pesquisa ufológica se faz em campo aberto, em espaço irrestrito e em arquivos para consultas públicas.

Aos amigos americanos o mestre os atendeu solícito como é seu costume. A pedido de Cynthia, reuniram-se em meu apartamento para uma conversa de quase duas horas. Não estive presente, nem mesmo quando o professor os levou a um passeio à Serra do Cipó para tomarem conhecimento de casos recentes embora em todos eles , quando de suas ocorrências, eu tivesse participado e ajudado nas investigações.

Dias depois fiquei sabendo, por um telefonema de Cynthia, que, de volta aos Estados Unidos, Bob Pratt. Fora acometido de um infarto, colocando quatro pontes de safena. E recuperado da cirurgia, ainda lá, nos seus setenta anos continua o seu trabalho de pesquisador e a divulgar o *Incidente em Varginha* por todos os meios de comunicação americanos.

Capítulo 7

A curiosidade leva a inteligência humana a sair da visão noturna à claridade mediana

R. L. Bruckberger

Estava em Três Corações de volta ao *Incidente em Varginha.* O telefone tocou e era um dos meus informantes relatando sobre o "Capelli", um civil que necessitava dizer a mim um assunto relativo ao que estava aparecendo nos jornais e na televisão. Pedi a ele que nada mais me adiantasse por telefone, porque eu estava com uma forte suspeita de estar com os meus aparelhos grampeados. Combinei ligar para ele de algum telefone público marcando um local onde poderíamos nos encontrar.

Em torno das 14h foi o combinado. Chegando ao local um pouco cedo fiquei na espera dentro do carro. Nesse momento um conhecido meu, o "Evandro", que há tempos eu não encontrava, ao me ver estacionando próximo de seu estabelecimento comercial, atravessou a rua vindo cumprimentar-me pelo que estava acompanhando de nosso trabalho em Varginha. E confessou ter sido bem providencial aquele nosso encontro porque um militar, amigo dele, havia-lhe confidenciado pormenores muito esclarecedores sobre a mesma criatura que os jornais e a televisão estavam comentando. Pedi que marcas se um encontro de nós três. Prometeu telefonar. Abraçou-me, regressando a seu comércio.

A poucos metros do carro estava o "Capelli" aguardando um momento de se achegar. Era perceptível seu constrangimento, Envergonhado mesmo ao se encontrar comigo no passeio de uma via pública. Convidei-o para irmos até a casa de minha mãe. Lá, em qualquer lugar, estaríamos bem.

Após fazer com que eu prometesse inúmeras vezes guardar absoluto segredo sobre a sua pessoa, e não revelando a ninguém como aconteceu o que a tudo presenciou, o seu relato baseou-se na descrição de que, há uns meses, estando em local isolado a pescar num sítio de um conhecido dele, teve a oportunidade de avistar *"aquela coisa fantástica parecendo um ônibus, obviamente guardadas as proporções", emitindo um facho de luz azul muito bonita, clareando grande área ao redor de onde ele estava. "Em poucos instantes aquela coisa foi sumindo, sumindo e sumiu para o alto".*

O seu relato foi este.

Saímos de carro e deixei-o no mesmo lugar onde nos encontramos.

De regresso a casa, fiquei pensando em como uma testemunha civil, sem nenhum envolvimento com o *Incidente em Varginha,* apenas para contar que avistou uma luz, um

objeto alongado que ao longe parecia um ônibus ou algo semelhante, exigisse de mim tanta promessa de sigilo, segredo, confiança, pois se em algum momento fosse citado o seu nome, tinha medo de ser ridicularizado.

E assim são as inúmeras testemunhas, sempre amedrontadas de se exporem ao ridículo, às vaias, às chacotas. Muitas, inclusive, guardam para si durante toda uma vida o que um dia presenciaram, apenas pelo capricho da isenção em fazer parte no rol dos doidos ou dos lunáticos. É nessas horas, portanto, que mais acredito no depoimento de Kátia, Liliane e Valquíria. E como elas tiveram fibra, honradez e coragem de estarem sempre sustentando perante os curiosos, a imprensa, aos ufólogos, as televisões, tudo o que viram e do modo e onde viram a *criatura.* Repetindo a verdade delas, e sem o menor receio de ainda hoje serem motivo de risos, chacotadas e gracejos tanto pelos vizinhos como na escola, na igreja que freqüentam, no trânsito e nas ruas por onde passam em companhia de repórteres ou pesquisadores... ainda querendo vê-las e escutá-las repetindo, repetindo, repetindo *ad nauseam. O* que viram, onde, quando e... porque viram!

Depois do encontro com o civil, preferi ficar em Três Corações ao aguardo de que meu amigo de infância telefonasse, pondo-me em contato com outra testemunha militar. Achei por bem não ir a Varginha naquele dia.

Por volta das 19h, o "Evandro" ligou. Estava ao lado da pessoa com quem eu queria conversar. Disse-me onde estavam e, no mais rápido que pude, estacionei meu carro perto deles. Fui apresentado ao militar da ESA que, por mais sorte minha, estava acompanhado de outro militar, seu amigo.

Achei por bem a escolha de um outro local mais discreto para nós. Entramos no carro e, despedindo-me do "Evandro", seguimos para a casa de minha mãe. Entrei na garagem, fechei o portão de madeira maciça e, em seguida, nos dirigimos para a sala onde começamos a trocar idéias.

Por experiência própria tenho o hábito de, numa pesquisa de ordem ufológica e estando em contato com alguma testemunha, fazer um preâmbulo primeiro para que ela não se sinta tímida, acabrunhada e temerosa por parecer impossível ou irreal o seu depoimento. Ainda mais em se tratando de um caso como o de Varginha, de repercussão internacional, considerando ainda o fato de estarem à minha frente dois militares da ESA, tendo tudo a perder, além de serem extremamente prejudicados.

Disse-lhes a meu respeito, inclusive mencionando haver conhecido outros militares também e cujos nomes não revelaria embora fossem companheiros de farda exatamente para que todos ficassem em completo anonimato. Terminei a minha fala sobre o que havia descoberto até então e deixei-os à vontade para darem os seus testemunhos referentes ao que sabiam sobre a criatura de Varginha, cujas revelações afiançaram o mais importante fato concreto da Ufologia mundial.

Memorizando que esta primeira criatura fora capturada no dia 20 de janeiro em torno das 10h30 pelos soldados do Corpo de Bombeiros e imediatamente retirada de Varginha pelo Exército, finalmente a oportunidade para sanar as dúvidas havia surgido com os militares à

minha frente, dispostos a contarem todo o acontecido, sabendo eu que eles tinham estado com pessoas diretamente envolvidas com o *Incidente em Varginha.*

Às 09h do dia 22 de janeiro, saiu do quartel da ESA, com destino a Varginha, um comboio com três caminhões Mercedes Bens modelo 1418, com pintura de camuflagem, lonas nas carrocerias e dirigidos pelo soldado Cirilo, outro pelo cabo Vassalo e o terceiro pelo soldado De Mello. Tinham como companhia mais oito carros civis dirigidos por oficiais e por membros do serviço secreto. Na entrada da cidade, na avenida principal, onde a pista é dupla, além de uma pista acessória onde se encontram grandes empresas, a Kombi que estava à frente os fez parar a um quarteirão do Supermercado Paes Mendonça. Estranhamente permaneceram estacionados ali até às 11h, retornando ao quartel de Três Corações.

Mais estranho ainda foi o retorno de todos eles, estacionando no mesmo local, ás 14h. De repente a Kombi sempre à frente do comboio seguiu rumo ao centro de Varginha quando, no mesmo instante, estacionava um fusca bege, dirigi do por um tenente S2 tendo a seu lado um outro militar S2 que, após usar o rádio comunicador, saiu do carro mandando que o cabo Élber, motorista do primeiro caminhão (e que estava substituindo o soldado Cirilo, que estivera no comboio pela parte da manhã), ordenando que o seguisse para o centro da cidade, e que os outros dois caminhões aguardassem ali mesmo.

Não tardou e apareceu de volta o primeiro caminhão rumando diretamente para Três Corações. Nesse momento o mesmo tenente no fusca bege, retornando, ordenou que o segundo caminhão onde se encontrava o cabo Vassalo o seguisse para o centro da cidade. De novo, e sem tardança, o segundo caminhão retornou, procedendo da mesma forma que o primeiro, ao seguir direto para Três Corações. Novamente o tenente mandou que o terceiro caminhão onde se encontrava o soldado De Mello fizesse o mesmo trajeto, ou seja, que se dirigisse para o centro.

Até aquele momento nenhum soldado compreendia o que estava havendo naquela missão, se apenas tiveram de circular de maneira ostensiva por dentro da cidade, de tal forma a criar dúvidas. Próximo aos estabelecimentos bancários um caminhão estacionou e partiu. Outro manobrou defronte a uma concessionária de carros. O terceiro, circulou pela Rodoviária. Afora isso, passaram por locais públicos movimentados. Transitando por diversas ruas justamente com o propósito de ninguém saber o "de onde" ou o "para onde" os caminhões estavam indo ou voltando. Menos ainda o que, afinal, estavam fazendo por ali.

É interessante abrir um parêntesis para considerar um fato que estava sob nossas suspeitas: a presença de caminhões, tanto defronte ao Hospital Regional, quanto do Hospital Humanitas, que é bem mais aparelhado que o outro e ali costumeiramente se realizam até cirurgias do coração. Construído em um ponto da cidade estrategicamente próximo à rodovia quando uma pequena estrada fora construída na intenção de desafogar o tráfego do centro, retirando os ônibus intermunicipais da área urbana, criou-se condição justamente para os que do Humanitas necessitarem de serem atendidos, vindos das cidades circunvizinhas, não terem de rumar até a área urbana. E mais interessante agora e considerar que nenhum dos caminhões usou esta estrada vicinal quando entrou. Mas recorreu a ela quando em retirada!

Mas foi justamente no Humanitas que estavam a viatura e vários soldados do Corpo de Bombeiros, além da viatura e soldados da Policia Militar de Varginha. E, no comando geral daquela operação, encontrava-se o tenente coronel Olínipio Vanderlei. Estacionado estava o fusca e os dois oficiais, com um deles portando uma prancheta de mão e fazendo constantes anotações, enquanto o outro coordenava uma série de atividades, tendo a tiracolo uma filmadora JVC. Grande era o tumulto naquelas dependências, com várias pessoas usando avental, se quatorze ou quinze eram médicos, paramédicos e alguns enfermeiros, alguns usando estetoscópios dependurados nos pescoços, mas todos usando máscaras cirúrgicas.

Pelo enorme portão lateral todos os caminhões entraram de ré no pátio, ficando somente com as frentes expostas na calçada. Neste momento os motoristas e seus acompanhantes não tiveram permissão para descer, enquanto civis e oficiais subiam e desciam da carroceria. Com diversos panos estendidos, mais as lonas de cada caminhão, fizeram uma espécie de túnel indo da traseira do caminhão até uma das salas que davam acesso àquele pátio. Isso, sendo repetido em cada um dos caminhões. Num parêntesis: os militares na sala depunham sobre este momento, enfatizando que tal procedimento ocorrera exatamente do mesmo modo com cada caminhão para que os próprios ocupantes não ficassem sabendo o que de fato ocorria e qual deles estaria transportando a criatura.

E, de uma das salas, saiu uma caixa de madeira aberta na parte de cima, contendo uma criatura aparentemente morta, de cor marrom escuro, com grandes olhos vermelhos, salientes e sem pupilas não se enxergando pálpebras aparentes; com os pés enormes, bifurcados em forma de "V" e completamente desproporcionais ao corpo; mãos com três dedos; e com a parte do joelho um tanto esfolada ou machucada, podendo-se nitidamente perceber que estava deitada de barriga para cima e parecendo estar coberta de óleo em todo o corpo, mas exalando um terrível cheiro de amoníaco.

Sempre observada por médicos, um capitão da Polícia Militar e também por outras pessoas ao seu redor, ao ser carregada para fora da sala foi colocada sobre dois cavaletes por soldados do Corpo de Bombeiros. Um dos médicos como se num último exame da criatura, com uma pinça abriu um pequeno rasgo que aparentemente seria a boca, puxando a língua fina, preta e comprida. Após soltar a língua, ela retornou para dentro da boca, mesmo estando provavelmente morta a criatura.

Fecharam a caixa trancando-a com uma espécie de parafusos com borboletas. E arremataram o serviço cobrindo-a com um pedaço de lona e transportaram-na para a carroceria do caminhão.

E um a um foram os três caminhões retornando para Três Corações.

Esta informação nos fora extremamente preciosa, pois a criatura que as meninas avistaram rente ao muro, às 15h30, com aspecto de estar doente; com certeza nos levava a crer que era ela mesma, saindo morta de Varginha e dentro da caixa de madeira. O que não sabíamos até aquele momento era como havia sido capturada.

Coincidindo as características da criatura com a avistada pelas meninas, assim estava mais do que configurado o estereótipo dela, porque tínhamos absoluta certeza de que não se tratava daquela que fora capturada pelo Corpo de Bombeiros na manhã do dia 20 de janeiro.

No nosso entender ficou claro e evidente que a primeira criatura capturada na parte da manhã fora levada pelo Exército e, de maneira alguma, teriam regressado com ela na parte da tarde, deixando-a encostada no muro somente para causar susto em quem passasse; no caso, as meninas. Assim, tínhamos a certeza absoluta que se tratava de duas criaturas. Conclui-se, então, que o Exército a encaminhou diretamente para um local capacitado tecnologicamente, se é do conhecimento de todos não existir este local na cidade de Varginha como em qualquer outra cidade no Sul de Minas. E dada à proximidade do Estado de São Paulo, pode-se concluir, sem nenhuma margem de erro, que ela provavelmente iria ser levada para uma base militar de Campinas, ou para a base militar em São José dos Campos, justamente por estarem próximas da Universidade de Campinas Unicamp e da USP, em São Paulo.

Às 19h horário de verão o comboio finalmente chegou à periferia de Três Corações, encontrando todo um aparato policial militar preparado para parar o trânsito nas ruas por onde o comboio passaria, inclusive em rua de contramão, apenas para seguirem direto rumo a ESA, onde os caminhões ficaram guardados num galpão e sob vigilância reforçada, pois desde a saída do comboio ainda na parte da manhã, o quartel se encontrava numa estranha movimentação de tropa. A guarda foi dobrada, colocando-se guardas armados em todos os cantos do quartel, em áreas administrativas, próximo aos posto de pagamento e em vários outros locais que normalmente não exigem tamanha vigilância.

E, durante a noite, houve uma reunião onde estavam presentes o tenente Tibério, da polícia do Exército, o sargento Pedrosa, que é um S2 e braço direito do tenente-coronel Olímpio Venderei, mais o capitão Ramirez. Traçavam planos e providências para o dia seguinte, numa estratégia que, ainda às 3h da madrugada do dia 23 de janeiro esse comboio, com os mesmos motoristas e acompanhados por sargentos em cada um dos caminhões se dirigissem para a Escola de Cadetes do Exército, de Campinas, com o sargento Pedrosa no comando enquanto estivessem na estrada, uma vez que o capitão Ramirez havia saído antes deles num jipe Engesa.

Lá chegando o comboio, estava à espera o próprio capitão Ramirez. E os motoristas foram dispensados para se alimentarem, descansarem, enfim, tirar o resto do dia para uma folga, sendo avisados de que retornariam a Três Corações no dia seguinte, 24 de janeiro.

Neste ponto do depoimento mais se aclaravam as nossas suspeitas, quando também se confirmou a presença do sargento Pedrosa dentro da Unicamp.

Devo confessar que desde o início dos depoimentos (embora eu houvesse retirado a filmadora de dentro da maleta, além do gravador), até então ainda estavam receosos quanto a gravarem o que eles próprios, militares, se revezavam na narrativa, com um completando, às vezes, a fala do outro. E ante a negativa, achei por bem não molestá-los mais. No entanto, contei-lhes sobre o meu parceiro, Ubirajara, e que não seria justo que ele também

não ficasse sabendo das ocorrências, pois ele era uma pessoa de minha estrita confiança. Alegaram que voltariam ao assunto numa outra oportunidade, mas não naquela hora, porque passava da meia-noite e teriam que se apresentar ao quartel pela manhã cedo.

Retirei o carro da garagem e os deixei em separado próximo de onde cada um residia. De retorno a casa, preferi ir devagar pelas ruas desertas. Não eram 3h da madrugada nem havia comboio algum à minha frente, mas uma compreensão melhor acontecia em mim na percepção de que é à noite mesmo que todos os gatos são pardos...

Em casa, encontrei minha mãe ainda acordada na sala de televisão. Ali estivera na leitura de um livro. Devido ao silêncio da sala com o aparelho desligado, durante toda a minha conversa com os dois militares ela escutara sem propósito. Disse-me que ficara pasmada, a ponto de cobrar-me atenção dobrada pelo perigo a que eu estava me expondo em levar tão profundamente a minha pesquisa. Pessoalmente ela não se envolvera em instante algum com o meu trabalho mas, acompanharão de perto como era natural que isso ocorresse. No entanto, a partir daqueles depoimentos ela própria passou a acreditar que, havendo o envolvimento do Exército, os rumos do ***Incidente em Varginha*** poderiam ganhar outra dimensão, estando temerosa por saber de meu envolvimento.

Comentamos este fato, mas procurei tranqüilizá-la na medida do possível. Sairia de casa somente quando necessário e em momentos específicos, obviamente me resguardando ao máximo. Meus contatos fazia-os normalmente à noite, e mais nenhum nome mencionava por telefone.

Na manhã seguinte, antes de ir a Varginha, telefonei para o escritório do Ubirajara, solicitando a Celmeire que não o deixasse sair, porque estava levando uma informação que faria tremer as muralhas da China.

E o encontrei ansioso.

Vamos nos sentar, que precisamos conversar com calma disse-lhe. Mas antes vou pegar uma caneta e explicitar como está a situação. E à medida que narrava o que ouvira por parte dos militares, fui enumerando os nomes dos outros também militares envolvidos.

Ubirajara estava boquiaberto.

Deus do Céu! Exclamou! Olha a coisa finalmente se configurando! E a gente estava em desconfiança! E agora? Como descrer de tudo isso? Pôs-se pensativo mas contente. E você, gravou tudo?

Dessa vez, não.

E haverá possibilidade de gravarmos?

Certamente que sim. Pode levar tempo, porque os dois militares estão um tanto arredios. Mas tentarei.

Senti a euforia dele ao perceber o meu empenho cada vez maior em fazer da nossa parceria uma soma de esforços na maior pesquisa ufológica empreendida por duas pessoas que, a princípio, nem se conheciam.

Ubirajara fez um longo silêncio, inquirindo:

Se levaram a criatura para o Humanitas, por que o Hospital Regional tem sido mencionado nos boatos?

Pelo que podíamos concluir e pelas informações acessórias que já havíamos recolhido, a criatura teria tido uma passagem muito rápida naquele final de semana no hospital Regional por ele possuir um pronto-socorro e atender grande parte da população, inclusive os mais carentes. Donde se conclui que seria temeroso demais mantê-la dentro do hospital, apesar de algumas funcionárias terem comentado a estranha movimentação ali ocorrida. Mas, mesmo que a criatura estivesse ficado por instantes, quem, afinal, a capturara? Alguém a levara para os hospitais? E em qual veículo, se os caminhões do Exército somente foram utilizados para retirar as criaturas de Varginha? Se a primeira foi capturada pelo Corpo de Bombeiros (no sábado, dia 20 de janeiro, às 10h30) e, a segunda, retirada do Hospital Humanitas (na Segunda-feira, dia 22 de janeiro, à tarde)... quem, teria, afinal, capturado a segunda criatura`? Sabíamos que mais cedo ou mais tarde acabaríamos descobrindo. Tempo não nos faltaria para pesquisar.

Capítulo 8

A alma inquisitiva do homem ergue-se acima dos credos dogmáticos de ontem, para religião de amanhã.

Voltaire

Numas das nossas saídas de Varginha, meu parceiro e eu percorríamos rodovia Fernão Dias, BR386, quando nos demos conta que estávamos próximos a Passatempo, cidade praticamente localizada entre Três Corações e Belo Horizonte. Ali reside o conhecido ufólogo e pesquisador Antônio Faleiro.

Vamos dar uma entrada e fazer uma visita a ele? Convidou Ubirajara.

Concordei.

Era final de tarde e tínhamos rodado o dia inteiro, findando mais uma rotina de entrevistas e depoimentos.

Não o conhecia pessoalmente e, para mim, seria de bom grado estreitar amizade com mais um pesquisador que tem prestado enorme contribuição à Ufologia, tendo, inclusive, construído um observatório no alto de um morro localizado a uns 15 quilômetros da cidade, destinado à observação de Objetos Voadores Não Identificados.

Recebeu-nos com agrado e satisfação, sendo uma pessoa gentil e extremamente bem humorada. Como estava muito bem sintonizado com as informações do *Incidente em Varginha,* sabidas através das leituras dos jornais e da televisão, até naquele momento ainda não podíamos passar para ele todas as notícias atuais referentes aos novos testemunhos conseguidos. Devíamos aguardar ainda um tempo até que nós mesmos pudéssemos traze-las a público num momento oportuno e com o maior número de ufólogos, mais a imprensa reunida.

Convidados que fomos para um café acompanhado de broa de fubá, pão de queijo e outras tantas iguarias o que é característica dos mineiros na recepção de convidados em suas casas, a nossa conversa prendeu-se única e tão somente sobre Ufologia de modo geral, sendo que a minha presença perante o Faleiro e eu lhe dizendo sobre o CICOANI, deixasse-o surpreso por não haver conhecido a mim há mais tempo. Justifiquei minha ausência do meio ufológico por estar sempre envolvido numa ou outra missão de campo e pesquisas, sem ter tido oportunidade de expor os meus trabalhos porque até então eram passados para o GICOANI, ali ficando em arquivos pura e simplesmente.

Embora o que ele soubesse se baseasse apenas nos recortes de jornais e nos dois programas do *Fantástico,* o pouco de novidade por nós mencionado a ele fez com que ficasse atônito, a ponto de exclamar bem a seu jeito mineiro:

Agora, então, é que a coisa vai feder! E quando vão vazar essas informações?

Não vai demorar respondi e rimos descontraídos.

Vocês vão levar tudo a público?

Quando chegar a hora, sim!

Virgem Maria! E coçou o queixo, num gesto de perplexidade e satisfação. E vocês têm todo o meu apoio.

Por mais um tempo alongamos a nossa conversa e chegou a hora de partirmos.

Despedimo-nos num caloroso abraço, pegando a rodovia de retorno a Três Corações, onde eu ficaria e, a Varginha, roteiro final do Ubirajara. Era noite, e a rodovia estava em obra de duplicação, com o tráfego de caminhões pesados passando por nós buzinando, mais os ônibus intermunicipais, além dos carros de passeio com as imprudências de alguns motoristas. Afora isso, ainda havia as paralisações momentâneas em alguns trechos. Como o Ubirajara estava muito tenso ao volante, para distrairmos retornamos a falar de músicas e a cantá-las a nosso modo e para a nossa necessária descontração.

No dia seguinte, como de costume, estava de novo em Varginha coordenando as informações que chegavam. Achei por bem fazer um roteiro da semana, digamos assim, escrevendo o que havíamos conseguido até então e o que faltava. E estabelecer prioridades em relação a qual quantos contatos de entrevistas teríamos que fazer durante aquele dia, pelo menos.

O telefone não parava de tocar. Quando não era a imprensa falada ou escrita ou televisiva solicitando mais informações, eram pessoas da cidade e de lugares próximos relatando avistamentos. Seria muito difícil para nós, termos um encontro pessoal com cada um a nos ligar. Afora isso, havia sempre as chamadas periódicas de Claudeir Covo, de São Paulo, a professora Irene Granchi, do Rio de Janeiro, o A. J. Gevaerd, editor da revista UFO, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul e outros ufólogos.

Também nos ligou o Eduardo Bertoldo Praxedes, funcionário da Parmalat Indústria e Comércio de Laticínios Ltda. Parmalat, indústria existente a cerca de quatro quilômetros antes da entrada de Varginha, num ponto bastante estratégico, porque possui uma extensa visão da estrada vindo no sentido Três Corações Varginha. Um declive longo e culminando bem defronte da indústria, onde há uma ponte sobre o rio Verde e, após a mesma, a estrada faz uma curva aberta para começar a subida em direção a Varginha. Contou nos que, no mês de janeiro, j unto a outro companheiro de trabalho viram por diversas vezes um trânsito incomum de caminhões da ESA num constante vaivém para dentro e fora de Varginha. Deu-nos ciência deste movimento na parte da manhã e à tarde, durante praticamente uma semana inteira.

Para nós foi muito importante esse depoimento, porque o Eduardo teve a oportunidade não só de avistar o comboio, mas o que lhes chamava mais a atenção era o ritmo razoavelmente acelerado com que os caminhões transitavam, tendo, inclusive, soldados armados com fuzis em suas carrocerias cobertas de lonas bem típico para transporte de tropa.

Estava nos dando esta informação, porque era comum para ele avistar, de quando em vez, um ou outro caminhão da ESA passando pela estrada com destino a Varginha numa velocidade normal permitida a caminhões e na rotina de compras de peças, mantimentos e outros particulares, já que a cidade é bem mais desenvolvida que Três Corações e multas outras da região, por ser um pólo industrial marcante: no Sul de Minas.

Mas um comboio? Com soldados armados? Num ir-e-vir a semana toda? Assim questionava o Eduardo, inclusive sobre o que poderia ter sido se não havia parada cívica, pois não era dia festivo de comemoração do aniversário da cidade talvez relevante sim, porque poderia haver ensaios para o desfile de militares, colégios e escolas. Mas também não era nenhum evento presidencial ou dessa envergadura que necessitasse de tanto ir-e-vir do comboio. Nem próximos estávamos do dia 7 de setembro. Então, por que seria? Era de se estranhar muito, tendo o próprio funcionário nos inquirido se sabíamos de mais novidades além das que estavam sendo relatadas nos jornais e televisão.

Agradeci o telefonema avisando-o de que, num momento adequado e dentro do nosso roteiro de entrevistas, iríamos contatá-lo para que nos mostrasse onde estava, seu ângulo de visão, apresentar havendo possibilidade o seu companheiro e, ainda, nos dar o testemunho de ambos mas desta vez, gravado. Concordou, e o nosso encontro ocorreu dias depois, tendo em nossos arquivos mais estes depoimentos por serem bastante contundentes.

Estávamos mais para a metade do mês de abril e já havia um tumulto em nossas vidas. Eu dormia, almoçava e jantava o *Incidente em Varginha.* Além das costumeiras ligações

telefônicas, uma senhora, de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, após nos ver pela televisão e por haver filmado um OVNI, queria que fizéssemos uma análise do mesmo. Era um objeto voador totalmente definido, formato discóide, todo iluminado. Mostramos ao Claudeir Covo que, estudando o vídeo juntamente conosco, deu-o por verídico ficando bastante impressionado.

Quando o Ubirajara contou-me que a professora Irene, Granchi havia pedido a ele que fizesse uma palestra no Rio de Janeiro, informou-me ter-se comprometido com ela para um momento oportuno. Até então ela e eu não nos conhecíamos pessoalmente, e mesmo tendo meu nome aparecido na televisão e em jornais, em instante algum a professora me citara. Comentei o quanto seria estranho eu ir junto, fazendo parte como palestrante. Disse-me ele da necessidade de contar com a minha ajuda para que a palestra ficasse completa, porque nem tudo ele se lembraria. Faríamos um roteiro e dividiríamos as nossas falas, evitando o cansaço natural numa explanação ininterrupta de duas horas ou mais. Tornei a ponderar com ele sobre eu ficar no Sul de Minas enquanto estivesse fora. No entanto foi irredutível.

A palestra seria no sábado e combinamos então sair de madrugada. Retornei a Três Corações para descansar um pouco, embora eu fosse deitar-me à 1h, tendo de levantar-me às 3h, já que o Ubirajara passaria em casa de minha mãe às 4h, de onde seguiríamos com destino ao Rio de Janeiro, passando por Cambuquira, Lambari, São Lourenço, Serra da Mantiqueira e a Via Dutra, onde peguei no volante até o ponto final em Copacabana, onde nos hospedamos.

Pelo fato de eu ter feito pós-graduação na Fundação Getúlio Vargas após deixar a Universidade Católica de Belo Horizonte, sabia muito bem como locomover-nos no Rio de Janeiro. Como estava muito cansado, preferi dormir um pouco, dispensando o almoço, enquanto ele achou melhor pegar um táxi e fazer um reconhecimento do local próximo a Faculdade Gama Filho, onde seria proferida a palestra marcada para as 18h00. Esteve com a professora Irene Granchi e ambos conversaram um pouco no auditório.

De retorno ao hotel, encontrou-me descansado, trajando terno e gravata, pronto para irmos, aguardando apenas a chegada de uma pessoa pertencente ao grupo CISNE, que faria o nosso translado até o local da palestra, no décimo oitavo andar de um edifício de onde se descortinava um Rio de Janeiro sempre maravilhoso.

Finalmente fui apresentado à professora Irene Granchi, cujo tratamento à minha pessoa fora por demais formal. A todo instante chamava o Ubirajara para apresentá-lo a um ou a outro membro do Grupo, enquanto preferi adentrar-me, no auditório, sentando-me numa das inúmeras cadeiras. Nesta hora vi chegar o Marco Antônio Petit, pessoa por demais conceituada na Ufologia brasileira devido a seus trabalhos publicados. Meu parceiro velo a meu encontro, trazendo-o a seu lado na intenção de nos apresentar. Chegou também o Luís Petry, editor do *Fantástico,* querendo conversar conosco.

Com todos os presentes já instalados no auditório, a professora Irene foi ao palco para uma breve referência sobre o motivo de estarmos todos ali e, se sentindo honrada com a presença do Ubirajara, tecendo a ele efusivos elogios para, no final, mencionar meu nome dizendo que eu teria umas "coisinhas" a acrescentar.

Ubirajara iniciou sua fala fazendo uma série de explanações. Contou alguns episódios ufológicos conhecidos mundialmente e outros pesquisados por ele no Sul de Minas, ilustrando sua fala com a projeção de eslaides. Finalmente, ao abordar o *Incidente em Varginha o* auditório se fez mais atento. Mencionou as meninas e a boataria acontecida até o momento em que cheguei a ele, estando eu no Sul de Minas. A partir daí preferiu chamar-me para que eu prosseguisse a palestra. Subi ao palco bem humorado, convocando os presentes para ouvirem as "coisinhas" a que a professora se referira. E passei a expor corretamente, de forma objetiva e clara o *Incidente em Varginha.* No entanto, à medida que ia falando, inclusive sobre os pormenores das nossas pesquisas, percebi na professora a mudança de expressão facial, antes muito séria, para a de surpresa, admiração e de redobrada atenção ao que eu dizia. No final, creio que havíamos levado a bom termo o nosso objetivo. A professora procurou-me para parabenizar-me, confessando não saber o quanto era o meu envolvimento. E o frio contato inicial transformou-se em calorosa afetividade.

Ao deixarmos o salão, fomos jantar, indo também o Luís Petry, a psicóloga doutora Gilda Moura que há dezesseis anos examinou o primeiro caso de abdução, quando o contatado sofria traumas e profundas seqüelas. Autora de *UFO - Contato Alienígena,* Editora Ateneu, nos confessou seu interesse de ir a Varginha para estar com as meninas e inteirar se melhor sobre o incidente; e da possibilidade da ida do doutor John E. Mack. A professora Irene Granchi nos convidou para irmos no dia seguinte até seu apartamento.

Pela manhã, o Marco Antônio Petit foi até o hotel, desejoso de uma conversa reservada conosco. E em se tratando da pessoa que é, acrescendo a longa amizade dele com o Ubirajara, embora estivesse conhecendo-o apenas a partir do dia anterior, acedi.

Resolvemos ir até o Shopping Rio Sul para um passeio matinal, quando nos sentamos em um Café e expusemos a ele tudo que havíamos conseguido até então, nas nossas pesquisas. Ele se impressionou, porque alguns dados propositadamente eu não havia mencionado na palestra, deixando-os para uma outra ocasião, em outro lugar.

Petit mostrou-se interessado em promover um evento ufológico no Rio de Janeiro, desejando contar com as nossas presenças. Posteriormente, o evento ocorreu, tendo comparecido o Ubirajara porque eu estava agendado com outros compromissos.

Em casa da professora Irene, pude admirar com entusiasmo o grande acervo da renomada pesquisadora. Assisti a alguns filmes, vi fotografias e slides.

É um acervo que também como o do CICOANI necessita de ser informatizado dada a enorme quantidade de preciosidades ufológicas. Roguei à artista plástica Francisca Granchi, sua filha, que assumisse essa incumbência. Tanto o *CISNE* quanto o CICOANI deveriam ser patrimônio aberto aos milhares de interessados em Ufologia.

Foi por demais proveitoso o nosso encontro. Às 14h, resolvemos tomar rumo de casa. O Petit foi conosco até um ponto da cidade, onde desceu. E, como na vinda, enquanto estávamos na Via Dutra, fui dirigindo. Quando cheguei a casa de minha mãe, era noite.

Como os depoimentos daqueles dois militares que me contaram sobre o comboio não foram gravados, comecei a trabalhar no sentido de conseguir pelo menos a entrevista deles com o Ubirajara. Avisei ao Claudeir Covo e ao Luís Petry. A ele, Claudeir, sempre atento aos acontecimentos, expus mais algumas particularidades, alegando o quanto seria bom se ele estivesse em Varginha para um contato pessoal.

Dois dias depois consegui, após uma demorada conversa, que os militares conhecessem estas pessoas e contassem a elas tudo o que sabiam. Fiz-lhes uma preleção sobre cada um, terminando, como de costume, relembrando a ambos a total e absoluta segurança do anonimato.

No final de semana, Petry e Claudeir foram a Varginha. Somente um militar pôde ir comigo, porque o outro estava de serviço no quartel. Viajamos de madrugada, com ele sentado no banco de trás do carro, para se esconder caso fosse necessário.

E no auditório anexo à casa do Ubirajara finalmente todos puderam ouvir, assombrados, os pormenores da operação retirada da criatura do Hospital Humanitas, além dos nomes dos soldados e oficiais envolvidos. Extremamente impressionado, Petry quis saber como iríamos fazer para colocar no Fantástico. Disse não haver condições porque o militar era da ativa e sofreria o castigo da cadeia e outros inúmeros aborrecimentos. Sugeri que fosse usado o mesmo recurso do segundo programa, quando a outra testemunha teve a imagem protegida e a voz eletronicamente distorcida.

Todos fizeram perguntas cujas respostas foram absolutamente a contento.

Terminado o encontro, retornei a Três Corações, com o militar no banco de trás, deixando-o em local próximo a sua residência com receio de sermos vistos juntos àquelas horas, defronte a casa dele.

Capítulo 9

Na escala cósmica, só o fantástico tem probabilidade ser real.

Theilhard de Chardin.

Uma autoridade judiciária passou para o Ubirajara uma informação muito importante e que veio responder às nossas perguntas sobre o envolvimento do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar de Varginha, além da ESA. A informação referia-se à captura da segunda criatura avistada pelas meninas naquela tarde de sábado, dia 20 de janeiro. Como um quebra-cabeça, muitas das peças estavam colocadas no lugar, mas ainda havia suposições sobre isto e até então não encontrávamos meio de explicar a nós mesmos como tudo ocorrera.

Pois esta pessoa contou-nos que num churrasco entre amigos, um elemento que trabalha para a Polícia Militar de Varginha confidenciou sobre a veracidade do que os ufólogos referindo-se principalmente a Ubirajara e a mim estavam conseguindo apurar. A criatura

realmente esteve dentro de um veículo da PM após ter sido capturada viva na noite do mesmo dia 20. Sem demonstrar nenhuma resistência à captura, e como eles não sabiam o que fazer com ela, um dos militares de dentro do veículo sugeriu o nome de um médico, seu conhecido, alegando que ele poderia vê-la e ajudá-los com o que fazer com ela. Decerto, uma opinião médica valeria muito naquelas circunstâncias, ainda mais na suposição deles de que a mesma poderia transmitir alguma doença ou estar com algum problema, se em momento algum manifestara reação de ataque nem mesmo de defesa. Passiva e recolhida, era como se aguardasse que eles pedissem socorro e obtivessem ajuda, o que seria de vital importância para todos, principalmente num caso singular jamais vivenciado pelos policias.

Foi quando a levaram para um Posto de Saúde e chamaram o médico, que foi até lã fora para atende-los.

Doutor, estamos com essa coisa aqui dentro e o senhor podia nos ajudar no que fazer com ela.

Olhou para a criatura e afastou-se aborrecido em saber do que se tratava, alegando não querer o nome dele ligado "àquilo" porque tinha um nome a zelar.

Mas, doutor, o que vamos fazer com isso?

Não sei! Não sei e nem quero saber, o que fazer com essa coisa. Vão com ela pro Regional, que é o mais certo! Não quero é me envolver com isso aí, de jeito nenhum, pois isso não é desse mundo! E retornou para dentro do Posto de Saúde, sem dar atenção aos outros militares de dentro da viatura.

Assim ocorreu exatamente o que suspeitávamos: o envolvimento do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar e da ESA estava configurado. Difícil foi precisar o horário certo quando tudo ocorrera e o tempo da passagem entre o Hospital Regional para o Hospital Humanitas, possivelmente naquela mesma noite.

Lamentável dizer, mais uma vez, o quanto as pessoas são temerárias por veicularem seus nomes a um fato dessa grandeza. Continuam pequenas, não conseguindo avistar senão mais que um palmo de vaidade além dos narizes, fazendo-se passar como imponentes figuras numa sociedade de iguais medíocres e borra-botas. E este foi o médico com que fizemos contato e por quem fomos tratados no nível de sua arrogância.

Com os dias ficando cada vez mais frios, os agasalhos começaram a aparecer com as pessoas em todo o Sul de Minas. Na tarde do dia 26 de abril, recebemos um telefonema do senhor Marcos Clepf, nome de origem alemã, pessoa ligada ao meio político Varginhense, tendo sido vereador e, por isto mesmo, por demais conhecido e respeitado na cidade.

Contou-nos ter uma informação que, a bem da verdade, durante uma semana inteira, fê-lo refletir se deveria ou não torná-la pública, receoso do fato de ele e a família virem a ser ridicularizados. Mas, incomodados que estavam, decidiram de comum acordo entre os familiares, nos narrar o acontecido com a esposa, dona Terezinha Clepf, 67 anos.

Fomos a casa deles e ela nos disse que no dia 21 de abril, domingo, ás 21h, estivera com o marido em uma festa de confraternização no restaurante rústico localizado dentro do Jardim Zoológico de Varginha. Restaurante simples, porém muito requisitado para estes tipos de eventos, dado a beleza do lugar.

Eram aproximadamente 21h. Ela havia jantado, tomado um cafezinho e resolvera afastar-se da mesa, pois o marido e outros senhores estavam conversando e nenhum era fumante. Não querendo incomodá-los com a fumaça, resolvera sair da mesa, dirigindo-se até o avarandado um tanto escuro devido as grandes árvores e por não estarem ligados os holofotes externos daquele setor e nem as luzes da varanda (quando soubemos, mais tarde, pela direção do Zoológico estarem com defeito).

Dona Terezinha sentou-se numa cadeira, acendeu o cigarro e deparou à sua frente, numa distância de cinco metros de onde estava, a presença de uma *criatura* em pé, recostada na parte de fora do parapeito da grade metálica. Confessou-nos seu medo momentâneo devido ao susto e por julgar ser, a princípio, um animal solto, embora jamais tivesse visto algo semelhante. Não conseguia divisar direito o que era porque a luz existente vinha do restaurante. Tinha dois olhos grandes, vermelhos, arregalados, sem pupilas e luminescentes, olhando fixamente para ela. O nariz quase nenhum e a boca à semelhança de um pequeno rasgo horizontal. Percebeu que a pele era marrom escura, oleosa. Havia sobre a cabeça uma aparência de um capacete ou touca dourada. Ambos se olharam por aproximadamente sete minutos em silêncio. A *criatura* não se mexia, embora de alguma forma abrisse e fechasse aqueles olhos enquanto continuava olhando-a.

Dona Terezinha diz que os olhos se assemelhavam a *"faroletes traseiros de carro freando"*. Acometida de enorme medo, preferiu erguer-se lentamente da cadeira e retomar para dentro do restaurante. Ainda na porta volveu o olhar para fora, continuando a avistar a *criatura* ainda inerte, no mesmo local e a fitá-la fixamente como antes. Amedrontada, juntou-se aos demais, preferindo nada comentar a respeito com receio de algum pânico vindo de outras pessoas ou de causar algum transtorno, ou tornar-se vítima da pilhéria de algum espirituoso ali presente. Procurou o marido, chamando-o para irem embora. Quando entraram no carro é que se dispôs a comentar o ocorrido, demonstrando muito nervosismo naquele momento.

Em casa, naquela noite, não conseguira conciliar o sono. A imagem daquela *criatura* a aturdia, persistindo em sua memória. E nos dias subseqüentes um medo interior, Incomum. Lembrou-se da *criatura* que há dois meses fora vista pelas meninas que ela própria não conhecia e comentou com os familiares. Até que, finalmente, estava a nos narrar o fato, acreditando que, de alguma forma, poderia ser útil em nossas pesquisas, porque até então vinha acompanhando pelos jornais e televisão o nosso envolvimento.

Ao terminar seu relato pedimos a ela, ao senhor Marcos e aos filhos se poderíamos divulgar para a imprensa, considerando que estávamos diante de um testemunho feito por uma senhora idônea e consciente de seu papel na sociedade. Tal depoimento teria uma enorme força de credibilidade para quem escutasse a sua história. E que tal avistamento não deveria ficar mais restrito ao meio familiar apenas. Concordaram conosco e o assunto veio a

público, com a dona Terezinha sendo assediada pela imprensa nas semanas e meses subseqüentes.

Após a imprensa divulgar o depoimento da dona Terezinha Clepf, quem entrou em contato conosco foi a doutora Leila Cabral, diretora há muitos anos do Zoológico. Reportou-nos que uma semana antes do dia 21, ou seja, na semana anterior em que dona Terezinha tivera o avistamento, cinco animais saudáveis até então vieram a falecer de maneira inexplicada e misteriosa. Uma anta, dois veados, uma arara azul e uma jaguatirica.

Ao fazerem a autópsia da anta, que a doutora Leila carinhosamente apelidara de *Banzeco,* por ser saudável e brincalhona, o laudo identificou morte por *"substância tóxica não identificada". Nos* veados, "*intoxicação cáustica sem causa aparente".* Nos outros três, *"nada que justificasse a morte".*

Surpresa maior tanto para a doutora Leila como para o médico-veterinário Marcos de Araújo Carvalho Mina: os animais morreram de forma abrupta e inesperada. O Zoológico é muito bem cuidado, as águas são tratadas e os alimentos selecionados. Somos testemunhas do zelo existente ali. Mesmo assim, houvesse um produto tóxico, seria ele detectado nos exames das vísceras dos animais. Porém, ao aparecer *"substância tóxica desconhecida"* e nos outros animais *"nenhuma definição",* alguma coisa ou algo inexplicado realmente havia acontecido!

Pelo fato de dona Terezinha Clepf haver-se prestado a um testemunho público, a doutora Leila associou os fatos pois tudo acontecera na semana anterior ao avistamento desta *criatura.* Ela, no entanto, de capacete dourado na cabeça, seria da "família" das outras? Ou será que o Sul de Minas tenha-se tornado um local ideal para a observação de seres cada vez mais estranhos? Por alguma razão estavam ali. Mas fazendo o quê? E quem eram?

Conversávamos a respeito quando o doutor Marcos, ao comentar as notícias que saíram nos jornais e na televisão, lembrou ter cruzado com um comboio do Exército na estrada, ao ir buscar a filha no Country Clube de Varginha, situado a quatro quilômetros da saída de cidade, cuja entrada é justamente defronte da Parmalat. Isto no dia 22 de janeiro, numa Segunda-feira!

Ainda no final do mês de abril, uma série de avistamentos ocorreu no Sul de Minas. Dentre os de que tomamos conhecimento, o mais importante foi o acontecido sobre a indústria Standard multinacional recentemente instalada em Varginha onde mais de trinta pessoas, entre operários, pessoal do setor administrativo e executivo, deixaram o trabalho e foram para o pátio testemunhar a ocorrência.

Eram 11h, o céu azulado de outono, sem nenhuma nuvem, quando um objeto discóide, prateado, aproximadamente a duzentos e poucos metros de altura, vindo do horizonte, pairou acima da indústria. Ao mesmo tempo, um outro objeto idêntico ao primeiro veio de outra direção, pairando abaixo deste. Foram-se aproximando lentamente e, como num engate, saíram em alta velocidade sumindo no horizonte.

Um dentista de Três Corações, solicitando a cobertura de seu nome, receoso de ser alvo de gracejos, contou-nos ter saldo de Varginha rumando para Três Corações e, ao decidir cortar caminho, entrou numa estrada vicinal de 8 quilômetros existente no trevo da rodovia Fernão Dias. Isto, por não querer atravessar todo o distrito industrial de Três Corações, sendo que esta 'estrada vicinal o deixaria antes, no bairro Cotia, onde tem seu consultório.

Era em torno das 20h quando, subitamente, seu automóvel começou a falhar. Pensou na estranheza do fato por ser um carro novo, recém-adquirido. De repente, avistou do seu lado esquerdo, parte de um objeto enorme, com algumas curvaturas, voando bem acima dele com a outra parte cobrindo o carro numa proximidade assustadora, fazendo-o temer um contato que certamente provocaria um desastre. Havia umas arestas onde diversas luzes amarelas e vermelhas piscavam, projetando completa luminosidade ao objeto.

Disse-nos que, nesse momento, entrou em pânico. As pernas tremiam, as mãos no volante ficaram paralisadas e o motor perdia a força, mesmo ele tentando acelerar. Olhava para o objeto e ele ali, enorme. O medo tomava-lhe o corpo rígido. O suor a descer pelo rosto. Virou o volante para o acostamento e o carro foi parando, desligado. A partir desse momento fechou os olhos com pavor de observar o objeto, embora percebendo o piscar das luzes. Silêncio absoluto por um tempo curto até que, num repente, o motor voltou a funcionar com o objeto se distanciando. Acelerou o que pôde e, alucinado, partiu em direção ao seu destino numa velocidade que ele mesmo jamais alcançara.

Porque o conheço desde o meu tempo de criança, e também a família dele, não detectei mentira naquele testemunho, conhecendo sua honradez e honestidade. Aconteceu e pronto. Mas confessou jamais esquecer aqueles momentos em toda a sua vida.

No dia 30 de abril fui entrevistado, por telefone, pela revista *Veja,* juntamente com o Ubirajara, no escritório dele, o qual se tornara o nosso *quartel-general.* Pediram-nos se poderíamos colocá-los em contato com as meninas. Prontifiquei-me a fazer isso no dia seguinte, Quarta-feira, 12 de maio, feriado.

Combinamos que Kátia, Liliane e Valquíria falariam com eles para que pudessem ter seus depoimentos gravados, ainda que estivéssemos programados em fazer pequena viagem no intuito de confirmar algumas informações em cidades periféricas. Mas tendo o Ubirajara se ausentando por razões particulares, coube a mim esta incumbência.

Saí de Três Corações bem cedo no feriado, indo a Varginha como habitualmente estava fazendo por dois meses com o único propósito de encontrar-me com as meninas. Passaria na casa de Liliane e Valquíria. Depois, com elas, iríamos até a de Kátia, seguindo para o posto telefônico, de onde faríamos a ligação para a revista.

Pelo menos duas vezes por semana encontrávamos com as meninas, na intenção de informá-las sobre alguém que estava para chegar, no intuito de avistar se com elas, marcando dia, horário e local da entrevista e também pelo fato de nos havermos tornado amigos. Como desta vez não tínhamos nada programado, preferi ir bem cedo, desejoso de vê-las ainda em casa, pois poderiam sair a passeio, aproveitando o dia de folga.

Ao chegar, dona Luísa veio contar-me a estranha ocorrência na noite do dia 29 de abril, ás 22h30, quando quatro homens trajando ternos escuros, dois morenos, aparentando a idade de quarenta anos, um claro e outro aloirado que no dizer dela *"nenhum com certeza, parecia ser de Varginha pelo jeito de conversar, mas todos dois com sotaque do Sul de Minas";* descendo de um carro de cor preta estacionado próximo a casa dela, quando ela e as meninas se preparavam para dormir.

Ao baterem palmas do portão, dona Luísa não se incomodou com o horário, porque a filha mais velha, Juliana, estava na escola e o marido trabalhando na empresa de ônibus onde é cobrador. Valquíria foi atender, anunciando a ela a presença dos homens. Pensei que pudesse ser o Pacaccini ou Ubirajara com repórteres, ou coisa desse tipo. Enquanto fui ao quarto pra trocar de roupa, os homens foram entrando. descendo o pequeno passeio que vai até o final do lote onde está a casa tipo barracão construída nos fundos do terreno e em declive com o nível da rua.

Embora bem vestidos, quem seriam eles, se não se identificaram?

Falaram que queriam "bater um papo" comigo e com as meninas sobre o ET que elas viram. Contaram que aquela era a única hora em que podiam estar ali. E pediram pra trancar o portão porque o assunto era particular e que a gente não podia receber ninguém de visita naquele momento. Quando quis saber seus nomes, falaram que os nomes deles não eram de meu interesse. Um deles perguntou às meninas o que de fato elas tinham avistado. E, à medida que respondiam, um deles fazia anotações num caderno pequeno. Os outros dois permaneceram calados o tempo todo. Que tipos de sonhos tinham para a vida futura? Quanto ganhava como empregada doméstica? E o salário do marido, era um tanto bom pra gente viver em paz? E o que é que a gente precisava pra superar a nossa vida humilde?

Com respostas simples, diretas, objetivas, dona Luísa estava temerosa e com enorme receio de alongar a conversa. Foi quando um deles alegou que cobririam com muito *"mas muito dinheiro mesmo, o sonho da família".* Mas as meninas, ela e o marido teriam de sair de Varginha. Iriam com eles, numa data previamente estabelecida, se deslocar para uma outra cidade onde as meninas gravariam um depoimento negando toda a história. Ou seja, as meninas teriam que desmentir o que viram, alegando ter sido a criatura uma brincadeira que elas inventaram e, por terem ido longe demais, era chegada a hora de negar toda aquela história. Então, assim, elas seriam pagas com muito dinheiro! Um "muito" não especificado, mas segundo eles, dinheiro de sobra para realizar o sonho da casa própria e diversos outros.

"Afirmaram que seriam a mina de ouro e que eu e minhas filhas jamais pensamos em ter".

À medida que dona Luísa narrava a mim o ocorrido, sentia o temor em seus olhos. De tão preocupada, contou-me que não dizia nem *sim* nem não. Sem telefone e meios àquela hora de entrar em contato com o Ubirajara ou comigo, preferiu manter-se na defensiva. *Quando perguntei se o Pacaccini ou Ubirajara é que tinha mandado eles pra cá, falaram que não tinham nada com o Pacaccini e nem com o Ubirajara, e pra gente esquecer deles. E que na*

hora das meninas desmentir tudo, também não ia ser nas TVs "mixurucas" daqui de Varginha.

Como a conversa estendeu-se até um pouco antes da meia-noite, ofereceu um cafezinho aos quatro homens. De tão amedrontada, deixou ás mãos uma faca de cozinha quando foi buscar a garrafa de café, mesmo percebendo que os homens não eram pessoas malévolas mas, por intuição, compreendia que o silêncio das meninas, o desmentir da história, a mudança da cidade, o realizar dos sonhos da família tudo aquilo estava ficando muito estranho.

Estranho suborno, sim! E dos grandes, partindo de quatro homens que em momento algum se identificaram! Disse à dona Luísa que este fato deveria ir para imprensa. Ela, no entanto, argumentou estar com muito medo *porque eles prometeram voltar pra saber a resposta, e porque eu disse que, se era pras meninas desmentir tudo, como eu ia ter certeza de pôr a mão no dinheiro? Foi quando um deles falou, que se eu tivesse medo de pegar naquele dinheiro todo, bastasse eu dar um documento pra eles abrirem uma caderneta de poupança pra mim.*

Liliane e Valquíria aguardavam-me para irmos ao encontro de Kátia. E elas, as três, falariam com o repórter da revista VEJA, do posto telefônico. Mas era preciso que dona Luísa terminasse de contar. *Perguntei se eles não tinham um número de telefone pra me dar, pois eu ia pensar no assunto. Disseram que não, que iam voltar.*

Tornei a dar ênfase à necessidade de anunciar o fato à imprensa e tranqüilizei-a argumentando que melhor seria se todo o mundo ficasse sabendo, pois, assim, ela e as meninas estariam sendo vigiadas pela própria vizinhança inclusive quando (e se), na calada da noite, novamente surgissem os porta-vozes de quaisquer autoridades querendo tapar o sol com a peneira... para não dizer os narizes dos outros, na intenção de não sentirem a catinga do suborno, pior que o mau cheiro de amoníaco da *criatura.*

Diríamos melhor, parafraseando o grande brasileiro Aparício Torelli Barão de Itararé, quando se referia à existência de alguma coisa no ar... além dos aviões de carreira ... ; se o certo, mesmo, fosse agora dizer sobre alguma coisa no ar... além dos Objetos Voadores Não Identificados!...

A equipe dos humoristas do *Casseta & Planeta* entrou em contato conosco expondo o desejo de fazer um programa sobre o ET de Varginha e gostariam que as meninas, eu, e Ubirajara aparecêssemos. Fomos contra esta possibilidade, até porque, antes de eles nos terem telefonado, qualquer referência depreciativa ou humorística buscaria prejudicar as nossas pesquisas, pondo em risco o nosso trabalho iniciado desde janeiro, além de pôr em risco a credibilidade conquistada, apesar de inúmeras vezes ter dado ás meninas e a nós vários aborrecimentos pelos comentários e críticas desairosos. Ainda mais com o programa *Casseta & Planeta,* projetando para todo o Brasil as imagens das meninas e as nossas, numa inversão de valores não proposital, certamente porque a equipe é talentosa, divertida, com um humor diferente e atual. A nossa preocupação se prendia à enorme platéia televisiva que, ao achar graça do "ET" sendo entrevistado, passeando na rua, tomando cerveja em boteco; tais quadros não seriam apreciados e compreendidos apenas como uma

distração sobre um tema sério. Pelo contrário, estaria criando mais um novo argumento para os descrentes somarem aos seus motivos "à certeza" de que não passam mesmo de grande balela as criaturas do espaço e seus objetos voadores e, por extensão, aos ufólogos, constantemente rotulados como patéticos e lunáticos.

A resposta de Ubirajara foi tangencial, ou seja, evitando a negativa pura e simples, invocou a necessidade de primeiro conversar com as meninas, alegando não terem elas telefone em casa e porque somente elas poderiam decidir. Do outro lado da linha havia relutância, mas Ubirajara teve a devida postura em sustentar as dificuldades inerentes ao encontro, deixando as meninas e dona Luísa decidirem por si próprias.

Terminada a ligação fomos até a casa delas para uma conversa explicativa. A equipe do *Casseta & Planeta* chegaria a Varginha numa Quinta-feira, 2 de maio, indo embora no sábado, dia 4. Lembramos o quanto estariam prejudicadas se participassem do programa de que elas gostavam mas, nesse caso, seria depreciativo. Concordaram conosco sabendo que a chegada da equipe certamente teria a cobertura da Globo e que iriam à casa delas. Que trancassem o portão a cadeado e não saíssem. Demos as recomendações necessárias e ficamos ao aguardo. Chegou a equipe, e impressionou-nos sobremaneira o comportamento do pessoal da Globo de Varginha, que até então vinha adotando uma certa parceria conosco ao nos procurar para obter novas informações e levá-las ao ar. No entanto, mesmo explicando a eles o ruim que seria para as meninas, de nada adiantou, pois estavam aplaudindo a equipe do *Casseta & Planeta* devido ao *"maior sucesso"* na divulgação da cidade. Chegaram a oferecer dinheiro às meninas, que não cederam, atendendo às nossas solicitações.

Naquela manhã em que elas deram a entrevista por telefone à revista Veja eu estava preocupadíssimo. Consegui um sítio de um conhecido meu e as preparei para levá-las, com bagagens e mantimentos, ali ficando por dois ou três dias. Quanto à dona Luísa não havia problema. Trabalhando o dia todo como empregada doméstica, saberia se comportar e afastar-se de situações constrangedoras.

Antes de seguirmos viagem parei defronte a Globo de Varginha e, sem descer do carro, pedi ao porteiro que chamasse a Janete, editora-chefe. Não tardou e ela apareceu olhando assustada para as meninas, as bagagens e as sacolas de feiras.

Estou passando por aqui na intenção de noticiar a você que lamentamos muito, se foram explicadas as razões de não usarem as meninas para o jocoso. E ninguém nos deu crédito. Agora, estou retirando-as da cidade.

Janete ficou desapontada.

Olha, Pacaccini, entendo perfeitamente e espero que você não fique magoado. Sabe que trabalho para a empresa e *o Casseta & Planeta* tem muita audiência. Você me desculpe, mas não tenho controle sobre isso. E quanto a quem procurou as meninas para oferecer dinheiro eu não tive como evitar.

Agradeci. Pela cidade haviam cartazes e faixas pregados e dependurados nos postes: *"A Prefeitura de Varginha parabeniza a equipe de Casseta & Planeta que vem aqui nessa cidade cósmica"."O ET de Varginha abre os braços para a turma do Casseta & Planeta"*. Mais e muitas alusões ao ET caricaturado saudando a equipe!

Quando chegaram, a cidade quase parou. Na praça, junto a um palanque armado, desceram dos carros a tralha dos equipamentos. Até o prefeito Aloysio Ribeiro de Almeida estava presente. E começaram os trabalhos. Abordam um passante; perguntam alguma coisa a alguém; ao terceiro: o que acha disso ou daquilo? E seguiram adiante.

Quando o programa foi ao ar no dia 7, fui assistir a ele na casa do parceiro, porque a Globo local queria colher a nossa opinião. Tudo terminado, disse que o país é democrático, o humor é saudável e que aquele programa, em hipótese alguma, afetou as investigações em que estávamos envolvidos porque, também, em nada contribuímos para esse programa. Normalmente não assisto a esse e outros programas de humor na televisão, porque todos são chochos, risíveis e fracos na sua essência. Quem pode lembrar-se um pouco dos programas de rádio que já ouviram e alguns outros na televisão de bons anos passados, sabe o que digo. Mas não deixou de ser interessante para o povo de Varginha se a cidade estava sendo falada e mostrada para todo o Brasil através de um programa de humor embora fraco mas mil vezes preferível a abordar grande tragédia ou assalto mirabolante, ou surpreendente crime passional bem a gosto e na pauta do noticiário jornalístico e televisivo. Ainda bem. Varginha continuou depois do gracejo a mesma cidade pacata e agradável. Teve o seu momento de descontração e prosseguiu no cotidiano de cidade grande, boa, pacifica e interiorana.

As meninas retornaram para casa e nossa rotina prosseguiu sem mais atropelos dessa natureza.

Um outro militar veio nos contar como procederam quanto aos caminhões no pátio do Hospital Humanitas, quando da retirada da criatura para o transporte rumo à ESA. Como há tempos estava temeroso, somente naquele dia concordou, crendo na importância de seu depoimento. E, embora o que nos disse fosse repetindo as iguais informações já por mim obtidas, assim mesmo ao deixar gravado o seu depoimento, era mais um militar entrando para os nossos arquivos e a acentuar ainda mais a verdade dos fatos.

Acreditando haver uma quantidade grande de informações ainda não noticiadas, marcamos para o dia 4 de maio, sábado, uma segunda reunião com os maiores ufólogos brasileiros que se prontificaram a tomar conhecimento das ocorrências.

Essa reunião entrou para a história da Ufologia no Brasil quando, pela primeira vez, em torno de um só assunto pertinente ao avistamento da criatura pelas meninas e o desdobramento dos fatos tivemos a oportunidade de recapitular com eles o já veiculado na imprensa, acrescido de dados muito mais contundentes e impossíveis de ser ao menos contestados.

Na quinta-feira, 2 de maio, o Luis Petry chegou para a reunião com os ufólogos designada para o sábado, dia 4. Contamos a ele tudo o que havíamos apurado, desde o nosso último

encontro, e ficou surpreso com as novidades, além de preocupado ao mesmo tempo pela impossibilidade de colocarmos todas essas informações na frente das câmeras.

Na sexta-feira saímos os três, ele, Ubirajara e eu, na própria viatura da *Rede Globo.* Rodamos vários pontos de Varginha e seguimos para Campanha, depois Alfenas. Retornamos para almoçar. Não eram 14h, quando o Claudeir Covo veio juntar-se nós chegando de São Paulo para a reunião.

Meu desejo maior era que tanto o Petry quanto o Claudeir pudessem conversar com a autoridade judicial que nos confirmara a captura de uma das criaturas pela Polícia Militar de Varginha. E mesmo sendo ela difícil de ser encontrada, dada a diversidade de seus horários de trabalho, demos sorte por conseguirmos localizá-la num edifício público do Estado. Fomos até lã na maior discrição possível, e enquanto não nos atendia, uma advogada amiga de Ubirajara encontrou-se com ele casualmente, noticiando-lhe que a sua empregada tem uma filha residente em Três Corações, num bairro de periferia, e que um militar da ESA, em uma festinha muito discreta havia confirmado como verdadeira a captura da criatura, embora a notícia fosse sigilosa.

Perguntamos à advogada se poderíamos falar com a empregada, mãe da moça. Incontinente ela ligou para casa e chamou-a. Conversou com ela em nossa presença. Num repente a advogada nos convidou para ir até sua casa, alegando ser mais fácil o nosso diálogo com a empregada. Neste momento, foi possível conversar com a autoridade judicial que estávamos aguardando. Após as apresentações, Claudeir Covo e Petry ouviram a confidência da confirmação de que a *criatura* fora realmente levada para o Posto de Saúde e, depois, ao Hospital Regional.

Logo após esse contato fomos para a casa da advogada, amiga do Ubirajara, conversar com a mãe da moça, que estava a par dos acontecimentos.
Os senhores podem ir falar com ela, sim, uai! Vejo problema, não.

Explicamos que seríamos o mais discretos possível.

Eu sei. É pela carruagem que a gente sabe quem vem dentro. E os senhores são gente fina, ué. Escreve aí o endereço!

Perto do anoitecer, decidimos viajar a Três Corações para falar com a moça. Ubirajara não pôde ir em virtude de outros compromissos. Fomos somente Petry, Claudeir e eu.

Encontramos a moça e dissemos que a mãe dela nos dera o endereço. Ela achou melhor que fôssemos mais tarde da noite para não sermos vistos. Ante a concordância e nossas explicações a que viemos, pedimos à filha para nos levar à casa do militar. Aproveitando o tempo livre que teríamos, demos uma volta pela cidade, rodeando a ESA e seguimos para o jantar em casa de minha mãe.

Chegamos à rua escura e sem calçamentos. Não havia campainha, mas um cachorro acorrentado latia incessantemente. Por várias vezes bati na porta e gritei o nome do militar. Até que uma luz acendeu e pude avistar o rosto dele um tanto assustado ao olhar-nos,

reconhecendo a moça ao nosso lado. Disse-lhe não querer incomodá-lo, mas estávamos necessitados de trocar umas idéias com ele.

Neste momento, o Petry ligou o minúsculo gravador no bolso da sua camisa, na intenção de colher todas as nossas falas.

Atendeu-nos visivelmente constrangido, abrindo a porta e se desculpando por haver dormido àquela hora devido ao cansaço do dia no quartel. Convidou-nos a entrar e, na sala, fiz as apresentações como se fôssemos professores: do Rio de Janeiro, de São Paulo, e eu, de Belo Horizonte. Fiquei receoso de sermos reconhecidos devido ás grandes reportagens que haviam circulado nos periódicos da semana, trazendo minha foto como a de Claudeir, além de minha presença em reportagens da televisão. Anunciei a nossa intenção de ouvi-lo, mas antes me alonguei um pouco expondo os boatos sobre a *criatura* e as ocorrências em torno da sua captura.

Perguntou se a nossa conversa estava sendo gravada. Disse que não precisava se preocupar com isso porque, mesmo gravando, a nossa intenção jamais seria a de prejudicá-lo. Ainda assim estava temeroso de represálias por parte da corporação. Criticou o Ubirajara porque até aquele momento era o único nome que ele sabia, na sua desinformação, alegando que o mesmo queria fazer sucesso com o caso, na tentativa de alardear um assunto que não tinha nada de verdadeiro!

Educadamente revidei que não era bem assim porque ele mesmo, em uma festinha de poucos dias passados, havia mencionado, na presença de multas pessoas, que o caso da *criatura* era verdade! Olhou-me com acanhamento, mas ainda assim tentou se articular com aquelas expressões do meio militar negativo, positivo, última forma deixando transparecer para um leigo e não para nós, o quanto estava orientado para sair-se bem de *"situações de risco"*.

Pacientemente expliquei a ele sobre o nosso trabalho, a pesquisa ufológica, o anonimato das testemunhas. Nós, ali, buscávamos a verdade. E fui incisivo ao dizer, olhando-o nos olhos, que ele também poderia nos contar o que sabia porque tínhamos certeza do seu conhecimento através de outros militares que haviam deposto para nós. Além do mais, a moça ao nosso lado havia-o escutado dizer sobre a captura.

Eu falava sobre outro assunto e ela se equivocou. Deve ter entendido errado.

Entendi não! Retrucou a moça, olhando para ele e escondendo um riso frouxo, percebendo-o mentindo.

E quanto mais negava, mais evidente era a mentira. A moça comentou que ela escutara, que a mãe também, e outras muitas pessoas presentes na festinha.

Mas ele prosseguia negando com certa pompa no falar, muito bem articulado na desconversação. E o hilário estava por vir: nós ali, em busca de informação, começando a temer com o término da fita rodando e que, ao desligar automaticamente, fizesse barulho. O Petry marcou no relógio seu tempo de andamento. E se preparando para o pior, iniciou uma

tosse acompanhada de insistente limpação de garganta, ao aguardo de que a fita terminasse. Tossia, limpava a garganta e passava a mão no peito. Vontade de rir eu tive muita, mas, contornava o riso, frente ao militar se fazendo de sério, sisudo, pernóstico até. Outra tossida do Petry, a mão no peito novamente e o gravador desligado. Alívio geral!

Percebendo inúteis as nossas tentativas, resolvemos pedir desculpas pelo incômodo. Agradecemos-lhe, deixamos a moça onde ela reside e viajamos de retorno a Varginha. Encontramos Ubirajara em casa. Ao perguntar se houve novidade, Petry ligou o gravador e foi uma risadaria sem par. Olhos lacrimejantes. Mãos nas barrigas... e um momento raro de descontração há tempos não nos acontecendo. De qualquer forma valeu. E muito!

Capítulo 10

Se gostares de ouvir aprenderas, se deres ouvido, serás sábio.

Eclesiástico, 6-33

Durante o dia foi chegando o pessoal da imprensa: as tevês CNT (do Paraná), as repetidoras do SBT e da *Globo* (de Varginha), a própria *Globo* do Rio de Janeiro; jornais *Estado de Minas, Hoje em Dia,* de Belo Horizonte; *Correio do Sul* e *Rádio Vanguarda,* ambos de Varginha, e várias rádios FMs do Sul de Minas. Enorme quantidade de profissionais e ufólogos, se achegando ao auditório que, se antes era pequeno, menor se tornara naquele dia.

Pela primeira vez, na frente das câmeras e dos microfones, fomos relatando com vagareza de pormenores a seqüência por nós pesquisada.

Citamos o nome de dona Terezinha Clepf por autorização dela e dos familiares. Mencionamos o caso das duas senhoras indo de carro para São Gonçalo do Sapucaí e que foram seguidas por um objeto voador. O dentista, que teve seu carro seguido por um objeto voador luminoso quando ia para o consultório em Três Corações, numa estrada vicinal, e tendo problemas com o carro. Por sinal achava-se presente no auditório. Não autorizou que seu nome fosse mencionado, e nem que a sua imagem fosse gravada; a não ser que tivessem rosto e voz distorcidos eletronicamente. Mas, com fidelidade, narrou o que lhe ocorrera, descrevendo o objeto e comentando seu pânico. Também citamos a morte dos animais no zoológico, com o depoimento da doutora Leila Cabral e do doutor Marcos.

Uns dos militares com quem estive conversando em casa de minha mãe, sabendo da retirada da criatura do Hospital Humanitas cuja fala não pude gravar no momento, até então não havia conseguido que ele depusesse, embora eu lhe dissera nas vezes em que nos víamos sobre a importância da mesma, alegando que a gravação seria uma segurança para ele próprio, no caso de vir acontecer algo que o prejudicasse: alguma penalidade no quartel, ou na Justiça, ou até seu desaparecimento de uma hora para outra. Assim, ele gravando tudo o que me contara, teríamos como provar o episódio e culparíamos quem ou aquele promotor da acusação. Repetia isso para ele todas as vezes que nos encontrávamos. Da última, na Sexta-feira, ao nos vermos casualmente, contei da reunião que aconteceria no dia

seguinte, na parte da tarde, com a presença dos maiores ufólogos nacionais, além da imprensa.

No meio da reunião, exatamente quando Ubirajara e eu explanávamos como estávamos procedendo em algumas situações amparadas nas nossas pesquisas, Angélica, nossa fiel escudeira, surgiu no auditório dando sinal para mim que alguém ao telefone precisava falar comigo. Discretamente afastei-me ante alguns olhares desconfiados e fui atender, deixando que Ubirajara prosseguisse sozinho. Era o militar se prontificando a gravar. Estava no trevo de Três Corações e sugeri que imediatamente pegasse o primeiro ônibus. E, ao chegar à rodoviária de Varginha, fizesse outra ligação, que eu iria buscá-lo. Sabendo que a viagem duraria trinta minutos ou menos, retornei para a reunião como se nada estivesse acontecendo, mas avisando a Angélica de que haveria um novo telefonema de alguém na rodoviária. E continuamos as explanações de modo calmo e meticuloso para que todos pudessem compreender o que de fato havia acontecido após o avistamento da criatura pelas meninas.

Quando a Angélica retornou com o aviso de novo telefonema, discretamente pedi ao Marco Antônio Petit para ajudar-me. Não chamei o Claudeir nem o Ubirajara, porque o primeiro estava terminando de revisar o manifesto que iríamos apresentar no final da reunião e o Ubirajara, porque estava com a palavra naquele momento. Fomos saindo devagar do auditório e isso chamou a atenção de todos porque, de repente, para eles, algo de estranho acontecia com a nossa retirada, ainda mais porque era eu quem estivera com a palavra e tive de chamar o Ubirajara para prosseguir. Mas o Luís Petry, olhando a nossa movimentação veio saber do que se tratava. Argumentei a necessidade de ausentar-me por instantes, amenizando a sua curiosidade. Isto porque embora o Petry, além do Claudeir e Ubirajara já tivessem sido apresentados a ele por meu intermédio, nenhum deles poderia ir comigo para não criar grandes suspeitas. Doeu-me ter de mentir para o Petry logo a ele, que estava nos apoiando há tempos e porque também, o militar não queria ninguém da imprensa, se confiava somente em mim. Mas eu tinha certeza do Petry compreender a situação posteriormente.

No bagageiro do carro estava a filmadora, mas eu, sozinho, não conseguiria fazer a filmagem do militar ao mesmo tempo em que teria de perguntar-lhe alguns pormenores pertinentes a sua narrativa. Expliquei ao Marco Antônio Petit enquanto nos dirigíamos para a rodoviária sobre a tarefa a cumprir naquele momento. Encontramo-nos com o militar e seguimos com ele para a casa vazia onde morava o pai do Ubirajara, próxima ao escritório dele. No quintal, junto a uma parede, armei o tripé, fixando a filmadora e pedi ao Marco Antônio que ajustasse o foco e começasse a gravar. Sentei-me ao lado do militar, disse meu nome, o dele, a hora e o dia. A partir daí, e durante trinta minutos, ao vivo e em cores, testemunhamos uma das mais incríveis narrativas de que se tem conhecimento na Ufologia brasileira. Vez ou outra olhava para o Marco Antônio admirado embora o que escutava já tivéssemos contado a ele quando fomos ao Rio de Janeiro. Muito diferente, sim, não há dúvida, ouvir de um terceiro um fato e, pessoalmente escutá-lo por quem estava fazendo a história!

Terminada a gravação levamos o militar para a rodoviária, com ele a nos dizer de outro companheiro seu, também da ESA, disposto a nos revelar lances do caso. Apenas tomaria

coragem e, sem pressa, entraria em contato comigo. Retornamos ao calor da reunião, com todos já desconfiados de nossa retirada. Retomei a narrativa do ponto em que o Ubirajara estava: contando casos de objetos voadores em várias regiões do Sul de Minas. E o pessoal voltou a se acomodar nas cadeiras para escutar-me. Em seguida o Claudeir apresentou o Manifesto dos ufólogos. E quando mencionei os nomes dos militares envolvidos maior foi a surpresa entre os presentes no auditório. Discorri sobre a operação captura, comandada pelo major Maciel, do Corpo de Bombeiros de Varginha, no sábado, dia 20 de janeiro, e de uma segunda operação para retirar uma segunda criatura no Hospital Humanitas, dia 22, Segunda - feira, comandada pelo tenente-coronel Olímpio Vanderlei, com a participação do tenente Tibério, do capitão Ramirez, do sargento Pedrosa, tendo sido enviado um comboio da ESA, sendo os motoristas dos caminhões o cabo Vassalo e os soldados De Mello e Cirilo. Informações nos chegaram de que fora na parte da manhã, quando estiveram estacionados defronte do Supermercado Paes Mendonça, retornando a Três Corações na hora do almoço. Em nossa avaliação é porque a criatura dentro do Hospital Humanitas ainda não estava pronta para a viagem. Daí o motivo do comboio ter voltado na parte da tarde; tempo suficiente para as providências de "arrumação" entre o Exército e a direção do hospital. Mencionamos o fato de, na parte da tarde, ao invés de estar no comboio o soldado Cirilo, foi o cabo Élber. Nesta hora, confesso inesquecível aquele silêncio no auditório, observando que muitos dos presentes estavam surpresos diante de minha coragem em citar os nomes dos militares e, ao mesmo tempo, tensos e temerosos na expectativa de que a qualquer momento viesse o Exército a invadir o recinto como se estivéssemos na barbárie dos anos da ditadura distribuindo pancadas de cassetetes em todos, esquecidos, naturalmente, de que o Brasil hoje é um país passado a limpo. Sugeri que retomassem a calma, ainda que aparente, e voltássemos ao assunto em pauta, alegando que das simples exposições das ocorrências, tínhamos naquele momento a comprovação oficial de que nada estava além da verdade absoluta!

Lembrei-me dos meus tantos anos envolvidos na pesquisa ufológica, das viagens a campo, das noites frias em que estivera atento a perscrutar a quietude da escuridão na perspectiva de algum fenômeno que pudesse acontecer ou não; das entrevistas frustradas e das que foram positivas; das gravações feitas com inúmeros depoimentos de testemunhas; das fotografias tiradas; dos relatórios preenchidos para o CICOANI e que iam diretamente para o arquivo e tornando-se parte de um acervo de onde não sairia dali para o proveito de mais ninguém. E, mais uma vez, compreendi que a Ufologia deve e tem de ser atuante mas, ao mesmo tempo, companheira e participativa.

Tirando-me de meus pensamentos melancólicos num momento de júbilo, o Petry veio falar comigo. Compreendeu o que houve e sorria. Disse-me que o terceiro Fantástico seria um arraso! Afinal de contas era a primeira vez que um programa desta grandeza, atingindo todo o território nacional, por três vezes levaria ao ar um documentário sobre o mesmo assunto. Isto não ocorreria se nós não tivéssemos apresentado a ele e aos demais profissionais de toda a imprensa, dados plausíveis e incontestáveis para que eles pudessem exercer seus trabalhos nesta oportunidade sem melindres e receios de errarem ao enfatizar sobre as criaturas do espaço em Varginha.

No momento em que o Ubirajara falava à platéia, além de outros ufólogos que também teriam comentários alusivos à criatura, fui à casa de dona Luísa para buscá-la e as meninas,

neste encontro previamente combinado. Ao chegarmos, ainda na rua, a imprensa se retirou do auditório, vindo nos receber num tumulto indescritível. Câmaras ligadas, repórteres fazendo perguntas e eu tentando protegê-las. Embora eu procurasse explicar a eles que a entrevista seria no auditório, ainda assim houve alguns repórteres a discutir comigo o quanto eu estava atrapalhando. Não dei caso e fui conduzindo dona Luísa e a meninas.

Gente, elas vieram aqui para falar com vocês! Lá dentro é melhor! A custo concordaram e nos seguiram.

Dona Luísa descreveu a visita dos quatro homens à sua casa. Disse do suborno e do quanto ela não iria curvar-se àquela vergonha. E as meninas mais uma vez voltaram a repetir tudo o que viram, acrescentando comentários sobre as críticas, as ironias e as afrontas de que estavam sendo vítimas por parte de muitas pessoas da cidade, ansiosas por macularem uma verdade insofismável.

Ao finalizar as entrevistas e depoimentos, os ufólogos presentes acharam por bem e oportuno a divulgação de um manifesto o primeiro e único da Ufologia brasileira em que tornava histórico o apoio de vários Grupos se unindo ao caso Varginha. Jamais ocorrera tal sincera manifestação por parte dos pesquisadores. Saíam eles de seus casulos, espontaneamente, para abrirem as asas na intenção de que a Ufologia voasse alto no sentido de dar compreensão àquelas muitas pessoas ainda hoje acreditando em farsa, mentira, fantasia de grupo carnavalesco... e a outras mais, julgando apenas ser necessidade de alguns querendo aparecer na mídia. Mas, temos certeza, milhões de brasileiros acreditando como nós nunca duvidamos, que o acontecido em Varginha, por seu ineditismo e veracidade, era sério demais para bastar-se em apenas notícias de jornais e luzes de TVs.

MANIFESTO DOS UFÓLOGOS BRASILEIROS

Os ufólogos brasileiros, abaixo representados pelos reconhecidos grupos de pesquisa a que pertencem, após mais de três meses de intensas investigações, bem como comparações de informações de diversas ordens, não têm mais a menor dúvida de que ocorreu em Varginha, Minas Gerais, nos dias 20 e imediatamente seguintes do mês de janeiro do corrente ano de 1996, uma verdadeira e complexa operação, envolvendo autoridades militares e profissionais civis, que resultou na captura de *criaturas* não classificadas biologicamente, paracientificamente, chamadas de *EBEs (Entidades Biológicas Extraterrestres),* as quais foram mantidas sob observação médica e posteriormente retiradas da cidade.

Este é um fato único no Brasil, cuja confirmação pode trazer inavaliáveis e incomensuráveis conhecimentos científicos, quiçá positivos impactos de ordem filosófica e cultural de proporções gigantescas. No entanto, é consenso entre os ufólogos de todo o planeta que existe claramente um processo mundial de acobertamento e desinformação de fatos desse tipo, sendo conhecidas as evidências incontestáveis de tal procedimento, cujas razões são inúmeras e óbvias. A Ufologia e estudos afins vêm lutando há mais de cinqüenta anos para que a informação real e o reconhecimento público de tais eventos aconteçam, pois o direito à verdade é uma das principais metas de toda a Humanidade.

Se você foi testemunha direta ou indireta dos acontecimentos de Varginha, que vêm agora repercutindo praticamente em todo o mundo, por favor, procure-nos para ajudar no esclarecimento definitivo deles, que significam uma aquisição espetacular e marcante na História. O sigilo absoluto será mantido, em conjunto com pesquisadores, colaboradores e responsáveis membros da imprensa, que se encontram unidos e buscando o momento certo para a revelação de tudo, de forma sóbria e convincente.

Nossos telefones de contato serão fornecidos através do número (035) 2221020, em Varginha MG.

A. J. Gevaerd
Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores *(CBPDV)*
Campo Grande MS

Claudeir Covo
Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais *(INFA)*
São Paulo - SP

Edison Boaventura Júnior e Jamil Vila Nova
Grupo Ufológico do Guarujá (GUG)
Guarujá /SP

Irene Granchi
Centro de Investigação sobre a Natureza dos Extraterrestres *(ClSNE)*
Rio de Janeiro RJ

Marco Antônio Petit de Castro
Associação Fluminense de Pesquisas Ufológicas *(AFEU)*
Niterói / RJ

Marco Antônio Rodrigues Silva
Grupo de Estudos de Objetos Não Identificados *(GEONI)*
São Paulo / SP

Osvaldo e Eduardo Mondini
Centro de Estudos e Pesquisas Ecológicas (CEPEX)
Sumaré / SP

Rafael Cury
Associação Nacional dos Ufólogos do Brasil *(ANUB)*
Núcleo de Pesquisas Ufológicas (NPU)
Curitiba / PR

Ubirajara Franco Rodrigues
Varginha / MG

* Vitório Pacaccini

Centro de Investigação Civil de Objetos Não Identificados (CICOANI)
Belo Horizonte / MG

À noite retornei a Três Corações num cansaço indescritível, mesmo sabendo que no dia seguinte, domingo, teria de estar novamente com o Ubirajara e o Petry, porque este estaria retornando ao Rio de Janeiro levando bastante matéria para preparar com calma, durante a semana, o programa *Fantástico,* que iria ao ar no dia 12 de maio.

No início da semana fui procurado pelo outro militar da ESA que havia sido mencionado pelo seu companheiro militar, também da ESA, e cujo Marco Antônio Petit e eu havíamos gravado no momento em que estava havendo a reunião com os ufólogos. Marcamos um encontro em local secreto e, à noite, levei-o de carro para Varginha, quando tive a oportunidade de apresentá-lo ao Ubirajara e à Angélica. Mas o Ubirajara teve de se ausentar porque estava no horário de dar aula na Faculdade de Administração de Varginha onde, como professor, tinha este compromisso algumas noites da semana.

Fui com ele para o escritório dentro de casa. Ali procedemos à gravação, quando ele, além de complementar o já mencionado pelo outro colega de farda, relatou que o comando da operação captura estivera a cargo do tenente-coronel Olímpio Vanderlei, que esteve no Hospital Humanitas; quando o comboio retirou a criatura dali. E mais: confirmou a movimentação do comboio, os horários, e as pessoas envolvidas.

Terminada a gravação senti o quanto ele ainda estava nervoso, mas certo de que poderia confiar em mim para sempre. Levei-o de volta a Três Corações e fui para a casa de minha mãe. No meu quarto de janela aberta, estirei-me na cama a contemplar a noite, lã fora, prosseguindo lenta e fria com os seus silêncios e escuros misteriosos.

Segunda-feira! Disse a mim mesmo.

E outra semana estava apenas começando!

(*) **Pertencente ao CICOAM até aquela ocasião, estando hoje efetuando pesquisas independentes.**

Capítulo 11

Vi muitas teorias caírem diante dos fatos, mas não vi um só fato cair diante de uma teoria.

Francesco Severi

No correr da semana foi terrível para nós o volume de telefonemas recebidos. Os jornais publicaram fotos e entrevistas. As TVs deram destaques em seus noticiários. E o terceiro *Fantástico* foi ao ar no domingo, dia 12 de maio.

Novos e impressionantes relatos nos foram confessados.

E isso nos leva cada vez mais à reflexão sobre a urgente necessidade de uma consciência maior por parte dos Grupos Ufológicos, que é a de trazerem a público com absoluta clareza e simplicidade o resultado de suas pesquisas e trabalhos de campo, limitando urgentemente o espaço hoje invadido por inúmeros embromadores que promovem cursos e palestras a preços extorsivos, dizendo-se *contatados por alienígenas* (e dão-se a *eles* uns nomes estranhos) mas que fugiriam até da cidade caso fosse necessária a comprovação de todo o mencionado. Mais: tendo ganho *poderes mágicos* e *extrasensoriais,* se arrogam o direito de poder modificar as vidas das pessoas incautas (as mesmas interessadas no assunto, mas que não têm grupo nenhum a que recorrer ...), delas fazendo ricas disso e daquilo, e por este ou outro motivo torná-las confiantes de suas grandezas espirituais, etc. A tudo isto, soma-se, nos *falsos amigos dos ETs,* a mentira maior quando mencionam terem sido abduzidos e viajados em maravilhosas naves rumo ao não sei onde... para melhor aplicarem seus *conhecimentos adquiridos* através das *mensagens extraordinárias...*os seus próprios resultados pecuniários, isto sim, no *retorno financeiro* da pilantragem!

Pelo que sabemos e podemos provar é da existência de pessoas que, estas sim, foram de fato abduzidas; viajaram em vários tipos de naves; tiveram contatos diretos e até sexuais com extraterrestres. Mas estas mesmas pessoas ainda hoje se acanham ao revelar os fatos, justamente por estarem desprotegidas e com o medo natural de serem molestadas. As que têm coragem e se animam a depor, fazem isto com honradez e brio, nunca com o apanágio da superioridade e grandezas de tais privilégios. Ainda assim, jamais cobrando de qualquer platéia os seus depoimentos.

Então, que os Grupos ufológicos e a maioria de seus membros resolvam doravante descer de seus pedestais e afastarem-se, ao menos vez por outra, de seus arquivos pessoais, e tragam suas pesquisas a público... em palestras e conferências, em que o espírito investigador seja maior do que a vaidade humana!

Uma pessoa nos ligou pedindo se poderia ir ao nosso encontro à noite. No horário aprazado, chegou. Veio acompanhada de uma outra. Ambas aparentavam ter de quarenta e cinco a cinqüenta anos. Identificaram-se e pediram sigilo de seus nomes sobre o que iriam mencionar. E um deles contou de um conhecido seu ter dado carona a um militar, quando o mesmo comentou a verdade de todo o ocorrido com a *criatura,* pois sabia de pormenores de sua captura desde o mês de março, mas estava receoso de contar a alguém que não fosse de absoluta confiança. Como o nosso nome estava diretamente ligado à *criatura* através de nossas pesquisas e a seriedade com que trabalhávamos na elucidação melhor possível do caso, eles nos procuraram porque haviam conversado com um conhecido de um determinado militar e não havia mais nenhum impedimento para que fosse contatado. Deu-nos os nomes deles e, a partir daí, começamos a estudar um meio de nos aproximarmos, pois eles não sabiam onde moravam os dois cidadãos.

No dia seguinte, pedi a uma conhecida minha que fizesse um contato telefônico no serviço de um deles, com uma desculpa qualquer, na intenção de conseguir seu endereço. E deu certo! De posse do mesmo, em Varginha confirmei o local e, por oito vezes, estive a procurá-lo na residência, não logrando êxito devido à incerteza de horário com que retornava para casa.

Finalmente encontrei-o e atendeu-me no portão de casa. Mas, ao ver-me e saber quem eu era, não quis alongar conversa comigo nem dentro de casa nem perto, muito menos na porta, por causa da vizinhança. Alegou que eu era uma pessoa conhecida e isso chamaria a atenção de quem o visse comigo. Combinamos um local tranqüilo e seguimos em separado para lã. Estava à paisana e procurou ser o mais discreto possível. Conversamos amenidades enquanto eu tentava sentir, por parte dele, se realmente havia o que dizer em relação a qualquer fato ligado ao conhecimento direto sobre a criatura. Depois, então, marearíamos um. Outro local para o segundo encontro. Eu levaria o Ubirajara para conhecê-lo.

Mas ele se dispôs a contar a respeito da criatura avistada pelas meninas na tarde do dia 20 de janeiro, e do que realmente havia acontecido após a operação-captura, confirmando que o alto comando da PM estava envolvido. Aconteceu naquele mesmo dia 20, à noite, com a participação de elementos à paisana, usando carros civis os P2, do serviço secreto da PM e os B2, do serviço secreto do Corpo de Bombeiros.

Com mais esta afirmação, maior certeza tivemos da veracidade do fato, porque já havíamos colhido informações de uma autoridade judicial que nos contara a mesma história. No entanto, desde aquela ocasião estivera circulando pela cidade o boato de um militar morto no envolvimento com a criatura. Na época não demos atenção ao fato porque tínhamos de nos assegurar primeiro da verdade sobre a criatura e o que fizeram com ela para, depois sim, e o que estávamos fazendo nos meses subseqüentes, ir ao encalço das testemunhas e seus depoimentos, para chegar a uma compreensão final em relação ao que de fato ocorrera.

E essa testemunha de agora confirmou que um P2 (do serviço secreto da Polícia Militar de Varginha), participante da captura, havia falecido de infecção generalizada. Confesso haver ficado surpreso com a informação, porque aquele primeiro rumor estava se consubstanciando naquele momento. Além disso, ao mencionar a captura na noite do dia 20 de janeiro, após a chuva de granizo que ocorrera com enorme tumulto na vida de muitos, com casas destelhadas, muros derrubados, pessoas precisando de socorro. E ele estava mencionando uma segunda captura se sabemos que a primeira ocorrera na parte da manhã e com o envolvimento do Corpo de Bombeiros, tendo o Exército levado esta criatura para a ESA. Dai, o porquê desta segunda captura ter passado despercebida, sendo noite e com a outra criatura escondida num terreno baldio do bairro Jardim Andere, próximo ao local onde as meninas avistaram-na à tarde, estando os militares em traje de civil com carros de passeio.

Ainda um tanto chocado com a confirmação da morte do militar, pedi a ele que me desse maiores informações. Alegou que provavelmente a vítima tenha entrado em contato direto com a criatura, vindo a falecer poucos dias depois com infecção generalizada, atribuindo isso, em função dos comentários dos colegas de trabalho de que fora motivada por alguma coisa vinda da criatura, ou algum tipo de germe, ou vírus, ou algum microorganismo que faz parte da sua composição genética mas, para nós, humanos, totalmente letal. No momento, recordei dos animais do Zoológico, mortos de maneira surpreendente.

Naquela altura da nossa conversa surgiu um dado complementar que, pela primeira vez, me surpreendeu: o militar continuaria contando mais detalhes se entrasse dinheiro pelas informações. E quanto mais eu insistia em que ele prosseguisse dizendo sobre a morte do

militar ou mesmo sobre a captura, mais ele demonstrava conhecimento do caso citando partes. Mas, para revelá-las havia um preço a ser pago, alegando necessidade de saldar compromissos vencidos, aquela era a oportunidade dele, sugerindo, inclusive, marear um segundo encontro nosso. No entanto até ali confirmava que realmente a operação captura ocorreu, tendo havido comunicação entre a PM de Varginha com o alto comando da PM de Belo Horizonte.

Disse-lhe das informações que passava a mim, serem extremamente importantes mas que eu precisava levá-las ao conhecimento de meu companheiro de pesquisas. E que eu gostaria sim, de num próximo encontro, contar com a presença de Ubirajara junto comigo. Não fez objeção, como se o Caso Varginha não lhe dissesse respeito. Sabia de tudo ser sigiloso mas, para ele, ciente através de seu comando de que era segredo absoluto, pouco se importava, pois nada daquilo lhe dizia respeito. Marcamos novo encontro para o dia seguinte, à 1h da madrugada, num local pré-determinado.

Retornei ao escritório do Ubirajara. Esperei-o e contei-lhe tudo. Num misto de surpresa e tristeza pela morte do militar, passamos a fazer várias indagações a nós mesmos:

Se a criatura tinha algum microorganismo letal para a raça humana, os médicos, paramédicos e enfermeiros do hospital Humanitas já estavam cientes do militar infectado e, por este motivo, estavam usando máscaras cirúrgicas? Ou foi devido ao mau cheiro exalado? Mas a máscara cirúrgica protege contra mau cheiro?

Se verdadeiro o motivo da contaminação, os militares agiram silenciosos nas capturas, somente no intuito de proteger a população do pânico e, principalmente, dos curiosos por desejarem uma aproximação sem saberem do perigo eminente do contágio?

Também, em sendo este o motivo verdadeiro, nós em nosso trabalho de pesquisa e divulgação dos fatos não estaríamos prejudicando o empenho dos militares em guardar tamanho segredo?

Mas, independentemente do perigo, a investigação ufológica existe na sua concepção maior exatamente para trazer a público a compreensão dos fenômenos se, ao mesmo tempo no caso específico de Varginha, ir a fundo na questão de quantas criaturas afinal poderiam existir, se de duas delas já sabíamos: a que fora capturada na manhã do dia 20 de janeiro, e a que fora avistada na parte da tarde pelas meninas.

Entendemos que a população de um modo geral deveria ficar sabendo sim, mas até onde estaríamos entrando em assunto de segurança nacional? Teríamos chegado a esse ponto?

Ao mesmo tempo, não pertence a nós, humanos, o direito de conhecer a verdade dos fatos, ainda que contados pelos militares, no sentido de nos acautelarmos se estivermos em algum perigo iminente? Ou eles estarão suficientemente armados para dar conta do imprevisível?

No dia seguinte, um pouco antes da meia-noite, saímos de carro ao encontro do militar à nossa espera no local combinado. Entrou no carro, sentando-se no banco de trás. E ficamos

a rodar por ruas desertas àquela hora conversando amenidades. Mas, porque a noite estava muito fria, retornamos ao escritório. Ali, de novo, as indagações para com ele.

No entanto alegava que o soldo de militar era pequeno e estava necessitado de dinheiro. Justificou, também, que as informações em nosso poder valeriam muito, porque certamente iríamos vendê-las para a imprensa e tevês. Sem nenhum constrangimento, pediu-nos R$ 3 mil. Explicamos que sempre foram a expensas de nós mesmos a cobertura das despesas com relação a gastos de gasolina para viagens, contas telefônicas, alimentação, e tantos outros, além da quebra da rotina de nosso trabalho profissional, tudo em função da pesquisa ufológica jamais remunerada. Pelo contrário, sempre nos pesando tal ônus a arcar em beneficio de um objetivo: o de trazer a público informações corretas sobre o acontecido em Varginha, em que pesassem todas as despesas por nossa conta e risco.

Por outro lado deixamos transparecer a ele o quanto já sabíamos, alegando a possibilidade de até ocorrerem coincidências de informações. No entanto confessamos a nossa surpresa com a notícia da morte do militar, tida até então como mais um dos inúmeros boatos.

No meu intimo e no de Ubirajara, não pagaríamos. Mas também não iríamos dizer a ele, pelo menos naquele momento. Tentaríamos contatá-lo num futuro próximo possível.

Conversamos mais um pouco, prometendo um novo encontro. E, ao deixá-lo próximo da casa dele, e devido ao avançado da hora, levei Ubirajara para casa, seguindo viagem rumo a Três Corações.

Dos dois senhores que nos haviam procurado à noite na casa do Ubirajara, aparentando 45 a 50 anos, um disse conhecer um amigo que deu carona a um militar. Este militar é o dos R$ 3 mil em dinheiro. O outro contou-nos um fato muito importante, dito pela irmã dele, residente em Alfenas, cuja empregada doméstica, "Dagmar", tem uma filha, "Lindaura", trabalhando na casa de um militar em Varginha.

Um dia, ela telefonou para a mãe, em Alfenas, muito nervosa e agitada, para contar que, ao fazer o serviço normal de faxina, viu o patrão militar reunido na sala com outros dois ou três amigos também militares. Ao fazer o serviço nos quartos, de um deles, por curiosidade deu uma olhada pela fresta da porta no que eles estavam assistindo na televisão. Era um vídeo mostrando duas criaturas, que ela imediatamente associou serem as mesmas já comentadíssimas na cidade e mencionadas nos jornais e tevês. Segundo a explicação da "Lindaura", eram duas criaturas horríveis, onde uma parecia estar numa espécie de tanque cheio de água e comia uma fruta. A outra deitada noutro tanque com água, parecia morta porque não se mexia. Contou para a mãe, nem haver dormido à noite de tanto pavor. "Dagmar" recomendou que se aquietasse, guardando segredo, pois estava em casa de militar, e sabendo de coisa onde não fora chamada, corria o risco de ser mandada embora, ainda mais bisbilhotando a vida dos patrões. Mas, ao mesmo tempo, conversou com a patroa irmã desse senhor que nos contava isso.

A principio pode parecer confuso esse vaivém de pessoas aqui não identificadas. No entanto, como é necessário preservar as nossas testemunhas, cremos estar sendo compreendidos no esforço de trazer a público o resultado dos nossos trabalhos de

pesquisas, procurando elucidar como ocorreu, de verdade, todo o emaranhado do *Incidente em Varginha* e sua trama para a elucidação dos fatos. A paciência e a curiosidade sempre foram os principais requisitos de um ufólogo, se são nas trilhas das pesquisas que o árduo caminho pode ir aos poucos tornando-se numa avenida de completo entendimento. A tudo isso soma-se o fato de não estarmos querendo provar a existência de extraterrestres e de seus objetos voadores. Jamais coube à Ufologia provar isso. A nossa intenção é mostrar que se não fosse exatamente o emaranhado do disse-que-disse, do ouvi-contar e de alguém que conhece alguém devido ao medo individual do ridículo, não conseguiríamos descortinar o horizonte dos fatos para todas as pessoas, desejosos por fazê-las entender a necessidade de nos prepararmos melhor psicologicamente para compreendermos certos fenômenos que vêm ocorrendo neste mundo de que fazemos parte.

Fomos a Alfenas e entramos em contato com a "Dagmar", mãe da "Lindaura" testemunha ocular da existência do vídeo com as criaturas. Mas ela se esquivou de todas as maneiras quando pedi que a filha nos desse seu testemunho.

De jeito nenhum, doutor. Minha filha trabalha em casa de patrão militar e mexer com esse povo de farda a gente tem muito medo. Aí ela perde o emprego e ainda leva um castigo pra rua. O senhor me desculpa, mas não vou deixar ela falar com o senhor, não. De jeito maneira! Melhor mesmo é ela esquecer essas doiduras de ter avistado uns monstrinhos e o doutor, nem lembrar que veio aqui.

Arredou-se da porta trancando-a por dentro, deixando-nos Ubirajara e eu do lado de fora. Preferimos recuar. Admoestá-las seria terminar com a possibilidade, quem sabe, da moça, um outro dia, resolver contar?

Apesar disso tínhamos conseguido muitas informações com mais testemunhas envolvidas e novas narrativas.

Capítulo 12

Sobre os UFOs nós os levamos muito a sério.
Não temos outra alternativa, pois já perdemos muitos
homens ao tentarmos interceptá-los.

Gal. Benjamin. Childlaw
Chefe da Defesa Aérea Continental dos EUA

No dia 6 de maio, Segunda-feira, recebemos um telefonema da psicanalista doutora Gilda Moura, com quem estivéramos, Ubirajara, Luís Petry, a professora Irene Granchi e eu, no jantar após a nossa palestra no Rio de Janeiro, promovida pelo grupo *CISNE.* Dizia-se desejosa de deslocar-se para o Sul de Minas na intenção de inteirar-se melhor sobre o desenrolar do *Incidente em Varginha.* E anunciou a vinda de seu amigo, o doutor John E. Mack PhD em Psiquiatria pela Universidade de Harvard, onde ali também exerce o magistério chegando ao Rio de Janeiro, encontrando-se com ela e rumando depois para Varginha.

Foi um regozijo da nossa parte e um imensurável apoio que recebíamos, pois a doutora Gilda vem desenvolvendo um excelente trabalho com pessoas que avistaram OVNls ou seres estranhos, ou mesmo as que foram contatadas por eles. Através de entrevistas para melhor elucidação das ocorrências que de certa forma deixaram registros no subconsciente dos entrevistados, ou mesmo a regressão hipnótica como uma das técnicas médicas para dirimir dúvidas, sarar alucinações, conter o estresse emocional que ocorre em cada caso e em suas particularidades.

Enquanto o doutor John Mack (62 anos) procede do mesmo modo, acresce ao seu currículo profissional o profundo conhecimento e vivência em lidar com esses casos, o fato de ter escrito o livro *Abduction* (Abdução), além de consultor do filme *Intruders* (Intrusos), adaptação do romance homônimo de Budd Hopkins, 1982, EUA, direção de Dan Curtis, com Richard Crenna, Mare Winningham, Susan Blakely, Daphine Ashbrook, Ben Vereen, Steven Berkoff, Jason Beghe, G. D. Spradlin, narrando o pesadelo de duas mulheres de cidades diferentes, que em seus sonhos avistam seres estranhos entrando em suas casas através de portas e paredes, deixando-as completamente atordoadas.

E, passando algum tempo, o fato se repete e elas vêem as crianças assemelhadas a elas, mas híbridas concebidas fora de seus úteros, mas com as suas características humanas. O médico, no filme, representa a pessoa do doutor John Mack que, nos Estados Unidos, já fez centenas de regressões com mulheres americanas abduzidas, seqüestradas, levadas para o interior de naves e molestadas com terríveis experiências para tempos depois de novo contatadas, deixarem-nas ver suas crianças fecundadas em seus óvulos, mas geradas em algum lugar do espaço com as mutações pertinentes aos autores das paternidades. Este tem sido o trabalho do renomado doutor John Mack, pronto a embarcar para o Brasil e encontrar-se conosco em Varginha.

A chegada dos dois foi acompanhada como era de se esperar pela imprensa. Porém, antes de darem entrevistas, pediram-nos que os colocássemos a par dos acontecimentos. E o fizemos, sendo eu intérprete para o doutor John Mack, embora a doutora Gilda Moura também tivesse o domínio do inglês, tendo realizado viagens aos Estados Unidos para cursos, congressos, palestras e conferências.

Sem revelar as fontes, repassamos com eles não só a seqüência dos fatos como também mostramos vídeos e fotografias. Em um quadro magnético no auditório, pude fazer um quase cronograma de datas e ocorrências. Em alguns momentos, quando dávamos pequenas pausas para um café ou água, o doutor John Mack queria saber a meu respeito e sobre a minha vida profissional. Sempre sorridente e irradiando toda a simpatia de um homem simples, 128 apesar dos tantos títulos conquistados. Juntamente com a doutora Gilda, estava impressionado e parabenizava-nos repetidas vezes pelo que até então havíamos conseguido apurar.

O restante da tarde passamos no auditório sendo os dois entrevistados pela *Rede Globo, o Estado de Minas, o Hoje em Dia* e outros veículos da imprensa, continuando eu a servir de intérprete.

Anoitecia quando fornos com eles à casa das meninas Liliane e Valquíria para que pudessem conhecê-las. Feitas as apresentações, e com a ausência de Kátia, pois não pôde comparecer por estar viajando, houve a solicitação por parte deles se poderia ser feita a regressão com elas. Com todo o respeito aos senhores psiquiatras, tanto eu quanto Ubirajara, achamos que não seria necessário. Alegamos que o simples fato delas terem avistado a *criatura* num átimo de tempo não acrescentaria nada de novo ao acontecido. Além do mais, mesmo podendo estarmos errados com o nosso argumento, mencionamos que independente das vontades dos doutores se algo de estranho ocorresse nas revelações das meninas quando em regressão (pois quem as vive traz à tona a causa-origem, revivendo-a), e se elas revelassem uma minúcia qualquer que não fosse inerente ao caso, seria desconfortável para elas e todos nós com a imprensa presente podendo, inclusive, criar um momento a contragosto e incidir até em razões jurídicas que Ubirajara muito bem a explicitou. Nós ficaríamos acanhados e a imprensa poderia veicular fatos que nada teriam com o que estávamos trabalhando. Bastasse, portanto uma entrevista muito bem elaborada e minuciosa para colherem os elementos necessários, se nada mais ocorrera com as meninas além do noticiado avistamento sem aproximação ou envolvimento maior que tivesse causado danos inconscientes. De certo haveriam de encontrar uma outra forma para se assegurarem da veracidade da história contada por elas. Também, dona Luísa foi interrogada, mas não na mesma intensidade que as meninas, se o que contou foi sobre a tentativa do suborno, repetindo as idênticas palavras de sempre.

Em alguns momentos específicos, quando o doutor John Mack dirigia-se em tom quase coloquial à doutora Gilda, desviava meus olhos para algum ponto, mas tentava ouvi-los, porque estava compromissado com o meu parceiro de passar-lhe as informações, se desde a nossa conversa no auditório eu repetia o mesmo gesto: narrando para ele as perguntas e as respostas traduzidas.

Junto aos doutores, os jornalistas faziam perguntas. Muitas pessoas dentro de uma casa pequena e simples. Câmeras e holofotes com a imprensa querendo noticiar o encontro naquela noite, ainda. Claudeir Covo retornando a Varginha para assistir a este encontro juntamente com Edson Boaventura e Jamil Vilanova filmava os doutores, as meninas e a imprensa. Era para o nosso acervo. Estes nada comentavam. Também eu, prestando-me apenas às traduções necessárias, Doutora Gilda Moura, senhor Marcos Clepf e dona Terezinha Clepf assim como procedi quando de nosso encontro com Bob e Cynthia. Os doutores perguntando e as meninas respondendo. Ao dar-nos por satisfeitos, retornamos ao auditório e, mais uma vez, eles atenderam aos repórteres, julgando coerência nos relatos se profissionais que são naturalmente abalizaram olhares, expressões, faces vermelhas, acanhamentos, constrangimentos, além de observações técnicas e médicas para as quais jamais coube o nosso julgamento ou interpretação. Mas, cientificamente, deram um laudo favorável lamentando mas compreendendo, a ausência da regressão tanto desejada que fosse feita.

A imprensa, mais uma vez, de posse destes resultados, divulgou o quanto estávamos no caminho certo de nossas pesquisas. Na dúvida, bastasse questionar o doutor John Mack, depositário de seu próprio nome, títulos e currículos na autenticação da verdade que ouvira, também afiançada pela doutora Gilda Moura. O próprio doutor John Mack disse: *Atesto em*

qualquer tribunal e coloco a minha cátedra de Harvard em jogo, se o que ouvi das testemunhas não é apura verdade..

Demos aquela noite por encerrada e, na manhã seguinte, fomos fazer os trajetos para mostrar o local do avistamento da *criatura, o* muro, a mata, os hospitais Regional e Humanitas e, também, levá-los a conhecer dona Terezinha Clepf, senhora muito lúcida, cujo depoimento foi coerente com o que já se havia divulgado, acrescentando apenas que durante várias noites estivera possuída de muito medo, imaginando a *criatura* do Zoológico a espreitá-la através das frestas das portas e janelas.

Um encontro com Kátia, retornando de viagem, também houve, cujo procedimento de entrevista foi idêntico ao de Liliane e Valquíria.

Terminadas as entrevistas, retornamos para o auditório. Como era domingo, o *Fantástico* estaria no ar às 20h00 com o terceiro enfoque do *incidente em Varginha.* Preferi assistir a ele sem proceder às traduções, mas gravei-o. E, ai sim, pausadamente, cena por cena quase, pude deixar o doutor John Mack inteirar-se da reunião, do manifesto, dos nomes dos militares no comboio, dos vários depoimentos e da tentativa de suborno.

Alguém ao telefone chamava-me. Era o "Sérgio", cientista da Unicamp. Não me encontrando em Três Corações, procurou-me em Varginha. Confirmava a autópsia da criatura realizada pelo não menos famoso doutor Fortunato Badan Palhares. Este informante-cientista tivera a oportunidade de fazer suas sondagens em seu próprio local de trabalho, que é também dentro da Unicamp. Particularidades sobre isso nos passaria depois.

Ao relatar esta informação ao parceiro, os doutores John Mack e Gilda Moura queriam seguir viagem para lá no dia seguinte, perguntando-me se eu iria com eles e os deixaria em contato com o cientista. Tive a desagradável missão de desapontá-los ao justificar a impossibilidade, porque o "Sérgio" seria prejudicado se tomassem conhecimento deste contato por ser o doutor John Mack outro cientista de renome e conhecido mundialmente. Mais: argumentei sobre o envolvimento do Exército e que o meio científico brasileiro difere completamente do americano, porque todos aqui principalmente os que estiveram ligados por modos diversos à criatura, estavam sob ordens militares de sigilo absoluto. E que a própria área científica, infelizmente, vivendo sob a tutela do governo não tem autonomia para seus trabalhos de pesquisas ainda mais no caso em questão onde o desmentido e o despiste seriam a tônica maior. Deixando isso bem claro, os doutores retornaram seus interesses ao nosso trabalho e aos fiéis depoimentos por mim contados a eles, mas prometi que, que, sempre quando possível, traria ao conhecimento de ambos mais informações; solicitando que fossem compreensivos com as maneiras de os ufólogos brasileiros trabalharem, tendo de enfrentar o medo das testemunhas e o sigilo dos militares.

Após a apresentação do Fantástico, na Segunda-feira, dia 13, resolvemos nos ausentar de Varginha para evitar o tumulto que teríamos de enfrentar novamente. Fomos para Campinas de onde nos chegavam informações ainda não concretas sobre a permanência das criaturas na Unicamp, porque possuíamos a certeza de que o comboio da ESA levaram-nas para lá.

Ainda na Segunda-feira, por volta das 21h, o Rodolfo, filho de Ubirajara, ligou pelo celular noticiando que um informante meu estava avistando um OVNI a sobrevoar a cidade de Três Corações naquela noite e necessitava falar comigo. Que o informante aguardasse, pois entraria em contato com ele imediatamente. E soube de um objeto alongado que, por mais de uma hora, pairando sobre a cidade visto por centenas de pessoas. Inclusive ele havia tentado filmá-lo mas, por inexperiência com a câmara, a imagem não ficara nítida. Não estava sendo possível a aproximação em zoom porque a própria câmara era de poucos recursos. Sempre na tentativa de aproximação, a imagem saía do foco. Dava apenas para se ter uma idéia do objeto piscando e trocando as cores das luzes. Agradeci e desligamos.

Parece até urucubaca! Disse ao Ubirajara. Foi sair de lá e me aparece logo um OVNI sobre a minha cidade?

Ele riu, porque eu jamais avistei sequer uma luz estranha no céu. Nada de diferente que me levasse a crer fosse dos visitantes do espaço. Em toda a minha vida e nos dezoito anos de pesquisa ufológica, entrevistando pessoas, ouvindo histórias e relatos comprovados cientificamente sobre avistamentos, aterrissagem, abduções; acompanhando a veracidade do *Incidente em Varginha,* jamais tive a oportunidade de ser testemunha ocular. Ironia da sorte, talvez. Por inúmeras vezes, como naquele momento, impliquei com as pessoas como fiz com o meu informante, por não haver conseguido a imagem perfeita de uma aparição formidável. Decerto nem as centenas de pessoas o tenham conseguido, porque é natural em cada um o susto e, ante a incerteza de ao buscar a filmadora ou a máquina fotográfica, perder aquele instante de encantamento ao vê-lo findar do mesmo modo como surgiu, sem um sinal prévio. No entanto, compreendo que, à maneira de cada um, grava-se o acontecimento na retina dos olhos, na estupefata emoção e nos arquivos da memória. Deve ser, sim, um instante inesquecível.

Naquela mesma ligação do Rodolfo, fomos avisados que a equipe de reportagens da revista Istoé havia chegado a Varginha, aguardando o nosso retorno.

Passado esse período, a ESA foi muito citada no noticiário, com a sua imagem aparecendo e o assunto à solta pelo Sul de Minas. O general de brigada Sérgio Pedro Coelho Lima achou que era oportuno se manifestar. Mas quanto a isto cremos, com certeza, ter sido por ordem do alto comando de Brasília. Mandou um oficio para a imprensa do Sul de Minas (a de Varginha principalmente, pois em Três Corações não há o que se comparar em relação a ela, infelizmente). Rádios AM e FMs de todas as cidades próximas também receberam comunicação.

Fomos avisados por alguns jornalistas nossos amigos e no dia e hora aprazados todos se deslocaram para a ESA. *A Rádio Vanguarda de Varginha, Rede Globo, SBT, 7V Educativa todas* locais; repórteres da sucursal do *Estado de Minas,* do *Hoje em Dia* e vários representantes de inúmeros e pequenos jornais da região compareceram.

Com toda a pompa e circunstância, o general Coelho Lima procurou usar uma linguagem soberba para não ficar ostensiva e, ao mesmo tempo, para a imprensa ali reunida, a tudo julgar elegante; embora o seu propósito tenha sido o de xingar a todos. Disse que em relação aos fatos aludidos pela imprensa nada havia a declarar. Que a ESA sempre fora

aberta a todos e que os boatos levantados sobre a corporação eram levianos, movidos por intenções ocultas com o propósito de denegrir e macular a conhecida e tradicional Escola de Sargentos das Armas de Três Corações. E que nenhum elemento ou material da escola teve qualquer relação com o assunto. Agradeceu a platéia e, retirando-se do recinto, deu por encerrada a coletiva, assim sem mais nem por quê. Houve um momento de silêncio perplexo entre todos. *A* coletiva marcada para que o general se manifestasse, ele o fez de maneira a ficar o dito pelo não dito. Em resumo, fora infeliz na sua, digamos, explanação se, primeiro, nada explanou e, segundo, já havia determinado a seus subordinados para noticiar a todos os presentes e com antecedência que não responderia a nenhuma pergunta. Ora, esta atitude era bastante típica daquelas autoridades forjadas nos quartéis que engendraram o golpe de 1964, fazendo-o como uma nuvem negra a soprar torturas e perseguições no horizonte brasileiro. Por este motivo vivemos asfixiados por mais de trinta anos. Mas, como nada é perfeito, amanheceu a democracia e os homens de bom senso acordaram na pátria amada.

A imprensa reunida no salão da ESA pretendia apenas ouvir a confirmação de uma verdade que todos sabiam. Não estava ali a oportunidade para contar tudo? A *criatura* que as meninas avistaram de fato não existiu? Também não foram capturadas pelo Exército? Se o general se predispusesse a usar sua benevolência em responder a algumas perguntas, se tivesse comportamento ameno e confirmasse a verdade, mesmo alegando fosse ela segredo militar recurso tão comum e por demais sabido sobre acobertamentos em relação a este assunto em todos os países do mundo, certamente não teria tido a oportunidade com que se preocupar desde o início com tantos boatos, celeumas e suposições.

Mas ao término do suposto discurso e antes de retirar-se para uma sala ao lado, foi inquirido por um repórter da EPTV, a repetidora da Globo de Varginha, que se adiantara do grupo.

General! General! Onde é que estavam os militares citados pelo Pacaccini? O que eles estavam fazendo no dia da captura da criatura? E por que o comboio foi a Varginha?

Sisudo, e de modo ríspido, respondeu:

Estavam trabalhando em prol do Exército e em beneficio da Nação! E virou as costas para sair.

O repórter insistiu:

E o senhor tem como provar?

O general volveu-se tenso e circunspeção:

Provar a quem?

À imprensa! Não é ela que quer a prova dos fatos?

Eu não tenho que provar nada. O que tinha de falar foi dito nesta nota. Afastou-se do recinto, entrando na sala contígua, cuja porta um de seus subalternos fechou bruscamente.

No afastamento inesperado do general, os repórteres se convenceram de que realmente algo de extraordinário havia acontecido em Varginha. Quando retornaram ás redações, aí sim, todo o Sul de Minas e o Brasil tomaram conhecimento das evasivas. Tive contatos com outros militares além daqueles cujos depoimentos havia gravado e a opinião deles fora que o general tinha "queimado o filme da ESA". De modo algum ele deveria Ter-se portado daquele modo. E se em alguma pessoa da região havia dúvidas sobre a criatura, estavam as mesmas sanadas definitivamente. Tudo fora consubstanciado num *não* a favor do sim! E os mesmos militares com quem pude conversar deixaram claro que se antes havia colegas da corporação nada sabendo ou os cientes cumprindo ordens de absoluto sigilo, e das especulações existentes; depois da coletiva, então sim, todos eles, indistintamente começaram a compreender a veracidade do fato.

Ora, abrir espaço na mente para "compreender" é causar um grande avanço em certas pessoas que sistematicamente opõem-se a tudo. De certa forma benéfica, estava causando resultados positivos à malfadada coletiva.

Sobre isto é interessante transcrever um texto escrito pela jornalista Rita Moraes, apenso num box da reportagem sobre o *Incidente em Varginha* da revista IstoÉ (1390 22/5/96, pág, 129) reportagem esta de que falaremos adiante mas, por ser oportuno neste momento para fecharmos este tópico, adiantaremos o mencionado sobre *"Um Mistério de Dez Anos"*.

As autoridades militares do Brasil, ao menos publicamente, não costumam dedicar espaço em si ia agendas para tratar de fenômenos ufológicos. Há exatos dez anos, porém, a Aeronáutica chegou a deslocar três caças F5 e três Mirages 111 para sair em perseguição a supostos OVNIs (Objetos Voadores Não Identificados). A operação que mobilizou o sistema de defesa aérea do País foi desencadeada pelo coronel Ozíres Silva. Em 19 de maio de 1986, logo depois de ser nomeado presidente da Petrobrás, o coronel voltava de Brasília a bordo de um avião Xingu e ao se aproximar da Base Aérea de São José dos Campos (SP) avistou alguns discos luminosos também registrados pelos radares do avião. O próprio Ozíres resolveu iniciar uma perseguição às tais luzes, enquanto acionava pelo rádio o Centro Integrado de Defesa Aérea. Depois de três horas, as luzes sumiram do mesmo modo que apareceram, misteriosamente.

Na época, o então ministro da Aeronáutica, Otávio Moreira Urna, assegurou que os OVNIs "eram pelo menos 20." 0 coronel aviador Ney Antunes Cerqueira, então chefe do Centro de Operações de Defesa Aérea, garantia, contudo, que apenas três OVNIs foram registrados. Para esclarecer o episódio, o brigadeiro Moreira Urna prometeu um relatório oficial sobre as investigações da Aeronáutica em 30 dias. Até hoje os resultados dessa investigação são guardados a sete chaves e poucos querem falar do assunto. "Não me lembro de coisas de dez anos atrás", esquiva-se o coronel Cerqueira, hoje chefe do Serviço de Proteção ao Vôo, em São Paulo. Outros, com melhor memória, evitam comentar o resultado das investigações. "Foi uma ocorrência excepcional, mas não chegamos a nenhuma explicação", sustenta o brigadeiro Moreira Lima. Procurado por Istoé; em São José dos Campos, onde mora, e em São Paulo, onde trabalha, o ex-ministro Ozíres Silva não atendeu

à reportagem Apesar do silêncio oficial, os ufólogos não pretendem arquivar *esse* caso definitivamente. O episódio será tema de um livro, já em fase final, do presidente do Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais (INFA), Claudeir Covo. "Os cidadãos têm o direito de conhecer esse caso. Conto com a liberação do relatório da Aeronáutica para terminar o livro", reivindica o ufólogo.

Claudeir Covo aguarda a liberação de um relatório Mas quantos outros existem para serem liberados? Não questionamos a negativa do general Coelho Lima, se isto faz parte do jogo *Tom & Jerry,* ou seja, militares versus ufólogos. Mas ao menos deixasse um porta-voz seu obscurecer o óbvio... em tom agradavelmente afável.

Capítulo 13

É dever da Ciência não pôr de lado os fatos que pareçam ou permaneçam inexplicáveis.

Dr.Alex Carrel

Terça-feira, às 12h00, chegamos a Varginha, vindos de Campinas, onde realizamos mais uma etapa do que pretendíamos em relação às nossas pesquisas. Acabávamos de entrar na casa de Ubirajara quando a empregada veio nos informar de um telefonema anônimo recebido na noite anterior. Era uma voz adulta, masculina, a nos ameaçar de morte, alegando estarmos indo longe demais e que a hora de pararmos com tudo havia chegado. Caso continuássemos, iríamos arcar com as conseqüências.

Refletimos sobre o fato e não ficamos sobressaltados nem receosos. Afinal, era esperado que cedo ou tarde, este tipo de comportamento poderia vir de alguém andando de mãos dadas com a covardia ou a inveja. Gente de mentalidade tacanha, miserável. Para mim, quem se comporta desta maneira imita os sepulcros caiados de brancos! Do lado de fora a representação da pureza, da inocência, da imagem imaculada mas, por dentro, a excreção, o podre, os vermes! Esse tipo de gentalha jamais me atemorizou porque, se não tem a coragem para se manifestar frente a frente; representa o papel de um zero à esquerda na sociedade e, menos ainda, para mim. Argumentei que seria melhor tomarmos cuidado ao sairmos a campo para o trabalho dentro de Varginha, cidades circunvizinhas e pelas estradas de terra pois estas sim, seriam bem propícias à tocaia, ideais para quem se comporta sob o anonimato, pois jamais teria coragem de agir abertamente em público.

Após o almoço, recebemos a Luiza Villaméa repórter de IstoÉ e os fotógrafos Ricardo Giraldez e Carlos Fenerick. Não foi necessário dar todas as explicações, já que estavam a par dos acontecimentos. No entanto, desejavam ter acesso aos depoimentos dos militares, forçando-nos às velhas alegações do sigilo. Ouviram-nos atentos, com a Luisa, pacientemente fazendo anotações. Pediram-nos que lhes mostrássemos os locais dos avistamentos, das capturas, desejosos também de conhecer as meninas, a dona Terezinha Clepf e o casal Eurico e Oralina. O que esteve a nosso alcance fizemos para ajudá-los. Mas era pouco. Tocaram no assunto dos depoimentos dos militares e se era possível uma foto de um deles, alguma transcrição ou qualquer coisa que justificasse um "furo jornalístico". Ponderei com o meu parceiro, concluindo que seria possível sim, uma foto, desde que fosse alterada a imagem do rosto, para que ninguém o identificasse. Se isso ajudasse, faríamos.

Concordaram e fomos ao nosso acervo. Pegamos uma fita de vídeo onde eu entrevistava um militar. Paramos a imagem em uma determinada cena e fizemos com que ela fosse modificada no computador através do efeito mosaico, tão comum hoje em dia no noticiário da televisão, principalmente quando enfocam menores em seus depoimentos. Imprimimos em cores, mas o rosto dele ainda era distinguível. Refizemos o processo, acrescentando aos mosaicos a alteração do cabelo, acrescentando costeletas e modificando a cor da camisa. Acertando a impressão desta vez, entregamos a Villaméa, cuja reprodução saiu impressa na revista.

Em todas as nossas conversas fizemos questão de expor a gravidade do que ocorrera na cidade e do quanto estava sendo importante a cobertura da imprensa, tornando o fato um marco na história da Ufologia brasileira, porque jamais um assunto desta natureza teve capa de revista.

Como eles ficariam mais um dia em Varginha, na quarta-feira convidei-os para irem a Três Corações onde, na casa de minha mãe, poderia tentar um encontro com pelo menos alguém que houvesse avistado o objeto que sobrevoara a cidade enquanto estive fora. Marquei com eles que se encontrassem comigo lã, ás 10h00, porque ainda naquele mesmo dia eu os levaria até o casal Eurico e Oralina como de praxe estava fazendo com os repórteres, inclusive duas equipes de argentinos que lá estiveram, pois para mim não havia problema algum se eu não tinha os compromissos profissionais de que em muitos de nossos encontros o Ubirajara estava impossibilitado.

Ao chegarem, havia falado com o meu informante aquele com quem conversara pelo celular enquanto estive em Campinas. Disse-me de um militar da ESA, muito amigo dele, de também ter visto o objeto, as lentas manobras e peripécias, num tempo relativamente longo e não em apenas por alguns furtivos momentos.

Este militar nos disse que dentro da ESA inúmeros colegas de farda estiveram filmando e fotografando o objeto. Não soube declinar os nomes deles mas, a nós, sobre este avistamento, não nos importava. Afinal toda a cidade teve a feliz oportunidade de avistar o mesmo espetáculo. Mas levantou a hipótese de que os militares talvez estivessem registrando tudo, provavelmente atentos a qualquer manobra diferente do objeto, pois as criaturas do espaço poderiam estar cientes das capturas e estivessem sondando o quartel. Daí a atenção dos militares voltada para a filmagem e fotografias, porque eles sabiam muito bem do porquê e do receio. Articulavam suas devidas precauções.

Como este militar não poderia aparecer na reportagem da revista IstoÉ, pois ele havia me passado outras informações, após outros telefonemas encontrei dois amigos, sendo um deles pai, cuja filha também avistou o objeto e o desenhou. Marquei com eles um encontro e, ao nos narrar como ele era, ficamos surpresos, pois se referiam a ele como parecendo a um submarino. Os dois amigos nos diziam ele ser um pouco arredondado nas pontas, com uma pequena cúpula além de umas janelinhas. E a menina, um tanto alheia às conversas, fazia o desenho como ela também o avistara, aparentemente numa altura muito baixa para conseguir acrescentar tantos detalhes. O desenho (também publicado na revista) representava quase o mesmo submarino narrado pelo casal Eurico e Oralina, levando-nos a crer em enorme semelhança com mesmo tipo de objeto, também possuindo dimensões

pequenas, além do "cocuruto" dito por Eurico. Somente não soltava fumaça. Mas na noite clara de Três Corações será que aquele objeto esteve quase por duas horas pairando sobre a cidade somente com o propósito de alegrar os olhos de todos? Certamente que não. Estivera sobrevoando a cidade por algum motivo. Mas qual? Fazendo o quê? E por quê? Ou seus tripulantes seriam outras criaturas no resgate das que se perderam? Ao se afastar depois de tanto tempo, foi este sobrevôo para nada? Não posso acreditar,

Feito o trabalho com a revista Istoé, logo no final da semana subseqüente a revista estava nas bancas. E a tiragem esgotou-se pelo Brasil inteiro. Para mim só foi possível adquiri-la tendo solicitado com antecedência ao jornaleiro que a guardasse. Em Varginha ocorreu o mesmo, tendo a população ficado cada vez mais impressionada e abismada, transpondo a desconfiança para a credulidade. Afinal, o assunto das criaturas rendera capa e seis páginas em cores com fotos, ilustrações, depoimentos, incluindo o box a que nos aludimos à página 135.

RELATÓRIO DE EVIDÊNCIAS E INVESTIGAÇÕES:

16/05/96 a 22/05/96

11h20m Eduardo Mondini recebe ligação de Ubirajara Franco Rodrigues, de Varginha-MG, informando que um telefonema anônimo vindo de uma pessoa de Jundiaí-SP teria lhe informado que na Segunda-feira (13105) de madrugada, alguma coisa teria transferido do Quartel de Campinas-SP (1 Brigada de Infantaria Blindada) para o 2' GAC (2' Grupamento de Artilharia de Combate) em Jundiaí-SP. A pessoa teria visto caminhões militares entrando no 2' GAC e que havia um forte esquema de segurança vigiando o quartel. Ubirajara finalizou solicitando apoio do *CEPFX* para confirmar esses fatos, pois a pessoa (que era uma mulher) lhe pareceu muito sincera.

11h30m Eduardo liga para Osvaldo Mondini na Indarma solicitando que o mesmo entrasse em contato com "Rubens", representante do *CEPEX* em Jundiaí-SP para que o mesmo averiguasse junto ao 2' GAC as informações passadas por Ubirajara.

11h43m Osvaldo telefona para "Rubens" e solicita que o mesmo verifique junto ao 20 GAC as informações sobre o comboio militar que teria saído de Campinas e entrado no quartel em Jundiaí-SP.

18h00m "Rubens" telefona de Jundiaí-SP para a residência de Osvaldo Mondini, informa que foi até o 2' GAC de bicicleta e entrou para tomar água (desculpa arrumada para entrar no quartel). "Rubens" perguntou aos sentinelas sobre o comboio e os mesmos não souberam informar nada, disseram que não havia nenhuma movimentação estranha no quartel, mesmo porque no sábado (18/05) iria acontecer a entrega da boina aos recrutas e o quartel seria visitado pelos familiares dos militares incorporados. "Rubens" informou ainda que sua mãe tem uma amiga que é casada com um capitão do 20 GAC e a mesma havia lhe dito que seu marido estava incomunicável há 15 dias em uma chácara ou fazenda em Bragança Paulista-SP. A mulher desse capitão tentou falar com ele várias vezes e não obteve êxito; disse ainda que, quando ela perguntava a ele sobre o ET de Varginha o mesmo desconversava. Foi informado também que haveria uma reunião de generais em

Bragança Paulista-SP com a presença do ministro do Exército, gal. Zenildo Zoroastro de Lucena. O motivo desta reunião, dia e local exato ninguém sabe.

20/05/196

14h10m Carlos, Marco Antônio e Eduardo Mondini (do *CEPEX)* saem da sede do *CEPFX* em Sumaré-SP com destino a 11' Brigada de Infantaria Blindada, Instituto Médico Legal, Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas-SP e ao 2' Grupamento de Artilharia de Combate, em Jundiaí-SP com a missão de fotografar, filmar e encontrar alguma pista da passagem do ET de Varginha por esses locais.

14h47m Entramos pela guarita que dá acesso a 11' Bld Inf Bld pelo lado da Via Anhangüera, passando pelo 2' Batalhão Logístico (20 BELOG), 280 Batalhão de Infantaria Blindada (28' BIB), 20 Pelotão de Polícia do Exército (2' Pel PE), Quartel General da Brigada, Companhia de Comando da Brigada e 2' Companhia de Comunicações Blindada (2' CIACOM). Filmamos o que foi possível com uma câmara escondida no carro em movimento. Por todo o quartel existe guaritas com soldados armados vigiando a entrada de cada Companhia.

15h00m Paramos em frente à Escola Preparatória de Cadetes do Exército e fizemos com tranqüilidade várias fotografias e filmagens do portão de entrada e das laterais da escola. Essas imagens e fotos foram fáceis de ser registradas, uma vez que a escola é de visitação pública e nos fizemos passar por turistas.

15h15m Chegamos ao Cemitério dos Amarais e fizemos imagens e fotos do IML em sua parte externa. A operação foi fácil devido ao dia de domingo ser de bastante visitação ao cemitério por parte de pessoas que possuem familiares enterrados no local. Não notamos nenhuma movimentação estranha, as portas estavam todas trancadas e pudemos ver somente um funcionário que, ao nos avistar, ficou olhando de longe, desconfiado.

15h45m Chegamos ao Aeroporto Internacional de Viracopos onde fomos averiguar se havia algum avião militar estacionado, e o que encontramos foram dois aviões de carga ANTONOV. Um deles possuía pintura normal de linhas comerciais e estava carregando cargas convencionais.
16h16m Quando estávamos indo embora notamos outro ANTONOV estacionado no terminal da Federal Express e não possuía pinturas de linhas comerciais, mas trazia, além da bandeira russa, o emblema do governo russo na cauda, o que significa que o avião pertencia ao governo russo. Perguntamos a um funcionário que estava passando no local sobre o avião e respondeu que pertencia ao governo russo e que teria chegado ao aeroporto no dia 15 deste mês e estava vazio aguardando carga. O funcionário disse ainda que o avião iria para os EUA. Achamos muito estranho que um avião daquele porte estivesse literalmente estacionado aguardando carga e perdendo tempo e dinheiro, geralmente os aviões comerciais de carga somente passam pelos aeroportos, carregando ou descarregando e levantam vôo o mais rápido possível para ganhar tempo.

16h57m Chegamos ao 20 GAC em Jundiaí-SP onde fomos atendidos pelo cabo da guarda, "Everton, que confirmou a chegada das viaturas do quartel de Campinas. Dissemos a ele

que queríamos visitar o quartel e o mesmo disse que não era possível, as visitas deveriam ser marcadas com o relações públicas do quartel durante a semana. 0 militar perguntou de onde estávamos vindo e dissemos que vínhamos de São Paulo para Campinas e resolvemos parar para visitar o quartel. Perguntamos a ele qual o vínculo que o 2' GAC teria com Campinas e o mesmo disse que não tinha nenhum vínculo (a pergunta fora feita para checar às informações da chegada das viaturas). 0 cabo "Everton" indagou o porquê da pergunta e Eduardo disse que na Segunda-feira (131 05) estava passando em frente ao quartel e viu a chegada de viaturas no quartel provenientes de Campinas. 0 quartel de Campinas possui no 2' BELOG toda uma estrutura de manutenção em viaturas e a desculpa dada pelo cabo não procede.

21/06/96

17h00m Eduardo recebe ligação de Claudeir Covo de São Paulo que informa que estaria vindo a Campinas-SP para checar algumas informações que teria recebido da amiga "Míriam". Claudeir disse que não poderia passar as informações por telefone, por razões óbvias, e que conversaria com Eduardo pessoalmente. Eduardo marca horário para encontrar com Claudeir Covo às 19h30120h00 em frente ao posto da Polícia rodoviária de Campinas-SP na Via Anhangüera.

20h20m Claudeir Covo chega ao local marcado juntamente com Antônio Cruze se junta com Eduardo Mondini que já o estava esperando e todos partem para a casa da "Míriam", no bairro Jardim Proença, em Campinas.

21h30m Chegamos a casa de "Míriam" onde fomos recebidos pelo seu marido e lá encontramos com "Santiago" (Cante) que nos passa as seguintes informações: Um amigo seu da equipe de Badan Palhares teria lhe informado que o corpo do ET estaria no Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp.

Que o ET teria sido levado para Campinas porque o HC é o mais bem equipado do país e que as autoridades militares teriam escolhido a cidade de Campinas porque viagem de Três Corações-MG a Campinas-SP não era muito longe e assim o corpo não ficaria muito tempo exposto às condições da viagem.

Que a Unicamp possuía um laboratório subterrâneo construído na década de 70 para atender interesses militares. Esse laboratório esta ria embaixo do HC da Unicamp.

Que uma das criaturas teria fugido e sido alvejada em Varginha.

Que o legista Fortunato Badan Palhares estaria estudando o corpo da criatura com um especialista alemão.

Que a criatura teria chegado a Campinas-SP e seguido direto para a Unicamp.

Que a Unicamp possuía equipamentos de Primeiro Mundo e que a entrada no laboratório subterrâneo seria controlada por cartão magnético e impressão digital.

Que Badan Palhares teria autopsiado a criatura.

Que a ossada do Araguaia teria sido uma desculpa utilizada pelos militares para justificar a presença de viaturas no HC e IML de Campinas-SP As ossadas estariam no HC desde 199 1.

Que todos os militares envolvidos no caso da captura do ET de Varginha estariam sendo transferidos de unidade.

Que um parente de "Miriam" que mora ao lado do Hospital Humanitas em Varginha (MG) teria visto na noite da captura uma movimentação bastante grande no hospital.

Que várias pessoas teriam avistado UFOs em Delfinópolis MG na noite da captura do ET.

Que militares teriam visto um ET resgatando outra criatura. 0 que estava no chão sendo resgatado teria levado um tiro e o outro estava tentando resgatá-lo e ao ver os militares fugiu. Tudo isso teria ocorrido depois da chuva de granizo (segunda captura).

Que ninguém teria saído ferido na operação de captura, mas que a "Míriam" havia dito que um dos militares envolvidos na captura estava desaparecido e acredita-se que esteja morto.

23h20m Deixamos a casa de "Míriam" e seguimos para nossas residências.
22/05/96

16h00m Osvaldo recebe ligação de "Jader', nosso contato na Unicamp e o mesmo informa que seu amigo "O Arnaldo" teria conseguido falar com uma pessoa que é braço direito do Badan Palhares. E esse senhor informou que havia muita gente atrás dele querendo informações a respeito da criatura e que a alguns dias passados, certas pessoas invadiram o cemitério dos Amarais e mexeram em algumas coisas na procura do ET e que posteriormente estiveram atrás de um dos responsáveis pelo cemitério e o mesmo não os atendeu. Mas o "braço direito" confirmou que a criatura realmente está em Campinas, mas não quis "abrir o jogo" a respeito do local onde o ET estaria. Informou ainda que a criatura teria chegado de madrugada e quem recebeu o corpo do ET foi um alemão que trabalha no HC, mas não se dá muito bem com o Badan, pois os mesmos tiveram um racha tempos atrás e diante desse incidente, Badan teria conseguido verbas para montar seu próprio núcleo de pesquisas dentro da Unicamp. Ele frisou que este alemão é um grande cientista e muito considerado na Unicamp, e que será difícil conseguir mais informações, pois o mesmo é um dos envolvidos na pesquisa da Unicamp sendo uma pessoa muito chucra, pois o que o Badan lhe diz, ele responde amém. (Palavras do "braço direito").

20h30m Eduardo Mondini recebe ligação de Carlos; Eduardo Bazan (membro do *CEPEM)* que informa que um professor amigo seu lhe disse que um amigo médico lhe confidenciou que passando pelo quartel da 1 Brigada de Infantaria Blindada, deu carona a um militar e no meio do caminho esse médico teria perguntado ao soldado se a história do ET ter vindo a Campinas era verdade e o militar confirmou que sim e que ele próprio teria visto em cima da mesa de um de seus oficiais um documento falando sobre o ET.

Enquanto a investigação do *Incidente em Varginha* prosseguia, o cotidiano do noticiário nacional continuava. Mas devemos ressaltar como curiosidade e de relevada importância a presença do Secretário de Estado Norte-Americano, Warren Christopher, vindo ao Brasil assinar com o ministro das Relações Exteriores, Felipe Lamprea, um acordo de cooperação para uso pacífico do espaço exterior.

Isso, na época, nos chamou muito a atenção porque provavelmente foi mais um argumento no sentido de envolver o governo brasileiro, de modo mais contundente, nesse processo de acobertamento, qualquer que seja o conhecimento atual do Brasil e o que venha a adquirir sobre seres extraterrestres ou de vida extraterrena. Esse acordo irá num determinado momento viabilizar a ida de um astronauta brasileiro ao espaço...

Uma ocorrência muito a propósito, correlata a essa visita do secretário Christopher foi, também, na ocasião, a presença no Brasil, do administrador geral da Agência Espacial dos Estados Unidos Nasa, Daniel Goldin. Visitou as instalações do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial INPE, assinando acordos de cooperação espacial entre as duas entidades. Já houve acordos assim no passado, mas é a primeira vez que o principal dirigente da Nasa vem ao País conhecer o aparato científico nacional.

Nós, que estamos envolvidos com o *Incidente em Varginha,* não podemos dissociar a presença desse pessoal ao episódio mineiro, principalmente porque ocorreu esse encontro no início de maio. Coincidências à parte, não é de estranhar que alguns militares venham nos dar a certeza da presença de dois americanos formulando esses tipos de acordo na efervescência do *Incidente em Varginha,* cuja dimensão dos acontecimentos corria o mundo através da imprensa? Não foram aqueles momentos de tanta conversa mole sobre o envio de brasileiros ao espaço e as visitas nas instalações militares com mais acordos bilaterais tudo feito para justificar a presença deles incluindo a Nasa dentro das dependências da Unicamp?

Um outro fato paralelo observado e de relevada importância é o de que, nesta mesma época, a Câmara e o Senado em Brasília tenham aprovado um projeto concedendo à Aeronáutica brasileira poderes para derrubar aeronaves em vôos clandestinos que não respondam à ordem de identificação, visando ao combate do narcotráfico e de contrabandos. Mas por que isso não fora feito anos atrás se não são de agora as notícias das rotas do narcotráfico? De aeroportos clandestinos? De centenas de aviões envolvidos? Por que agora?

Até quando tomaremos atitudes nossas sem a interferência dos estrangeiros? Qual é a autoridade estrangeira maior que a nossa? Se um dia já disseram: o *que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil* devemos a vida inteira viver engasgados com isso? Nossa visão tupiniquim continuará, até quando, criando folclores sobre as *criaturas do espaço* e seus objetos voadores como mãe d'água, boitatá, boiúna ou taúba? Nossos militares não deveriam se sujeitar a tanto. Afinal, é correto acreditar que a fruta caída no nosso quintal pertencerá, sempre, ao pretenso dono do terreno?

Capítulo 14

O único modo de descobrir os limites do possível,
é se aventurar um pouco para além dele,
para o impossível.

Segunda Lei de Clarke.

Chega a Varginha o editor-proprietário da mais conceituada revista de Ufologia brasileira, A. J. Gevaerd, que estivera mantendo contatos periódicos conosco. Com ele estavam as redatoras da revista UFO, Danielle de Oliveira e Adriana Parias. Foram recebidos na casa do Ubirajara e, no auditório anexo, pacientemente expus todo o histórico dos fatos, desde o momento em que cheguei a Três Corações. Depois fui conhecer meu parceiro, levando a fita com o depoimento do primeiro militar que eu havia gravado. Durante horas repassamos para ele e equipe todas as ocorrências. Das mais simples como meros avistamentos aéreos à cronologia das capturas, sobre as meninas, dona Terezinha Clepf, o Zoológico, etc. Mais tarde procedemos às visitações e fotografias. As meninas, dona Terezinha, o casal Eurico e Oralina foram entrevistados. Levei o Gevaerd à sucursal do jornal *Hoje em Dia.* A tudo estivemos solícitos e cooperativos na intenção de que ele fizesse com o máximo de fidelidade uma reportagem condigna sobre o fato.

E as edições da revista UFO se sucederam com matérias bastante contundentes.

A de número 43 (abril/ 1996) enfoca notícia do Corpo de Bombeiros de Varginha escondendo informações; a de número 44 (Junho) sobre os militares ocultando informações; a de número 13 (Julho) foi a UFO Especial, com todas as ocorrências, entrevistas, depoimentos; a de número 45 (Agosto) com novas revelações sobre o envolvimento de militares aumentando a polêmica.

Em todas as edições as matérias foram muito elogiadas. Mas a UFO Especial teve sua tiragem de 18.000 exemplares esgotada em pouco tempo, tendo sido necessária novas impressões, tamanho o sucesso em todo o Brasil.

De um outro telefonema recebido, "Caio” que tem muitos contatos com os militares, anunciou possuir informações importantes, mas estivera temeroso em enunciá-las para nós até quando pôde certificar-se da seriedade com que trabalhávamos e, em momento algum, deixado escapulir para a imprensa qualquer pista que identificasse ao menos um dos militares envolvidos nas pesquisas através de seus testemunhos.

Marcamos um horário e fomos até a casa dele na companhia de meu parceiro, do Gevaerd, da Danielle e Adriana repórteres da revista UFO. Foi surpreendente o que ele nos narrou.

No dia 20 de janeiro, ou seja, no mesmo dia em que as meninas avistaram a criatura, às 15h30; ainda às 13h00 horário de almoço para ele, residente no bairro Santana, um pouco abaixo do bairro Jardim Andere, estacionou o carro. Da porta de sua casa viu na parte de cima do morro, que é o final do bairro Jardim Andere, um caminhão militar parado. Disse-nos que até então de nada sabia, porque somente dias depois tomara conhecimento, através do noticiário e, então sim, pôde ordenar os horários até perceber que presenciara entre as 13h00 até 14h00 uma busca de novas criaturas. Naquela ocasião, apenas movido por

curiosidade dirigiu-se ao local. Mas, lã chegando, não vira mais o caminhão. Avistou fora sete militares lã embaixo, indo em direção à mata, cujo total lhe chamou a atenção pela maneira com que andavam: um pouco afastados uns dos outros mas todos emparelhados como se fazendo uma barreira de varredura a caminhar rumo à mata existente próximo à linha férrea. Estavam trajando fardas de combate, as camufladas, e portando fuzis.

Ele se disse surpreso, pois jamais vira algo semelhante ali nos bairros e postou-se para observar em meio a alguns outros também curiosos. Os militares adentraram a mata e, instantes depois, ele escutou três estampidos. Não tardou que dois soldados saíssem da mata portando cada um deles um saco de campanha. Pelo volume dos mesmos era evidente o conteúdo. Um dos sacos dava a nítida impressão de que alguma coisa ali estava aprisionada e se mexia. No outro saco apenas um volume inerte.

Mas restava a pergunta: o que os militares faziam ali? Por que a caminhada em varredura? 0 que havia na mata a exigir tanta atenção dos militares em fardas de combate? Se, pela manhã, ali estiveram os soldados do Corpo de Bombeiros capturando uma criatura e entregue ao Exército; afinal, quantas criaturas estariam na mata; se uma parecia viva e ensacada; a outra, sugerindo ter sido morta; e, às 15h30, as meninas avistaram uma criatura escorada num muro com um dos joelhos esfolados, não demonstrando qualquer reação presumivelmente não seria por estar com medo e cansada?

Para nós, foi mais um depoimento a nos deixar eufóricos, pois aos poucos íamos parte a parte formando o quebra-cabeça gradativamente.

Tempos depois colhemos as informações através de Claudeir Covo, que empreendeu pesquisa junto com os irmãos Mondini e os membros do grupo INFA além da prestimosa ajuda do Edson Boaventura e Jamil Vilanova, que vieram a descobrir ter sido baleada uma das criaturas não por haver atacado o soldado, mas pelo susto dele ao estar frente a frente com algo horripilante para o "nosso padrão de beleza" e por inexperiência, nervosismo e o pior, desavisado por seus superiores da importância sobre o que estava fazendo ali, ainda mais considerando que uma criatura fora aprisionada na parte da manhã.

Devido às ocorrências e ao grande noticiário, o prefeito de Varginha, Aloysio Ribeiro de Almeida, convidou-nos a mim e ao parceiro para uma reunião em seu gabinete, marcada com três dias de antecedência. Aceitamos, mas ao chegarmos o senhor Aloysio teve de ausentar-se da cidade por motivo de viagem em função de atividades atinentes ao cargo.

Quem nos recebeu foi o vice-prefeito, Paulo Vitor Freire. Parabenizando-nos, ao mesmo tempo estendendo a nós palavras de solidariedade em seu nome e no do prefeito, relevando a seriedade com que vínhamos trabalhando nas pesquisas.

Perguntou-nos se havia razão para o pânico. Afinal, a cidade vivia momentos de perplexidade, susto, medo, boatos sobre a criatura no cotidiano dos cidadãos Varginhenses.

Confesso, no momento, ter pensado que a pergunta tinha a ver com o que sabíamos por depoimento de uma pessoa, sobre a morte do militar.

Havendo algum fato extraordinário, solicitou que, juntos estudássemos um modo de dar o alerta à população. Faríamos isso sim, sem dúvida; ou teria feito o Exército mais apropriadamente, se era ele o responsável pela captura e posse através dos recursos de sua tecnologia e médicos capazes de terem detectado desde o início qualquer perigo iminente que pudesse afetar a população.

Na noite do mesmo dia recebo um telefonema em casa de minha mãe. Era um oficial militar de um Estado vizinho a Minas Gerais, que se identificou, comentando a nossa dedicação à pesquisa e se sentindo na obrigação de nos informar que sendo ele um militar graduado não poderia deixar o fato a ser mencionado, apenas restringir-se ao meio militar, pois tratava-se de um assunto pertencente à humanidade.

Disse que os acontecimentos relativos aos OVNIs e a seus tripulantes não eram exclusividade nos céus do Brasil, pois no mundo todo tais fatos ocorrem com freqüência. Confirmou que o Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo - CINDACTA I, de Brasília, tinha inúmeras informações catalogadas sobre tais fenômenos e que estava ciente de fatos que a população de um modo geral nem imagina.

Ainda no mês de Janeiro, disse ele, da Base Aérea de Canoas - RS, decolou uma aeronave, Búfalo, de carga e transporte de tropas, com destino a algum ponto do Sul de Minas Gerais, levando um radar portátil, mas de alcance razoável. Onde pousou ele não soube precisar, e nem nós sabemos, pois se fosse em Varginha chamaria a atenção de todos, porque no aeroporto de lá esse modelo de aeronave não existe e, se houve aterrissagem, foi em anos anteriores, não havendo notícia disto.

A carga era composta de três contêineres menores e uma caixa de madeira, tendo vários militares embarcado juntos. No primeiro contêiner havia geradores. No segundo, equipamento de recepção e computadores. No terceiro, uma pequena oficina portátil. Na caixa de madeira havia a antena desmontada. Em suma, era um sofisticado radar portátil com pintura camuflada, cujo destino fora o Sul de Minas. 0 motivo: a instalação do mesmo em área isolada, ou seja, para permanecer dentro da mata muito existente na região.

Por que isso? Primeiro, não haver em Varginha este sistema de radar. Nem mesmo dentro da ESA, que é uma escola de sargentos das armas, porém voltada para a instrução de infantaria, cavalaria e engenharia de guerra. Assim, este radar estaria controlando o tráfego aéreo inclusive e mais propositadamente, os OVNIs, sendo localizados com facilidade e informando até pousos e quedas. Segundo, em sendo portátil, seria de bom grado para a ESA manter-se a par dos informes, passando a ter o controle da situação, não dependendo de Brasília ou Rio de Janeiro. Terceiro, a ESA teria condições de trilhar algumas aparições e postar-se em alerta máxima quando necessário.

E foi o que ocorreu, de acordo com a confidência de quem falava comigo. Tal fato também foi mais tarde confirmado pela esposa de uma grande patente de dentro da ESA, nos contando do marido que, durante a Semana Santa, não teve permissão para sair do quartel, se estavam de prontidão "com *medo da retaliação",* conforme as palavras desta senhora, para o caso dos objetos tanto avistados pela população tornassem a surgir acintosamente.

Afinal não foram eles, os militares, os responsáveis pela captura? Da morte? Do comboio para a Unicamp?

Importante enfatizar que neste mesmo período militares americanos chegaram a ESA de helicópteros. Uma área fora interditada e vários agentes da inteligência e de muitos lugares do país foram enviados para lã. Alguns moradores da região, principalmente os do bairro Santa Tereza, que é contíguo ao quartel, disseram jamais terem visto tamanha movimentação antes, se vários residentes estão ali há anos, fato que chamava a atenção até dos mais incautos.

Somando os meus contatos sigilosos com os militares, já passavam de 15 e, todos, confirmaram do primeiro ao mais recente a presença dos estrangeiros dentro da ESA. Discretos e numa operação tranqüila. Isto porque ainda no Brasil as forças militares ainda não têm tecnologia sofisticada para lidar com o fenômeno ufológico, ao passo que os americanos possuem equipes de resgate, cientistas, armamentos específicos para quando for necessário usá-los. Enfim, toda uma infra-estrutura para lidar com esses casos. Passados alguns dias, descobri o que os americanos estavam fazendo lá: além do apoio logístico, participavam dessa operação.

Capítulo 15

Este mundo é uma profecia
do mundo que há de vir:

Edward Young

Ainda no mês de maio, os vários militares que estavam nos ajudando passaram a informação da abertura de uma espécie de inquérito interno feito pela ESA no intuito de apurar o porquê de vários militares citados nominalmente quando da captura e translado da *criatura* do Hospital Humanitas à Unicamp.

É normal esse procedimento interno da ESA, dado o enorme contingente de mais de 3.000 homens nas suas dependências. Apura-se o fato que originou o inquérito, pune-se quem tiver de punir e a vida prossegue em continência ao dever cumprido,

Mas no caso especifico da *criatura* chamaram as pessoas que foram citadas e arranjaram para cada uma delas as testemunhas necessárias no sentido de desmentirem suas participações no *Incidente em Varginha.*

No dia em que os nomes dos militares foram citados por mim na reunião com os ufólogos e a imprensa quando Claudeir Covo fez a leitura do Manifesto disseram-me terem arranjado uma ocupação para o tenente Tibério em determinado lugar, tendo uma testemunha para confirmar; o cabo Elber, idem. O mesmo a respeito do capitão Ramirez, do sargento Pedrosa, do soldado Cirilo e mais outros citados.

Também me ofereceram cópias do documento de várias laudas. Quanto a isto agradeci a boa vontade mas dispensei tal oferta, pois estes militares-informantes foram amigos e se aceitasse estaríamos, todos nós, incorrendo em erro. Afinal estes papéis não representariam importância vital nas pesquisas. Somente por saber da existência deste inquérito nos era suficiente porque, mais uma vez, não estávamos distantes da realidade. O *Incidente Varginha* não se prendeu apenas ao avistamento de uma *criatura* pelas meninas. Foi mais longe. Era bem maior que se imaginava. Tornou-se uma grande árvore de muitos galhos espinhentos para nós.

Preparada aquela documentação, todos os citados tiveram que assinar nas suas respectivas laudas, juntamente com a testemunha forjada com o único propósito de, quando e se alguns ou todos vierem a dar baixa da corporação um dia, e por alguma razão resolvessem contar o que sabiam, o Exército teria como provar a mentira trazendo a público o documento assinado.

No dia 20 de maio, segunda-feira, a doutora Leila Cabral, diretora do Zoológico de Varginha, telefonou-nos para contar que Ildo Lúcio Gardino (21 anos), seu aluno de Biologia no segundo ano de suplência do Colégio Batista, disse a ela de ter avistado uma *criatura* muito estranha e feia à beira de uma estrada. E que ela, a doutora Leila, estava preocupada com o aluno por senti-lo nervoso e muito tenso. Procurei saber o horário que o encontraria e, no mesmo dia, fui até ele. Conversamos no pátio, antes do início de sua aula. Após minha introdução de praxe sobre pesquisa ufológica e do sigilo para resguardar o depoente caso necessário, quanto a isto ele não fez nenhuma objeção.

Vinha sozinho de Três Corações para Varginha dirigindo a Besta (perua coreana). Passava das sete da noite. A poucos quilômetros da chegada, onde a estrada tem uma curva acentuada e, em seguida, uma grande reta em subida, ali, avistei depois desta curva uma *criatura* tentando atravessar a estrada rumo à mata do outro lado, após um pasto. Essa *criatura* estava em pé, ligeiramente curvada, quando bati os olhos nela. Tinha desacelerado o carro devido à curva. A uns quarenta metros a minha frente os faróis clarearam aquela coisa marrom escura, com pêlos por todo o corpo, os olhos avermelhados e grandes refletidos pela luz do carro e, num gesto inteligente e de proteção, levou as mãos ao rosto e se agachou.

E por que você não parou o carro? Perguntei.

Cê tá louco! Sem saber o que era aquilo eu não ia fazer isso, nunca!

Não seria um macaco?

De jeito nenhum. Era, isso sim, um bicho dos mais esquisitos, tendo na cabeça uma espécie de chifres pequenos.

Mas nem dentro do carro, com os vidros fechados, os faróis acesos atrapalhando a visão dessa "coisa", assim mesmo você não teve coragem de frear?

Nem! Por nada desse mundo eu ia fazer isso. E o medo? Acelerei e toquei pra frente, passando perto dela enquanto olhei mais de perto. A coisa levantou e voltou pro mato de onde vinha. E fui embora.

Acaso não seria um bezerro? Perguntei para estudar a reação dele na resposta.

Bezerro de duas pernas? E peludo? Olhos arregalados de vermelho e grandes? Que o quê, sô!

Um tamanduá?

Ora, ele é mais peludo no rabo e tem focinho fino além de quatro patas. Não, não, o que avistei foi coisa esquisita mesmo.

Confesso ter ficado impressionado com o que ele contava, entendendo haver mais criaturas à solta pela região. Essa, diferente da de Varginha. Pelo fato de apresentar pêlos; mas isso, para nós, ufólogos, não causa surpresa pois quando fomos a Alfenas no início das investigações e conversamos com o Toninho, jardineiro da Associação Atlética Banco do Brasil AABB, a criatura por ele avistada era peluda e de olhos grandes. As que as meninas viram diferençava pela pele lisa e oleosa, mas de olhos também grandes. De qualquer modo essa tipologia não pertence ao nosso meio. Embora haja entre humanos características diferentes como índios, negros, japoneses; altos, baixos, magros e gordos; peludos e carecas, ainda assim permanece a espécie *Homo Sapiens.*

Pedi ao Ildo que reconstituísse a nossa conversa no dia seguinte, quando iria apresentá-lo ao Ubirajara. Concordou e combinamos o horário e o local para irmos buscá-lo em Três Corações, onde reside e trabalha.

Fomos ao encontro dele e nos dirigimos para o ponto exato na estrada onde ele avistara a criatura. Descemos do carro e percebemos que atrás das árvores depois do acostamento e exatamente no local onde aquela criatura estava, se traçarmos uma linha reta estaremos diretamente na casa do Eurico e Oralina o casal que avistou o "submarino com o cocuruto". Seria possível que esta criatura estivesse junto com as outras e, dali saindo do "submarino", seguisse rumo diferente?

O Ildo fez a simulação do comportamento da criatura que avistara. Registramos tudo em vídeo. Ao retornarmos a Três Corações procuramos saber a quem pertencia o terreno do outro lado da estrada para onde ela se dirigia, pois pretendíamos fazer uma noite de vigília. Segundo informações do Eurico em toda aquela mata, de ambos os lados, há muitas cobras cascavel, jaracuçu-cruzeiro e outros tipos peçonhentos, sendo comum ele próprio matar várias mensalmente ao encontrá-las no lugar onde o gado pasta. E, sendo a mata muito fechada, impossível seria prever o que existe por lá, não havendo meios como chegar de carro nem a cavalo. A pé recomenda-se uma equipe razoavelmente numerosa e atenta para promover a vigília durante a noite.

Fizemos o registro achando muito interessante o fato de no dia 15 de maio quando houve o avistamento desta *criatura* pelo Ildo, quase quatro meses havia passado desde o dia 20 de

janeiro, data em que as meninas avistaram uma *criatura* rente ao muro no bairro Jardim Andere. Por que a persistência de *criaturas* andando por lã? Seria alguma missão? Procuravam as que foram capturadas? Estariam perdidas pelo incidente acontecido? Afinal, quem são elas? Vieram de onde? Iam para onde? E o que, de fato, faziam ali no Sul de Minas?

Importante ressaltar que poucos dias depois, acompanhando o repórter do *Wall Street Journal* na entrevista com o casal Eurico e Oralina, tive a oportunidade de comentar com o Eurico o avistamento do Ildo. Ao que ele me respondeu assustado:

Pacaccini, não me diga uma coisa dessa! Agora faz sentido da cachorrada endoidar de latição naquela semana. Inclusive, de noite, arranhando com as patas a porta de casa e numa choramingação de dá dó.

Na segunda quinzena de maio o produtor de televisão, Goulart de Andrade nos contatou de São Paulo demonstrando interesse de se deslocar para Varginha com a sua equipe na: intenção de gravar um documentário. Ele expõe seu programa *Comando da Madrugada* na TV Manchete, aos sábados, em torno da meia-noite.

Goulart chegou de avião junto com a esposa, enquanto sua equipe de apoio viajou de São Paulo numa Chevrolet Veraneio. Seguimos o roteiro normal: conheceu as meninas, os locais dos avistamentos e das capturas, dona Terezinha Clepf, doutores Leila Cabral e Marcos, no Zoológico; enfim, todas as minúcias roteirizadas por nós.

No Hospital Regional, conversou com o administrador, senhor Adilson Usier, que negou qualquer envolvimento tanto dos médicos como dos funcionários em relação à *criatura.* Aproveitou a oportunidade para apresentar um documento querendo demonstrar que toda a movimentação havida nas dependências do hospital, na noite do dia 20 de janeiro, levado pelo Corpo de Bombeiros fora devido ao suicídio de um detento do presídio de Varginha, cujo corpo dera entrada naquela mesma noite do dia 20. Mas este argumento encontrou imediata resposta por parte do Goulart de Andrade, porque entregamos a ele cópia do laudo pericial, adquirido através de uma advogada amiga de Ubirajara, dando a causa motriz, o dia e o horário. Após o entrevistador ouvir toda a argumentação do senhor Adilson, retirou do bolso um papel e, defronte das câmeras, ao vivo e em cores, pode desmenti-lo:

Olha, Adilson, sinto muito, mas ou você se enganou redondamente ou então é outro o motivo, porque estou aqui com o laudo nas minhas mãos e a tal pessoa faleceu no dia 30 de Janeiro!

Outra contradição do senhor Adilson Usier foi, a de informar do Corpo de Bombeiros ter levado o corpo para o Hospital Regional. Acontece que o próprio capitão Alvarenga havia comentado do engano do senhor Adilson, pois o Corpo de Bombeiros não havia levado morto algum para o Hospital Regional.

Encerrando este quadro, levamos o Goulart ao Zoológico, quando conversou com os doutores Leila Cabral e Marcos. Sobre a morte dos animais, as análises das autópsias e, mais demoradamente, a mostragem de onde estivera dona Terezinha Clepf, além da exata

posição que se encontrava a criatura avistada por ela. Também o levei ao casal Eurico e Oralina.

O documentário estava completo quando o Goulart pediu-me que o levasse a Três Corações porque desejava fazer uma entrevista com o general Coelho Lima ou com quem pudesse atendê-lo. Fui com ele mas não entrei no quartel. O general atendeu-o de forma simpática, porém foi lacônico, negando todo o envolvimento da ESA e alegando não estar mais autorizado a tocar no assunto. Somente Brasília poderia falar. Mais uma vez percebíamos a extensão do *Incidente em Varginha.* Ao Goulart contei sobre o "inquérito interno" promovido pela ESA.

Encerradas as visitas, as entrevistas, o passeio de reconhecimento, nos despedimos e Goulart de Andrade retomou a São Paulo. No sábado do dia primeiro de Junho, o programa foi ao ar com a duração de duas horas e quinze minutos! Tempo esse jamais utilizado em televisão dedicado a um único assunto de ordem ufológica! De tão apreciado por todos, o mesmo programa voltou a ser reprisado na semana seguinte.

Da parte final dos quadros nós não tínhamos participado. Goulart estivera na Unicamp entrevistando o doutor Badan Palhares, que tudo negou sobre a passagem da criatura por lá. Mas levou o entrevistador até uma sala onde há uma série de gavetas refrigeradas destinadas a depósito de corpos para autópsias no cemitério dos Amarais. Os irmãos Mondini já haviam tomado conhecimento das várias incursões do médico ao local, bem como do esquema de segurança montado por parte dos militares, mas este passeio não convenceu a ninguém porque a *criatura* de Varginha dera entrada na Unicamp no mês de Janeiro e o programa estava sendo gravado em final de Maio! Toma-se evidente que criatura alguma ainda estaria ali, na geladeira, esperando que o programa *Comando da Madrugada* chegasse lá e a encontrasse estirada sobre a mesa. O certo seria a procura nos laboratórios subterrâneos em algum canto da Unicamp ou em bases militares próximas, no dia subseqüente à chegada da criatura, entregue pelos militares da ESA.

Mesmo diante das negativas do doutor Badan Palhares, não o colocamos aqui como a ovelha negra ou o vilão da história. Se por ordens militares e superiores teve de negar qualquer participação sua, aceitamos. Afinal, é de praxe o acobertamento e o despiste em casos que envolvam Forças Armadas. Ao cientista brasileiro cabe a resignação por estar sob a tutela e a vigilância do governo. Além dele, outros cientistas também, pois o país, por mais rico que seja devido aos seus homens de ciência, continua cada vez mais pobre na aceitação da abertura para o conhecimento e a participação em novos horizontes de pesquisas.

Capítulo 16

Certas civilizações extraterrestres avançadas
podem tentar trazer ajuda aos humanos,
mas eles o farão por intermédio de seres
humanos sensíveis a essa comunicação.

Appel Guery

No final de Maio, meu parceiro teceu comentários sobre o 14 Congresso de Ufologia, em Curitiba, Paraná, nos dias de 6 a 9 de junho, com a coordenação de Rafael Cury, presidente do Núcleo de Pesquisas Ufológicas (NPU e da Associação Nacional dos Ufólogos do Brasil *(ANUBI),* fazendo muita questão de que eu fosse com ele para apresentar o *incidente em Varginha.* Relutei, alegando que eu j amais freqüentara congresso algum, porque o CICOANI por ter sido um grupo muito fechado, nem ao menos comentava entre seus membros tais eventos. Por outro lado não me animava a ir porque, na programação do evento, constava somente o nome de Ubirajara como palestrante sobre o *Incidente em Varginha.* Quanto à não inclusão do meu nome, a mim não fazia diferença, pois a minha intenção desde o início das pesquisas foi contribuir com todo o meu entusiasmo e dedicação, movido pelo desejo de que as evidências sobre as *criaturas* simplesmente não ficassem apenas em anotações esparsas num acervo destinado ao esquecimento em algum arquivo com o passar do tempo.

Ora, se em toda a minha vida acreditei na máxima popular do *onde há fumaça é porque há fogo,* não deixaria esmorecer o meu entusiasmo ainda no início de fevereiro, resolvido que estava a procurar até o mínimo vestígio de fagulha, justamente por intuir a dimensão do fenômeno, quando pude entrevistar o primeiro militar em Três Corações antes mesmo de conhecer o meu parceiro. Também, movido pela vontade maior em fazer com que todos pudessem tomar conhecimento da indeturpável verdade dos fatos e os seus desdobramentos.

Confesso meu desinteresse em ir ao Congresso. Mas, de tanta insistência havida por parte do Ubirajara, do Claudeir Covo e do Gevaerd, comecei a me sentir deslocado, em permanecendo irredutível. Fomos.

Chegamos em Curitiba na quinta-feira e tive a oportunidade de encontrar muitas pessoas de projeção da Ufologia brasileira que eu não as conhecia pessoalmente, além das grandes personalidades da Ufologia mundial, como o terapeuta John Carpenter, dos Estados Unidos atual presidente da Mutual UFO Network *(MUFOM),* Graham Birdsall, da Inglaterra; o físico Stanton Friedman, do Canadá, co-autor do best-seller *Ufo Crash at Roswell* tendo realizado nos últimos dez anos mais de quinhentas palestras em universidades americanas sobre Ufologia; Roberto Pinoti, da Itália, e Salvador Magdalena Freixedo, da Espanha.

Também Travis Walton, abduzido no Arizona, nas proximidades de Snowflake, tendo desaparecido por cinco dias. Ao retornar a Terra, contou sua história em livro que originou o filme Fire in the Sky (Fogo no Céu) dirigido por Robert Liberman e interpretado por D.B. Swenney, James Garner, Robert Patrick, Craig Sheffer, Peter Berg, Henry Thomas, Bradleu Grgge e Kathleen Whilhoit, em 1993.

Além dos abduzidos brasileiros Dino Kraspedon, residente em Uberaba, MG, e do paranaense Emanuel Sanches.

Entre os conferencistas nacionais estavam Ana Santos (do grupo *CEEAS),* Ademar Eugênio *(URANTIA),* Gevaerd (CBPD), Claudeir Covo *(INFA),* Edson Boaventura (GUG), Irene

Granchi *(CISNE),* Reginaldo Athayde (*CPU)*, Romio Cury *(GÊNESIS),* Marco Antônio Petit *(AFEU),* Ubirajara e eu pois, fui para ajudar.

Sob este aspecto foi muito proveitoso para mim. A maioria deles sabia coisas a meu respeito através dos noticiários de jornais e da TV, mais querendo se inteirar do *Incidente em Varginha* antes mesmo do dia da palestra marcada para a noite de sábado. Diziam alguns terem ido ao Congresso movidos muito mais pelo interesse despertado em relação ao *Incidente em Varginha* do que sobre os outros agendados para apresentação. Quanto a isto sentia-me bastante desapontado se o Congresso estava aberto a outras palestras com assuntos extremamente interessantes. Delicadamente expunha isso às pessoas.

Finalmente a noite de sábado chegou. Após a nossa preleção, até entrarmos no *Incidente em Varginha* propriamente dito, tivemos que abreviar ao máximo a nossa fala porque o assunto, sendo um pouco extenso, não caberia no prazo que nos deram, pois logo em seguida haveria o jantar de confraternização com hora marcada num restaurante. No entanto, comprometi-me com o público que, em havendo uma oportunidade cedida pelos organizadores do Congresso, no dia seguinte, domingo, poderíamos prosseguir na parte da tarde.

E nesse jantar de confraternização o Ubirajara, ao demonstrar o desejo de ser fotografado ao lado de determinadas pessoas importantes no cenário da Ufologia mundial, sugeriu que eu os abordasse pela minha facilidade com o inglês, enquanto o Claudeir batia as fotos.

Mas, no dia seguinte, cedo, Ubirajara teve de ausentar-se de Curitiba por razões pessoais, ficando eu sozinho.

Pela manhã, alguns estrangeiros, tendo problemas com a tradução no auditório do Congresso, e cientes de que eu poderia fazer uma palestra em separado para eles, em inglês, pediram-me que repetisse tudo o que eu dissera no dia anterior, antecipando o que eu iria proferir na parte da tarde. Fui para o hotel onde estavam hospedados Stanton Friedman, Graham. Birdsall, John Carpenter.

Ligaram as filmadoras fixadas nos tripés, ouviam atentamente e anotavam muitas minúcias do que eu dizia em relação a todo o Incidente de Varginha resguardando os nomes dos meus depoentes porque não havia nenhuma pressa nem tempo marcado para terminar. As vezes, um ou outro interrompia. A minha fala para alguma pergunta, quando pude dirimir as dúvidas.

Foram duas horas de explanação e hoje acredito que todos eles levaram as informações para seus respectivos países na mais fidedigna exposição que pude fazer.

Na parte da tarde e com tempo extra conseguido, subi ao palco e concluí *o Incidente em Varginha* contando com o apoio dos amigos e companheiros que estiveram conosco: Marco Antônio Petit, Gevaerd, Edson Boaventura, Jamil Vilanova, além do Claudeir Covo, claro.

De retorno a Varginha, meu parceiro e eu decidimos fazer uma incursão noturna no local onde o estudante Ildo avistara a criatura peluda na noite do dia 15 de maio. Estávamos

cientes da existência de muitas cobras pelas informações do Eurico. E o proprietário das terras não objetara quanto a nossa intenção.

O Claudeir Covo mostrou-se interessado em participar, justo naquele mesmo dia teria de estar no programa da Sílvia Popovic, na TV Bandeirantes de São Paulo. Antes, havia-nos sugerido que *o incidente em* Varginha, a ser abordado no programa, devesse ter alguém para expô-lo. Como não podíamos ir, ficou a cargo dele, residente que é em São Paulo e também companheiro nosso nas várias e oportunas vezes que participou conosco das pesquisas.

Pegamos as nossas tralhas de acampamento e as armas: um 38 que Ubirajara herdara de seu pai e a minha semi-automática 9mm, Browning. Estava preocupado com o parceiro por ele não ter tido nenhuma experiência ou treinamento de tiro e, caso deparássemos com um sério imprevisto, não teria nem como imaginar a reação dele.

Chegamos de carro e o deixamos estacionado de frente para a estrada propositadamente para o caso de uma retirada súbita não ser preciso manobrá-lo. Subimos o morro até o topo, em meio a uma escuridão completa, não havendo luar naquela noite e as copas das árvores serem muito fechadas. Com as lanternas nas mãos, mal avistávamos as trilhas e os atalhos pois a cerração àquela hora e em alguns pontos parecia nos espreitar.

É evidente que não estávamos com o propósito de atirar no que víssemos. Seria o último recurso e apenas para nos proteger. A pretensão mesmo fora que, ao nos instalarmos ali, passássemos a noite perscrutando nos ruídos característicos da mata algo a nos revelar surpresa. Mas os minutos foram se fazendo lentos, tiquetando espera. Alongávamos conversas enquanto as horas pareciam adormecidas. O tempo tiritava de frio. Das 20h30 até quase 3h00 ouvíamos o rumor do vento nas ramas e alguns chilros de aves noturnas. E minhas divagações se estenderam para muito além daquele ambiente hostil. O que poderia fazer ali ou em qualquer lugar naquela região uma criatura desviada de sua rota? Fora de seu habitat natural, fosse onde fosse, o que estaria pensando? E, se pensasse, como se sentiria? Nós, com os nossos precários meios de defesa, de certa forma estávamos seguros, pois a algumas centenas de metros abaixo tínhamos o nosso veículo estacionado à espera de que fôssemos embora e retornássemos às nossas casas. Mas, e ela? Em qual objeto voador? Qual casa? Em que lugar? E em que onde? Confesso ter sentido agonia sem descrição. Uma angústia sem nome. E todo o vivido até então nas pesquisas desses quatro meses me veio à mente, mais por sentir a solidão de cada uma das criaturas e o que a elas aconteceu.

Pacaccini! Pacaccini! Ubirajara chamou-me. Sim!?

Acho que devemos ir. Agora?

É. Tá tudo muito calmo. Se a criatura estivesse por aqui teria movimento na mata. O que acha? São quase três horas.

Concordei. Aos poucos juntamos as nossas coisas e empreendemos a descida. Afora o receio do imprevisto, nada nos ocorreu. Entramos no carro e partimos. E assim, deste mesmo modo e por inúmeras vezes nos meus dezoito anos de pesquisas ufológicas, mais

uma noite de vigília pude viver com intensidade. Muitos teriam desistido, mas, para mim, a perseverança é a maior aliada da realização de qualquer objetivo.

Retornei a Varginha depois do almoço. Havia deixado Ubirajara em casa, indo para Três Corações naquela madrugada.

Claudeir Covo veio de São Paulo e nos encontramos na casa do parceiro.

Recebemos o telefonema de um militar de outro Estado, comentando não poder silenciar-se diante do que sabia dentro da FAB. Disse apenas da queda do objeto voador o *"submarino" e* de ter sido resgatado também por militares.

Como estávamos conversando por telefone, corríamos o risco da possibilidade, àquela altura dos acontecimentos, de estar o aparelho do Ubirajara com escuta. O parceiro disse a ele a respeito de minha residência em Belo Horizonte, quando perguntou sobre a época em que eu iria para lá, pois pretendia visitar uns parentes que moram na Capital; bastando coincidir as datas, que nos encontraríamos. Anunciou o meu regresso para breve, e que eu entraria em contado, desde que ditasse o número dele ou algum outro para recado. Assim foi feito.

Vimos através da imprensa escrita, falada e televisiva a história de um "lobisomem" na zona rural de Passos, no Sul de Minas. Ficamos atentos, porque, segundo o relato dos noticiários, tratava-se de uma criatura peluda e que havia atacado quatro pessoas na mesma região, em dias distintos, mas sempre à noite.

Conversei com o Ubirajara sobre a possibilidade de irmos averiguar, mas, por estar ocupado com seus processos na Junta Trabalhista da Comarca de Varginha, resolvi deslocar-me para o local com o meu também parceiro e amigo Claudeir Covo.

No dia seguinte ele chegou. Estabelecemos um roteiro do que faríamos em Passos, a duas horas de carro de Varginha, e seguimos viagem. Ao chegarmos, ainda na parte da manhã, nos encontramos com Luciano Olímpio dos Reis (19 anos, 1,93m). Ele nos contou que no final de maio não soube precisar o dia, passava das 23h00, com a noite escura, retornava a casa por uma estrada de terra, quando surgiu entre as árvores, rente à cerca de arame farpado margeando o caminho, uma criatura peluda, andando em sua direção.

Só podia ser um lobisomem! Disse, não tendo outra referência comparativa.

E atacou você?

Fez um tipo de rosnado que eu nunca ouvi de animal nenhum e também não sei imitar, e veio pra cima de mim. Na primeira investida me rasgou a jaqueta e minha camisa com aquelas unhas afiadas, iguais às de gato. Aí eu caí pra trás direto no chão. Mas ao cair chutei o peito dele, que se desequilibrou, dando um salto pra trás. Levantei do chão e corri, com ele me perseguindo e me derrubando de novo.

Era alto como você?

Mais baixo. De um metro e setenta mais ou menos. Mas aí eu tinha caído e ele avançou pra cima de mim. Chutei ele de novo na altura do saco, e, enquanto ele se esfolegava pra lá tornei a me levantar correndo no rumo da casa da dona “Tita”, lá perto. O cavalo que estava do lado de fora levou o maior susto e galopou pro outro lado. O bicho então correu atrás dele e eu pulei o muro, batendo na porta e pedindo socorro. Foi só isso, mas os arranhados ficaram no meu peito!

Perguntamos mais sobre a criatura, não tendo informações. Luciano disse de outras pessoas terem passado pela mesma situação igual à dele. Era só encontrar cada um e conferir. Mas estávamos necessitados de voltar porque passava das 16h00, iríamos lanchar e o Claudeir retornaria a São Paulo imediatamente após ter-me apoiado em mais esta etapa das investigações, sendo ele de um dinamismo admirável. Ainda insisti na pergunta igual a que fiz ao Ildo:

Não podia ser um tamanduá, pelas garras afiadas e ser alto quando em posição ereta?

Foi não, sô! Tamanduá é peludo, mas tem um focinho cumprido demais pra gente perceber, mesmo no escuro. E acho dele não ser bicho que corre e empurra. A fazer desse jeito ele ataca é de vez.

E não seria um macaco?

Que o quê! Pra macaco tinha de ser era um gorila, mas não existe ele pras bandas de cá, não. E se fosse, aí o bicho que pesa pra mais de duzentos e cinqüenta quilos tinha era me massacrado de vez!

Afinal, que bicho você pensa que era?

Pra mim foi lobisomem mesmo. Ninguém me tira isso da cabeça.

Entendemos que poderia ter sido uma criatura ainda não classificada, e nem pertencendo ao nosso meio, exatamente por ser peluda. Recorro à lembrança das que Toninho e o Ildo avistaram. Têm igualdade nas descrições e certamente estarão desenvolvendo algum tipo de atividade no Sul de Minas.

Antes de retornarmos pedi ao Luciano se poderia fazer um desenho, ainda que rústico e modesto, tirado de sua memória, do que de fato avistara.

Sei fazer isso não, se num vi ele direito. Além do que o meu susto era grande demais pra eu ter uma fotografia dele de cabeça. É lobisomem sim, e, isso, a gente já sabe como é que ele é.

Na semana seguinte Ubirajara, em companhia de Marco Antônio Petit, empreenderam viagem a Passos entrevistando as três pessoas vizinhas umas das outras na região rural, e que vivenciaram os mesmos encontros noturnos e em situações semelhantes à do Luciano, mas, todos alegando o escuro da noite na impossibilidade de descrever com clareza as

características dessa criatura, apenas concordaram em ser peluda, de unhas grandes e um comportamento diferente dos animais conhecidos.

Capítulo 17

Na escala cósmica, só o fantástico tem
probabilidade de ser real.

Theilhard de Chardin

Como estávamos atentos à possibilidade de um dos nossos informantes descobrir qual era a família do militar falecido, quando ele nos ligou anotamos o nome e o endereço. Estávamos no final do mês de Junho, em torno do dia 20. Disse ao parceiro da minha intenção de ir procurá-los num sitio afastado do centro de Varginha onde a família reside.

Manifestei vontade de irmos naquele dia mesmo. Ubirajara não podia porque teria de dar aulas. Então, que eu fosse e o procurasse depois, à noite, na faculdade.

Lá chegando, fui identificado por todos devido aos vários noticiários em que apareci. Apresentei-lhes meus pêsames e perguntei sobre o que o filho havia dito antes de seu passamento, justificando que um colega dele, de farda, havia conversado comigo sobre os incidentes. Numa surpresa inesperada com a informação que lhes passava (inclusive dizendo quase num resumo sobre todos os acontecimentos), entreolharam-se, entendendo a seriedade da minha presença que, não fosse por um motivo maior não teria acontecido. A mãe, dona "Geralda", tomou a palavra, mencionando que no dia 20 de janeiro, seu filho, um P2 do serviço de informação da PM, estivera em missão. E que na noite da grande chuva ele fora a casa para trocar de roupa porque estava sujo e muito molhado. Um carro de cor branca, oficial, sem a pintura que o caracteriza pois era usado somente pelos P2 ,o levara e o aguardara na porta. Ela ainda perguntou se ele teria de sair novamente, quando confirmou estar em missão muito importante, retornando somente de madrugada.

“Francisco", o pai do rapaz falecido, é motorista. Disse-me que antes mesmo de acontecerem os primeiros boatos na cidade e do Ubirajara soltar as ainda incipientes informações na imprensa, ter conversado com o filho exatamente comentando o que achava do assunto de extraterrestre na cidade. Teve como resposta a quase ordem ao pai, não poder comentar com ninguém sobre o assunto, pois tinha certeza daquilo ser apenas o começo de uma grande confusão! Vai dar muito rolo, pai! *Você pode esperar pra ver* disse ele.

A avó, dona "Benedita", presente na sala, comentou comigo que ao surgirem as primeiras reportagens no noticiário local mencionando sobre extraterrestres em Varginha, lembra-se muito bem da noite em que estava na casa do neto. Assistiam a televisão ela, o neto militar e a esposa dele, quando o noticiário abordou o assunto. Imediatamente o neto ergueu-se do sofá e desligou o aparelho, dizendo: *Não assistam isso, que é isso é bobagem!* Assim, num repente, demonstrando enorme aborrecimento como se a ele tal notícia o afetasse diretamente, embora sua atitude fosse incompreensível para a esposa e a avó. Mas não será porque ele próprio já estava impressionado?

No momento não pensei na sensação ou advertência sobre o que viria a acontecer. Depois, refletindo melhor ponderei comigo mesmo o porquê daquela frase. Teria tido o jovem e saudável militar de vinte e poucos anos um envolvimento direto na operação de uma das capturas? Estranho demais era o fato de; passados alguns dias após o dia 20 de janeiro quando no período da noite ocorreu a segunda captura , o rapaz vir a adoecer arrebatado de forte febre e sem motivo aparente. Se fosse devido à chuva e Ter-se molhado, ainda assim uma forte gripe ou mesmo uma pneumonia não o teria derrubado a ponto de prostar-se, perecendo visivelmente num leito de morte dentro da UTI do Hospital Regional. E a família, por sua vez, não obtendo nenhuma informação médica enquanto o rapaz perdia os movimentos das pernas e dos braços, alimentando-se com alguém a ajudá-lo a pôr o alimento na boca, vindo a falecer sem que médico nenhum esclarecesse a causa, o motivo, a infecção generalizada... apenas recomendando um velório com a urna lacrada, de modo rápido e providenciado o enterro poucas horas depois.

Nesse momento disse aos familiares sobre o militar que havia me procurado pedindo dinheiro para nos passar certas informações; e de ter comentado comigo do fato de um outro militar que, na noite da captura, ter tido contato muito próximo com a criatura, vindo a falecer dias depois porque fora contaminado com algum microorganismo.

Ficaram boquiabertos. Intrigados. Suspensos no ar dos seus sobressaltos. Ali, naquele momento entre eles, eu nada mais poderia fazer. Conversamos um pouco e despedi-me com a promessa de voltar a vê-los.

Fui à faculdade e expus ao parceiro o teor da nossa conversa. Achei por bem que ele, como advogado, fosse comigo no dia seguinte para conversar com os familiares.

Não passava das 09h00 quando lá chegamos. Dona "Geralda" nos recebeu, chamando o senhor "Francisco". Outros filhos se achegaram a sala, inclusive a viúva. Escutou as particularidades pertinentes ao assunto e expôs a eles ser cabível, sim, uma ação indenizatória contra os responsáveis, explicando como a família deveria agir. No entanto tal fato requeria uma delicada investigação preliminar, pois o finado, sendo militar e em cuja missão de trabalho poderia ter tomado contato com algo que velo a vitimá-lo mais tarde, a família teria de ter certeza absoluta quanto ao seu envolvimento na captura de uma criatura por demais sabida de sua existência mas sempre negada tanto pelo Corpo de Bombeiros, pela Polícia Militar, o Exército, como pelos hospitais envolvidos no acontecimento.

Nos dias seguintes fiquei matutando umas perguntas cujas respostas não sei dizer ainda hoje. Será que o militar, de fato, participou da captura e sua causa mortis brutal e inexplicada fora por contaminação com a *criatura*? Teria sido este o motivo por que apressaram o sepultamento? Ao negarem a passagem da criatura nos dois hospitais, principalmente no Humanitas, seria somente por motivos de segurança ou preocupação com a comunidade, não freqüentando mais aquelas dependências? Ou seria por medo de tal fato vindo ao conhecimento público, trazer prejuízo de ordem financeira catastrófico?

Negar foi o verbo mais fácil na conjugação das coberturas e dos desmentidos. Mas em uma *oração* o *sujeito* é mencionado mesmo que oculto para a melhor interpretação da redação final... e, neste caso, uma inverdade!

Em função dos contatos que travei com os estrangeiros no congresso de Curitiba, o físico nuclear Stanton Friedman pessoa muito solicitada pela mídia americana e canadense comentou em um programa de uma rede de televisão americana o incidente em Varginha, dando ênfase a tudo o que eu dissera a ele naquela reunião feita no hotel, domingo pela manhã. A produtora deste programa exibe-os no canal a cabo, F0X Entraram em contato comigo por telefone por seis vezes em Belo Horizonte, quando eu já havia retornado às minhas atividades profissionais. A cada contato pude explicar pausadamente, em inglês, todo o ocorrido em Varginha. Como havia o aval de ufólogos mundialmente conhecidos, se deslocaram rumo a Varginha e nos encontramos lá, quando gravaram um especial para ir ao ar no mês de novembro ainda deste ano, na América do Norte.

Avisei o Claudeir Covo e o Marco Antônio Petit, que em minha companhia e de Ubirajara refizemos com eles o sempre roteiro das visitações e entrevistas.

Interessante foi, ao serem feitas as tomadas de cena do Hospital Regional, encontrarmos um médico cujo nome Claudeir e eu vamos preservar, a dizer-nos que realmente houve a passagem da criatura por lã, mas a direção do hospital mantinha silêncio, porque o momento não era adequado para mencionar o assunto, podendo o mesmo ser divulgado somente quando do interesse deles e para o futuro.

Terminadas as filmagens, a equipe nos parabenizou pelo trabalho realizado e partiu. Também voltei para Belo Horizonte. O que pude fazer nas investigações o fiz com dedicação e zelo. Mas as minhas responsabilidades profissionais relegadas a segundo plano começavam a prejudicar-me. Estava quase que começando tudo outra vez.

Necessitado de retornar alguns dias depois a Varginha, Ubirajara contou-me que a família do militar falecido entrara na Justiça com um processo indenizatório contra os responsáveis. Mas que ninguém dentro do Fórum dava notícias a ele sobre este processo. Ao procurá-lo, fui com ele e o encontramos estranhamente ainda na Delegacia de Policia. Meu parceiro, sendo advogado, pediu vistas. Após estudá-lo entendemos que o mesmo estava fadado ao arquivo considerando as irregularidades nele existentes.

Procuramos o senhor "Francisco" e dona "Geralda" informando-os da ocorrência. No dia seguinte eles consultaram o processo encontrando nele sérias contradições, a ponto de discordarem de várias partes. A principal é a de que o laudo de necropsia até hoje não foi anexado ao processo. Afinal, por que razão? Em um dos laudos laboratoriais, sim, consta *pequena quantidade tóxica "*no organismo do militar. Quanto a Isto lembramo-nos de que também cinco saudáveis animais do Zoológico tiveram morte súbita, com a autópsia realizada pelo médico veterinário Marcos Mirna revelando que em um dos animais havia "*substância" tóxica desconhecida"* e, nos outros quatro, *"nenhuma definição"*. Estranho! Muito estranho! Mas continuaremos atentos, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos. Um dia, mais para dentro do tempo, certamente a verdade nos mostrará o quadro real... ainda sob esta evidência surrealista...

Com o andamento das nossas investigações, comentei com o Ubirajara do quanto seria bom se pudéssemos pelo menos para o nosso entendimento melhor da região de Varginha fazer

um vôo de reconhecimento. O parceiro concordou plenamente com a minha idéia e, sempre dinâmico, entrou em contato com um empresário seu amigo, dono de um bimotor Sênica. Marcamos a data e o horário com o seu piloto particular, chamando o Claudeir Covo para vir juntar-se a nós em mais esta etapa.

Durante uma hora sobrevoamos grande área, observando os pontos principais onde os vários fatos do *Incidente em Varginha* ocorreram. Assim, pudemos conhecer o relevo e a mata, derivando deste vôo o mapa apresentado nas páginas 54 e 55.

Era início de Julho e, já estando em definitivo em Belo Horizonte, liguei para outro Estado entrando em contato com o militar da FAB que nos havia ligado, avisando da nave ter caído. Disse-me que dentro de três dias no máximo teríamos um encontro pessoal, pois necessitava mesmo de estar em Belo Horizonte para tratar de assuntos particulares.

Nosso encontro se deu no meu apartamento, quando pude gravar o depoimento dele, de mais de uma hora, onde expôs que naquela ocasião, do mês de janeiro, vários OVNIs estavam sendo detectados por radares do *CINDACTA* e outros radares do Rio de Janeiro, dizendo que não era novidade nenhuma porque vários pilotos comerciais estavam relatando luzes no céu seguindo suas aeronaves e quem deu o alerta sobre o objeto caindo em Varginha fora o governo americano que tivera a oportunidade de através dos seus satélites trilhar a trajetória desses objetos quando ainda estavam na estratosfera. Eram vários objetos que se dispersaram pelo planeta. Alguns vieram para o Brasil, mais precisamente para o Sul de Minas. Avistado pelos radares americanos através de um ponto luminoso que eles chamam de plot de repente este mesmo plot sumiu na tela do visor. Os oficiais controladores de vôo tiraram duas conclusões: ou o objeto pousara, não decolando; ou de fato caíra. De posse dessa informação, os americanos avisaram o ***CINDACTA*** que, por sua vez, comunicou-se com os comandos das Forças Armadas Brasileiras que imediatamente fizeram um levantamento sobre qual a unidade militar estaria mais próxima do local e apta para entrar em ação. Assim a ESA foi a indicada, ainda mais porque é uma unidade militar voltada para operações de campo, ou seja, operações de infantaria.

Outra informação é que oficiais americanos treinados para lidarem com este tipo de situação se deslocaram para o Brasil na ajuda do desmonte do objeto que não chegou a se espatifar ou explodir violentamente, resultando em centenas e milhares de destroços. Neste momento me veio a mente a explicação do casal Eurico e Oralina sobre o demorado e lento vôo do "submarino" a cerca de quatro metros de altura do pasto, numa propriedade rural, a poucos quilômetros de Varginha. Naquela ocasião achávamos que o objeto estivera se camuflando em meio a fumaças, no intuito de desovar as criaturas para algum tipo de coleta de material no solo, embora jamais tivéssemos descartado outras possibilidades. Mas, com o militar depondo estes fatos, tudo se aclarou, dirimindo as dúvidas restantes. Esse objeto estava prestes a cair. Não fora propositada, portanto, a fumaça que Eurico e Oralina descreveram. Certamente as criaturas do espaço procuraram um local adequado onde pudessem pousar, cientes de que o objeto não voaria por mais tempo. E a descrição do casal coincidia com aquela *"chispa de fogo",* querendo dizer claramente para nós da situação iminente do objeto em queda, para além da fazenda onde moram, na mata cerrada estendendo por mais de quatro quilômetros até Varginha, onde começam os novos bairros periféricos. Entre eles está o Jardim Andere, construído num corte da mata, porque além do

bairro existe a linha férrea e o restante da mata onde tudo começou com a primeira criatura sendo capturada pelos soldados do Corpo de Bombeiros e entregue ao Exército.

Mais disse ele em seu depoimento, conhecer vários oficiais que servem na ESA e que são seus conhecidos cujos nomes conservo sob sigilo. Todos confirmaram terem sido testemunhas visuais dos destroços do objeto que chegaram até o quartel dentro de caminhões, tendo sido depois despachados para algum ponto do Instituto Aéreo Espacial de São José dos Campos, em São Paulo; ali estiveram o Secretário de Estado Norte-Americano, Warren Christopher, e o diretor da NASA, Daniel Goldin, além de funcionários da própria Nasa. Quanto a isto o militar fora muito claro e seguro.

Mas a partir destas informações, comecei a perceber o quanto difícil será prosseguir as pesquisas neste labirinto "oficial". Até onde pudemos chegar o fizemos com êxito absoluto. Mas as portas estarão cada vez mais estreitas para nós; as janelas se fecharão; nenhuma greta existirá para olharmos. Ainda assim prosseguiremos. Outros ufólogos também. Um dia a verdade virá à tona de modo claro e límpido, quando todas as pessoas envolvidas nessa desastrosa operação de acobertamento, acreditarem-se vencedoras por haverem nos subestimados.

Capitulo 18

O mito (dos discos voadores) é um modo de pensar
que parte do princípio de que, se não compreende
tudo, não se pode explicar coisa alguma.

Claude LéviStrauss.

Que a vida nos surpreende não é novidade. Por isto, não poderíamos deixar de mencionar o estranho a nosso ver extraordinário caso que pudemos recolher dos arquivos filmados de Ubirajara, contendo o admirável depoimento do senhor Geraldo Simão Bichara, hoje residente em Varginha, e proprietário de um salão de cabeleireiro, mas que em 26 de agosto de 1962 fora abduzido, e cuja particularidade foi ter o fato acontecido dentro das instalações da ESA!

Sendo militar na época e estando em serviço naquela noite, às 24h00 substituíra, na vigilância de rotina, o seu companheiro de guarda no paiol das munições. Passados poucos minutos de haver-se posicionado em seu posto, todas as luzes da cidade se apagaram. Inclusive as do quartel e das imediações. E surgiu sobre sua cabeça uma luz circular, parecendo holofote, com aproximadamente doze metros de diâmetro. Ao assustar-se com aquilo pensando ser um aparelho russo (e aqui é necessário relembrar que no ano de 1962 estávamos no auge da guerra-fria entre as duas grandes potências mundiais, a União Soviética e os Estados Unidos), quis dar um tiro de alarme, mas sentiu-se completamente imobilizado. Conseguia apenas ver e ouvir o que estava acontecendo. Intentou o grito para chamar seu companheiro Mauro, enfermeiro do dia na veterinária, mas o grito ficou retido na garganta. Quis correr, não conseguindo mover-se, paralisado que estava. Neste ínterim, observou o facho de luz até então direcionado sobre ele mover-se com lentidão e em silêncio para o lado da farmácia, causando forte vibração nas quatorze portas metálicas do

setor de Engenharia e sobre os canoões metálicos guardados no estaleiro, ha quarenta metros de onde se encontrava. Ao clarear as copas das árvores e chegar aos potreiros, todos os cavalos de montaria fechados em suas baias e até os animais doentes necessitados de cuidados diários relincharam em brusca reação, ensaiando coices, com alguns enfurecidos chegando a rebentar as correntes da baía, no peito. E a luz prosseguiu pela capineira até chegar ao leito do rio Verde, apagando exatamente quando a cidade voltou a iluminar-se.

No entanto, havia um período de duas horas que ficaram bloqueados na mente dele. Por mais que tentasse explicar a si e aos outros, não conseguia. Estivera cambaleando no posto da guarda. Após várias seções hipnóticas com regressão de memória, o seqüestro veio à tona.

Soube que, ao olhar para cima, avistara um objeto pairando a uns seis metros de altura de onde estava e do qual desceram duas escadas de cor laranja avermelhadas até atingirem os paralelepípedos. Por elas desceram dois seres trajando um tipo de macacão inteiriço com ambos usando estranhas carapuças. Um deles aproximou-se do militar, pegando-o pelo braço com uma luva morna, enquanto o outro permaneceu numa espécie de vigília. Ele, Geraldo Bichara, e quem o segurava começaram a flutuar em direção à luz, rumo às escadas, e numa delas colocou o pé direito, calçado com o coturno, no segundo degrau. O ser, com a outra mão, segurou o degrau na altura da clavícula e a escada foi recolhendo-se e elevando-os para dentro do objeto. O outro permanecia no chão, acenando como se estivesse a afugentar insetos como mariposas pousadas em sua roupa, mostrando-se preocupado até quando os dois entraram no objeto. No mesmo instante em que pisaram o assoalho, a escada voltou a descer.

Geraldo Bichara olhou no rosto de seu seqüestrador nada avistando senão, no lugar dos olhos, dois buracos escuros onde não se distinguia o normal dos olhos humanos: o branco ao redor da pupila e a íris. Apenas algumas fagulhas e riscos brancos. Neste momento começou a sentir-se tonto, a visão escurecendo e perdeu a consciência. Quando retornou à percepção do que lhe ocorria não soube precisar o tempo em que estivera assim. Encontrava-se deitado numa espécie de prancha saindo diretamente da parede do objeto, podendo observar que sobre sua cabeça havia uma espécie de chuveiro com uns bicos apontados para baixo. Atordoado e com forte dor de cabeça, ainda percebeu o aparelho recolher-se para dentro da parede do objeto quando nele foi colocado uma espécie de microfone e uma aparente rede, refrescando sua cabeça, mas tornando o ambiente frio como se estivesse numa câmara frigorífica. Neste momento sentiu um cheiro que veio a comparar a folhas de café amassadas. Também, outro cheiro, pior, de amônia, chegando a passar mal, quando começou a aparecer em sua boca uma espécie de gosma branca, causando-lhe muitas náuseas. Pediu água aos seres a seu lado na intenção de poder lavar a boca mas não lhe deram confiança, continuando a fazer somente o que era de seu Interesse.

Inquieto, olhou para o lado esquerdo, avistando um visor de aproximadamente 40 por 40 centímetros, com um sinal acima, em alto-relevo, na aparência de uma cruzeta de cor preta. À sua frente, havia outro visor maior, de uns 80 por 2 metros, no qual e através dele pode avistar outros compartimentos com vários tripulantes usando uniformes iguais aos que foram buscá-lo em terra. E um absoluto silêncio existia naquele local. Sabia cada um deles exatamente as tarefas por fazer.

Geraldo tinha a boca espumante e os olhos irrequietos. Ao tornar-se agressivo, observou a um canto daquele compartimento o seu fuzil com a bandoleira e o sabre cravado. Teve o ímpeto de pegá-lo, mas, ao deixar aquele estrado feito cama, sentiu faltar-lhe a força necessária para erguer a arma. Segurou na bandoleira, que não se soltou. E um tripulante veio a seu encontro, acenando para que o fuzil lhe fosse devolvido. Percebendo inúteis as tentativas através de sinais, afastou-se do recinto, reaparecendo em companhia de mais dois outros, sendo um deles careca, de cor muito branca e com o uniforme completamente diferente dos demais. Ao aproximar-se de Geraldo, este foi entregando o fuzil sem que o estranho lhe pedisse. Mas fixando os olhos naquele que estivera sempre a seu lado, tornou a ver as faíscas e os riscos brancos, quando tudo se tornou escuro, e perdeu os sentidos.

Ao dar-se por acordado, cambaleava no mesmo local em que estivera, no posto da guarda. Muito confuso, andando com dificuldade, ainda observou os dois tripulantes de regresso ao objeto, com cada um segurando as escadas a recolher-se. Num átimo, viu-o afastar-se, tomando a direção da direita de onde se encontrava, onde é o bairro Santa Tereza. Ali, Geraldo Bichara avistou, pairado mais acima que o anterior, um outro objeto de grande proporção.

O comando mandou que todos se calassem e até hoje negam esse incidente. Mas é interessante ressaltar que várias pessoas na cidade lembram-se deste *blackout,* sendo que algumas, chegaram a avistar o objeto discóide e de cor prateada voando em brilho intenso sobre a cidade de Três Corações.

A ESA já é nossa velha conhecida...

Terminamos aqui o *Incidente em Varginha* até onde pudemos chegar. Como pode ver o leitor, não existe um final. Enquanto houver nuvens plúmbeas na Ufologia e principalmente no caso em questão, as pesquisas irão prosseguir, pois esta é a nossa tarefa. Mas haverá um momento em que todas as coisas retornarão ao circulo mágico da vida, assim como há o tempo de plantar e de colher; de conquista e de entrega; de procuras e encontros... também haverá o momento de tudo o que foi escrito poder ser visto e comprovado!
E as *criaturas...* capturadas e "soltas"... onde estarão?

<u>Considerações</u>

O homem não está acabado. Está à beira de uma formidável mutação que lhe dará os poderes que os antigos atribuíam aos deuses.

L. Pawels

A religião do futuro será cósmica e transcenderá um
Deus pessoal, evitando dogmas e teologia.

Albert Einstein

Há momentos na vida que, sem explicação convincente ou qualquer justificativa, nós nos desviamos dos nossos caminhos e nos deixamos seguir pelos atalhos da intuição a nos conduzir por lugares sempre inimaginados. É nessa viagem interior que vamos à solta, desprotegidos e irrequietos com nós mesmos. E quase sempre, ao nos perdermos pelos labirintos do mais profundo nosso, aprendemos um pouco mais sobre a natureza do ser humano. Há, nele, um desejo vário deixando-o ansioso por querer encontrar o que nunca perdeu; buscar o que jamais procurou; conhecer o que jamais ousou. E por angustiar-se algumas vezes em meio a sua aparente fragilidade, ainda assim atribula-se na inquietação sobre o porquê dessa inefável procura. Não será porque em nós pulsa a Vida presenteada todos os dias como o maior privilégio advindo do Supremo Criador de Todas as Coisas?

A isso poderíamos dar os mais diversos nomes: curiosidade, insatisfação, procura, busca, destino, e tantos outros rótulos subjetivos. Creio, no entanto, que nada é casual. Uma força desconhecida em nós nos move. Somos parte de um todo e nos moldamos na inconsciência coletiva. Caminhamos porque somos iguais a todas as pessoas que também se locomovem de um ponto a outro durante a brevíssima existência dentro do Tempo. Mas, o que fazer nas paragens do caminho? O que colher para, um dia, levarmos conosco, como um bem maior, um prêmio, uma prova de nossa passagem por este caminho e para um outro onde, que com certeza devemos ir se a vida é curta demais para ser pequena?

Creio ser devido a nossa tenacidade, do nosso esforço em, ao estar vivendo, compreender as próprias filigranas da Vida. E, através delas, deixar transcender a retidão dos propósitos e a honestidade para com os nossos princípios ante nossos semelhantes.

O que teria acontecido se o objeto voador não tivesse caído, mas apenas sobrevoado Varginha e seguido viagem? De onde vieram, para onde estavam indo as criaturas? E o que faziam exatamente ali? Mas, caindo, foi por ataque de força aéreo-terrestre? Causa de defeito apenas? Teria ocorrido combate aéreo com outro objeto não identificado, de facção inimiga, também com interesses no nosso Planeta?

O que teria acontecido se Kátia, Liliane e Valquíria não tivessem desviado seus passos, na procura de um atalho, e avistarem, sem propósito, a um canto de um muro, uma criatura assustada? E quem era ela? E por que ela?

Se, para mim, o infinito é dentro de Deus, então não haverá mistério algum que Ele jamais não possa explicar. A nós, no entanto, que sentido há na inquirição perplexa sobre o desconhecido, se nem a nós mesmos nos percebemos como minúscula partícula de um Todo?

Somos especuladores do Tudo e muito pouco compreendemos do Nada. Não paramos para a simples contemplação da vida nas plantas, nos rios, nos pássaros, enfim da Mãe-Natureza. Estamos sempre ocupados vindo de nenhum lugar com destino a lugar nenhum. Absurdamente à cata de um mapa, de um roteiro, de uma passagem que possa nos dar um norte aos nossos rumos desvairados. Mas, tropeçamos no Tempo. E, caídos na Terra, tivemos que cuidar dos nossos ferimentos, porque a Terra, a nossa Terra, parece não ser a do nosso agrado, não nos *servir,* não nos *contentar.*

Temos os nossos problemas "caseiros" a resolver e nunca nos entendemos como uma família somente. E por que será que os vizinhos do espaço nos cercam há milênios? Será para ajudar-nos ou pedir silêncio pelo barulho das bombas inclusive atômicas que andamos soltando no "quintal da nossa casa", num festim diabólico?

Às vezes nos surpreendemos com certos fenômenos de fora e passamos a julgá-los como se fossem apenas fantasias ou alucinações de nossas mentes, enquanto achamos graça da nossa própria tragédia humana aplaudida pelas grandes nações que, ao depararem a fome do mundo, as doenças do mundo, as guerras do mundo, preferem tapar os olhos para não se verem envolvidas em suas pequenas grandezas, se preferem desconsiderar a própria raça humana que, se por um lado vem-se dispondo, a duras penas, a enormes transformações pacificas tanto na Arte, na Música, na Literatura, quanto na tecnologia de ponta, além do psicossocial; por outro lado elas não passam de agrupamentos beligerantes com preocupações armamentistas, receosas de alguém vir a ser melhor que o outro. E contentam-se com este empate de faturamento sobre a agonia do povo cujo dinheiro um dia de nada servirá.

Ora, assim, desse modo, não iremos a lugar algum. Pelo contrário, permaneceremos no sempre recomeço das nossas próprias mazelas. Cresceremos à medida da nossa pequenez se não pararmos para compreender que, se fomos forjados pelo mistério da Vida terrestre, outras vidas lá fora também o foram. Uns podem ser piores que nós, outros, melhores, se já superaram a necessidade do genocídio e cresceram.

Talvez tenha sido a primeira vez que as criaturas de Varginha vieram aqui, sem saberem onde estavam, nem qual seria a reação dos humanos ao encontrá-las.

Talvez possam ser seres inteligentes que chegaram a Terra pela primeira vez e, por um incidente, não tiveram mais tempo de retorno e nem sorte no confronto com a nossa reação hostil face ao insólito, ao inexplicado.

Talvez por serem criaturas geneticamente alteradas, criadas por outros seres evoluídos, exatamente para cumprirem a missão de estudar nosso comportamento diante uma possível visita para nós sempre indesejável, se nos triunfamos por termos também pequenos deuses irados, travestidos de cientistas que, iguais crianças mimadas, futicam o não sabido nas experiências cuja radioatividade causa mutações que envergonham o nosso Criador.

Talvez apenas vieram coletar plantas e água, porque de onde são já acabaram com tudo assim como também, por ignorância, estamos exterminando as nossas reservas.

Talvez sejam seres biológicos, clones criados em grande quantidade com o intuito de vasculharem o espaço assim como já fizemos, enviando insetos, cachorro e macaco a passearem pelo desconhecido.

Talvez porque as criaturas sejam de uma população em algum "canto" do Universo sendo dizimadas por causa de algum vírus, bactérias ou algo terrível desse tipo e tenham-nos enviado os doentes para, quem sabe, encontrarem em algum ser vivo por aqui os anticorpos

necessários à cura de suas doenças... assim como estamos indo pelo mesmo processo de pesquisas para sarar as nossas terríveis doenças.

Talvez porque queiram fazer um aprimoramento genético, misturando genes de outras raças com os seus genes, na intenção de criarem uma raça superior e resistente da mesma forma que cientistas alucinados tentaram fazer o mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, buscando a supremacia da raça ariana.

A tudo, nada sabemos. Levantamos hipóteses como retiramos a poeira dos nossos casacos. Mas se nos dermos um momento sequer para uma reflexão isenta de preconceitos e tabus, havemos de nos indagar muito crédulos de que os viajantes do espaço também têm a idêntica similitude com a nossa: cabeça, tronco e membros. Se belos ou feios, grandes ou pequenos, eis apenas um conceito. Mas além da nossa vã filosofia... não seriam estas criaturas de agora, por exemplo, nós mesmos que, no passado ou no futuro, ainda nos contemplamos no espelho do Tempo?